



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

LAIANA FERREIRA DE SOUSA

**ENCONTRO COM AS MEMÓRIAS LEITORAS DO BIBLIOTECÁRIO CONTADOR
DE HISTÓRIAS**

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Izabel França de Lima

**JOÃO PESSOA
2017**

LAIANA FERREIRA DE SOUSA

**ENCONTRO COM AS MEMÓRIAS LEITORAS DO BIBLIOTECÁRIO CONTADOR
DE HISTÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa: Memória, uso e acesso à informação.

Orientador: Profa. Dra. Izabel França de Lima

JOÃO PESSOA
2017

S725e Sousa, Laiana Ferreira de.

Encontro com as memórias leitoras do bibliotecário contador
de histórias / Laiana Ferreira de Sousa.- João Pessoa, 2017.

132 f. : il.-

Orientadora: Izabel Lima de França.

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCSA

1. Ciência da Informação. 2. Mediação de Leitura e Informação.
3. Contador de Histórias. 4. Memória Leitoras. 5. Formação do
Leitor. 6. Leitura Literária. I. Título.

UFPB/BC

CDU – 002(043)

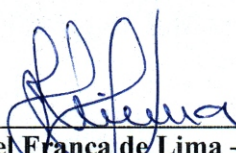
LAIANA FERREIRA DE SOUSA

**ENCONTRO COM AS MEMÓRIAS LEITORAS DO BIBLIOTECÁRIO CONTADOR
DE HISTÓRIAS**

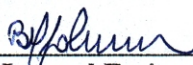
Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

22/03/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Drª. Izabel França de Lima – PPGCI/UFPB
(Orientador)



Prof. Drª. Bernadina Maria Juvenal Freire de Oliveira – PPGCI/UFPB
(Membro Interno)



Prof. Drª. Lidia Eugênia Cavalcante – PPGCI/UFC
(Membro Externo)

Prof. Drª. Simone Bastos Paiva – PPGCI/UFPB
(Suplente Interno)

Prof. Dr Luiz Tadeu Feitosa – PPGCI/UFC
(Suplente Externo)

À minha amada e querida mãe, **Maria da Conceição Ribeiro de Souza**, que sonhou comigo a cada realização e conquista, e que nunca mediu esforços para a minha formação pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

Ao meu **Deus**, que jamais me abandonou e sempre iluminou todo meu percurso acadêmico, deu-me forças para encarar as adversidades e me protegeu a cada partida e retorno.

À **Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**, pela oportunidade de estudar o Mestrado em Ciência da Informação, sobretudo pela acolhida e esmero concedidos durante minha estada em João Pessoa – PB.

À **Universidade Federal do Ceará (UFC)**, pela minha formação enquanto profissional e pesquisadora, por ter me concedido o prazer de vivenciar a extensão universitária e assim me aproximar da Mediação de Leitura.

Ao **Projeto de Extensão Grupo Convite de Contadores de Histórias**, coordenado pela professora Lidia Eugenia Cavalcante desde 2004, pelos anos dedicados a sensibilizar os ingressantes do curso de Biblioteconomia para o mundo das práticas leitoras. Também pelas formações e oficinas ofertadas, pelo fascínio em encantar as pessoas através da voz, pela oportunidade de me tornar uma Contadora de Histórias, por esta pesquisa, pelo meu caminhar.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, por financiar esta pesquisa.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFPB** e aos seus docentes e funcionários, pelos ensinamentos e trocas partilhadas, e aos serviços prestados quando solicitados. Aos meus amigos professores do PPGCI da Universidade Federal da Paraíba que fizeram parte da minha formação profissional e pessoal.

Ao **GECIMP (Grupo de Pesquisa, Conhecimento, Memória e Patrimônio)**, pelas discussões em torno da memória e dos encontros sempre recheados de partilha e companheirismo.

À minha **orientadora, Izabel França de Lima**, por toda sua generosidade e sensibilidade, por ter tornado essa produção algo prazeroso de ser construído. Agradeço, com grande admiração, pela maneira e a atenção com que ela conduziu a orientação, quando, mesmo silenciosamente, compreendia a dor que eu nutria com a distância da minha família. Pela dedicação e paciência de sempre acatar minhas ideias e escolhas, de ser assim tão humana, tão Izabel... jamais esquecerei.

À Professora **Bernardina Freire**, pelas oportunidades e o presente de conhecê-la. Levarei sempre comigo o brilho do seu olhar e amor pela sala de aula, sobretudo pelas histórias, memórias e recordações que deixava escapar hora ou outra. Sem dúvidas, suas aulas foram a minha grande realização de estar no mestrado. Obrigada pelo afago, carinho e doçura de sempre.

Como coorientação durante toda trajetória acadêmica, embora não oficial, não posso deixar de agradecer à professora **Lidia Eugenia Cavalcante**, por ter sido a minha fonte de inspiração desde o primeiro dia em que escolhi estudar Biblioteconomia, por ter feito parte da minha história pessoal e institucional, da graduação ao mestrado, contribuindo imensamente para a realização desta pesquisa. Por ter descoberto o meu amor pela arte de contar histórias, algo

que levarei para sempre dentro de mim, e pelo carinho e amor de sempre. Não tenho palavras para descrever minha gratidão.

A todos da minha **família**, que direta ou indiretamente fizeram parte dessa conquista. À minha **mãe, Conceição Ribeiro de Souza**, pelo incentivo e carinho dedicados ao longo desses anos. Por ser essa pessoa forte, determinada e guerreira na qual eu sempre me espelharei. À minha **irmã Luana Ferreira de Sousa**, pelas noites de discussões a respeito da formação leitora e pelo apoio e estímulo de sempre quando escutava as minhas inquietações. Pelo choro derramado a cada despedida, pela admiração, pelo amor. À minha **irmã Natália Ferreira de Sousa**, por toda torcida e apoio sentimental, por ter me dado de presente meu afilhado Lucas Soares, a quem atribuo as melhores horas de descanso em família. **Ao meu irmão Daniel Ribeiro de Sousa**, que sempre acreditou em mim, mesmo quando a insegurança e medo pairavam. A meu padasto, **Frederico de Oliveira Aquino**, por vibrar a cada vitória alcançada. À minha **avó Maria Do Carmo Ribeiro de Sousa**, pelas rezas e preocupações presentes em todos os momentos da minha formação. Aos meus queridos cunhados, **Júlio Soares e Yuri Castelo Branco**.

Ao meu esposo, **Saulo dos Santos Dantas**, por todo apoio, pelo amor e carinho prestados a cada momento dessa fase. Certamente, esse sonho não teria sido realizado sem o seu companheirismo e afeto. Obrigada por fazer das minhas horas de lazer e descanso os momentos mais prazerosos e tranquilos dessa jornada, por não medir esforços para garantir meus estudos e me ver feliz.

À **turma de 2015.1**, que iniciou comigo nessa caminhada acadêmica repleta de vitórias e ensinamentos, pessoas muito competentes e sempre dispostas a ajudar, em especial aos meus amigos **Adriana Alves, Carla Almeida, Diogo Araújo, Edcleyton Fernandes, Eliane Epifane, Fabiano Serrano, Gabriella Oliveira, Luanna Melo, Niele Moura e Noadya Oliveira**, que sempre estiveram presentes, apoiando-me nos momentos difíceis e festejando nas vitórias.

Aos respondentes desta pesquisa, por terem doado algumas horas dos seus dias para tomar um café e conversar por horas até a noite cair. Pelos vestígios de lembranças, pelo trabalho que vocês exercem na vida profissional,

Meu muito obrigada!

Apareceu uma dificuldade insolúvel durante meses.
Como adquirir livros?
[...] Eu precisava ler, não os compêndios escolares,
insossos, mas aventuras, justiça, amor, vinganças,
coisas até então desconhecidas. [...] E onde conseguir
livros? [...] A única pessoa real e próxima era
Jerônimo Barreto, que me fornecia a provisão de
sonhos...Graciliano Ramos (1978)

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias, formadas ao longo de sua trajetória de vida familiar, escolar, acadêmica e profissional, avaliando se possuem relação com suas práticas enquanto mediador de leitura, sobretudo nas bibliotecas públicas e escolares. Busca-se suscitar a rememoração de histórias de vida e o seu entrelace com a trajetória pessoal e profissional. Os referenciais teóricos adotados compreendem, principalmente, o campo da mediação da informação, leitura literária, oralidade e narrativas, a partir de autores como: Martins (1994), Kleiman (1997), Quevedo (2002), Lajolo e Zilberman (1982), Chartier (1996), Soares (2010), Yunes (2002), Busatto (2003), Meireles (1984), Benjamin (1994) e Almeida Júnior (2009). Também busca a compreensão dos conceitos de memória e de suas inter-relações em Halbwachs (2006), Nora (1993), Ricoeur (2007) e Santos (2012). Ademais, propõe-se a investigar como as ações de mediadores sociais de leitura (pessoais e institucionais) podem ter contribuído para a formação literária desses profissionais. Para tanto, foram analisadas as memórias de leitura e as narrativas de quatro bibliotecários contadores de histórias que atuam em bibliotecas públicas e escolares de Fortaleza. A escolha metodológica foi a História Oral, com abordagem em História Oral de Vida, utilizando-se a entrevista semiestruturada para garantir o acesso às memórias orais dos interlocutores. A partir deste estudo, foi possível constatar que a presença da contação de histórias enquanto prática de mediação e promoção da leitura no fazer biblioteconômico, sobretudo em bibliotecas públicas e escolares, advém da relação do bibliotecário com a leitura, desde a sua constituição enquanto leitor até a sua formação profissional, quando lhe é proporcionado, porém, o contato com a prática leitora. Esta pesquisa pode, ainda, contribuir para o aperfeiçoamento constante e inovador da formação acadêmica, destacando, à luz das entrevistas feitas com bibliotecários recém-egressos, as manifestações de aprendizagens significativas durante a realização e participação em projetos de extensão universitária. Na perspectiva de estender a discussão teórica acerca da temática abordada, esta pesquisa apresenta caminhos a serem percorridos e estudos a serem aprofundados.

Palavras-chave: Mediação de Leitura e Informação. Contador de Histórias. Memórias Leitoras. Formação do Leitor.

ABSTRACT

This research aims to analyze the reader memories of the storyteller librarian formed throughout his family, school, academic and professional life trajectory, evaluating if they have relation with their practices as mediator of reading, especially in public and school libraries. It seeks to arouse the recollection of life stories and their interweaving with personal and professional trajectory. The theoretical references adopted include, mainly, the field of information mediation, literary reading, orality and narratives, from authors such as Martins (1994), Kleiman (1997), Quevedo (2002), Lajolo (2001), Zilberman (2003), Chartier (1996), Soares (2010), Yunes (2002), Busatto (2003), Meireles (1979), Benjamin (1994) and Almeida Junior (2010). It also seeks to understand the concepts of memory and their interrelations in Halbwachs (2006), Nora (1978), Ricoeur (2007) and Santos (2012). Furthermore, it is proposed to investigate how the actions of social mediators reading (personal and institutional) may have contributed to the literary formation of these professionals. Therefore, we analyzed the reading memories and the narratives of four storytelling librarians who work in public and school libraries in Fortaleza. The methodological choice was Oral History with an approach in Oral History of Life, using the semistructured interview to guarantee access to the oral memories of the interlocutors. From this study, it is possible to think that the presence of storytelling as a practice of mediation and promotion of reading in library process, especially in public and school libraries, comes from the relation of the librarian to reading, from its constitution as a reader until his professional training, when he is given, however, the contact with the reading practice. This research can also contribute to the constant and innovative improvement of academic training, highlighting, in the light of interviews with newly graduated librarians, the manifestations of significant learning during the realization and participation in university extension projects. In the perspective of extending the theoretical discussion about the subject, this research presents paths to be covered and studies to be deepened.

Keywords: Mediation of Reading and Information. Story teller. Memory Readers. Training of the Reader.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PERFIL PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO PERI.....	65
QUADRO 2 – PERFIL PROFISSIONAL DA BIBLIOTECÁRIA MAFALDA.....	65
QUADRO 3 – PERFIL PROFISSIONAL DA BIBLIOTECÁRIA ELISABETH.....	66
QUADRO 4 – PERFIL PROFISSIONAL DA BIBLIOTECÁRIA MARIA.....	66

SUMÁRIO

1	ERA UMA VEZ A CAIXA MÁGICA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS.....	13
2	AS VOZES QUE RESSOAM DAS NARRATIVAS ORAIS: referencial teórico-metodológico.....	22
2.1	Pela Estrada Afora: Caminhos Metodológicos da Pesquisa.....	25
3	NOS MEANDROS DA MEMÓRIA, DA RECORDAÇÃO E DO ESQUECIMENTO.....	30
3.1	A construção social da memória.....	31
4	MEDIAÇÃO, LEITURA E INFORMAÇÃO.....	41
4.1	Mediação e apropriação da informação.....	42
4.2	O ato de ler e mediar a leitura: entrelaçando conceitos, envolvendo os sentidos.....	49
5	DA FOGUEIRA PARA O PALCO: quem é o contador de histórias contemporâneo?.....	57
5.1	“Vestindo o personagem”: o contador de histórias no século XXI.....	59
5.2	Conhecendo outras Histórias: Procedimentos Metodológicos de Análise.....	64
5.2.1	<i>Memórias Leitoras: Experiências de leitura.....</i>	68
5.2.2	<i>Memórias Leitoras: Formação profissional.....</i>	79
5.2.3	<i>Memórias Leitoras: Atuação Profissional.....</i>	82
6	INTERROMPENDO A LEITURA: a história não terminou.....	93
	REFERÊNCIAS.....	98
	APÊNDICE A – Entrevista Semiestruturada.....	105
	APÊNDICE B – Carta de Autorização de uso das Entrevistas.....	107
	ANEXOS A – Entrevista com o Contador de Histórias Peri.....	108
	ANEXOS B – Entrevista com a Contadora de Histórias Mafalda.....	112
	ANEXOS C – Entrevista com a Contadora de Histórias Elisabeth.....	119
	ANEXOS D – Entrevista com a Contadora de Histórias Maria.....	126

1

ERA UMA VEZ A CAIXA MÁGICA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

“

Era uma vez,

um contador de histórias. Artista popular, poeta de nascimentos, repentista e orador, que versava tudo o que via, ouvia e imaginava. Tão rico de oratória, trazia sempre consigo uma caixa misteriosa, que apesar de ser pequena continha em seus segredos, todas as histórias do mundo, ditas lidas ou contadas. Para que nunca lhe faltasse em momento oportuno, argumento ou enredo, para manter entretido, o seu respeitável público. Mas não é que certa feita, estando diante do povo, com a plateia cheia de gente, ansiosos por uma história que lhes fizesse sonhar, o contador de histórias deu a deixa. Abriu sua caixa secreta fez uma grande careta e, emudeceu, não ou encontrara? nada, nem mote nem tema, nenhuma migalha de poema, nenhuma palavra de consolo...

¹Esta história tem como título “A Caixa Misteriosa do Contador de Histórias” do autor Sergio Palmiro Serrano. O livro conta a aventura de um contador de histórias que carrega uma caixa, de onde tira diversos objetos e histórias para contar suas narrativas. Certo dia, abre a caixa e nada encontra. Assustado, resolve andar e pensar na sua situação e, ao longo do caminho, vai resgatando os objetos perdidos. Essa história será contada a cada capítulo, pois também retrata o caminho percorrido por esta pesquisadora, tanto na escrita do projeto, como na sua formação como contadora de histórias.

1 ERA UMA VEZ A CAIXA MÁGICA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

De onde surgem as histórias? Para onde elas vão depois que são contadas? O que acontece quando um contador de histórias não tem mais histórias para contar? Ele recorre aos vestígios de memória e pedaços de histórias deixados no seu caminhar. Essas histórias, quando rememoradas, apresentam uma valiosa possibilidade de adentrar no universo da formação individual e coletiva do sujeito.

Afinal de contas, como afirma Halbwachs (2006), a memória pode ser interpretada como as reminiscências do passado que reaparecem no presente, no pensamento de cada indivíduo, ou como nossa habilidade de reunir e conservar mentalmente informações concernentes a fatos que foram vividos no passado.

Na busca por encontrar as histórias perdidas, a temática a ser abordada nesta pesquisa se insere no universo simbólico da mediação social da leitura literária por parte do bibliotecário, mediante narrativas orais, ressaltando-se as peculiaridades do contador de histórias contemporâneo. Visa evidenciar a importância da formação leitora do bibliotecário no âmbito pessoal e profissional, para constituição desse profissional enquanto mediador da leitura e formador do sujeito-leitor no âmbito das bibliotecas.

A escolha da temática surgiu a partir de um reconhecimento pessoal, iniciado desde uma infância permeada por histórias, leituras e memórias, mas também por desafios e grandes transformações. A leitura literária foi um assunto que perpetuou grande parte de minha vida enquanto aluna, filha de professora e, hoje, como bibliotecária e pesquisadora das ciências sociais aplicadas.

No entanto, essa experiência não foi sempre encantadora; a leitura nos trouxe um dissabor, a mim e à minha irmã gêmea, visto que não nos alfabetizamos na série correta e, por decisão de nossa mãe, repetimos a alfabetização. Apesar disso, não herdamos memórias negativas dessa experiência, apenas lembranças das horas destinadas ao ensino da leitura em casa com a nossa mãe e do nosso desejo apressado de aprender a dar sentido às letras. O fato é que aprendemos a ler e, no decorrer da vida, tornamo-nos amantes das leituras.

Dessa forma, o contato consciente com a literatura aconteceu em dois âmbitos importantes em minha vida: na escola e em casa. Na escola, nós tínhamos livros de leitura obrigatória para a realização de provas e fichas intermináveis dos paradidáticos e, em casa, uma mãe apaixonada por livros e leitura. Páginas e mais páginas de romances eram lidas por nossa mãe dentro de um curto espaço de tempo.

Vasculhando minhas memórias leitoras, recordo facilmente da imagem dela sentada na varanda, de óculos presos na ponta do nariz, lendo uma infinidade de livros. E, inconscientemente, perguntávamo-nos por que e como ela conseguia ficar tantas horas lendo livros se, ao final de tudo, não haveria nenhuma prova. O que não sabíamos é que, a partir dali, já estávamos lendo o contexto à nossa volta, porque queríamos ser como ela. Como desejamos aprender a ler, e esse sentimento fica tão claro agora, era como se quiséssemos muito algo só para sentir o mesmo prazer que víamos nos olhos dela.

Aprender a ler foi uma das maiores vitórias para mim; perceber como as letras faziam sentido, e a certeza de que ninguém mais roubaria o conhecimento de mim enchia meu coração de orgulho. Esse sentimento me faz recordar do trecho de um conto de Clarice Lispector (1998, p. 12), em que a personagem estremece de alegria quando lhe emprestam um livro muito desejado: “[...] valia mais do que me dar o livro... pelo tempo que eu quisesse, era tudo que uma pessoa grande ou pequena poderia ter a ousadia de querer. O que fiz depois de receber o livro?”, tornei o restante de minha vida permeada de leituras intermináveis.

Na escola, não vivi momentos de leituras na biblioteca. Minhas memórias desse espaço, quase sempre, são formadas por lembranças voltadas para a pesquisa. Não havia um personagem que nos apresentasse aquele local como morada das histórias que eu lia em casa, como a do livro *Jacarezinho Egoísta*, um dos primeiros livros que lemos durante a nossa infância.

Depois vieram os clássicos da literatura infantil, como *Cinderela* e *O Patinho Feio*. Recordo-me da estante abarrotada de livros, quase sempre torta para um lado, na sala da minha casa. Eram livros didáticos que transformávamos em histórias e contávamos como se fossem nossas. Mergulhávamos naquelas imagens quase sempre coloridas e criávamos os desfechos como queríamos.

Nas séries iniciais, existiam matérias que nos davam o sabor de ler paradidáticos e, em vez de apenas saber decifrá-los, eu os decorava e recitava para minha mãe. Era um momento ímpar, no qual eu queria mostrar que, além de saber ler, eu também sabia narrar. Ela nos ouvia atentamente e sempre nos parabenizava. Antes de escrever este texto, essas recordações não faziam parte do meu cotidiano de memória e, agora, ouvindo tantas histórias, eventos, pessoas, lugares, pude construí-las nesta introdução.

Apesar do contato com os livros ter se dado em casa e na escola, foi na graduação em Biblioteconomia, realizada na Universidade Federal do Ceará, que eu tive o primeiro relacionamento com a mediação da leitura e o entendimento da sua importância. Nos semestres iniciais, por intermédio de uma professora, comecei a participar de projetos de extensão que

visavam ao incentivo à leitura através da arte de contar histórias e, posteriormente, decidi pesquisar sobre memória, tradição e oralidade. Paralelamente a esse entendimento dos textos literários, interessava-me a lógica interativa e comunicativa através da qual a contação de histórias nos envolvia por meio da fala. Não só na posição de narradora, como também de ouvinte.

Ali encontrei morada, acolhida e comecei a entender o significado e propósito desta formação. Era para a sociedade o que eu aprendia naquelas aulas e foi a partir desse entendimento que tudo mudou e passou a fazer sentido para mim. Então eu era uma contadora de histórias, conheciam-me assim, denominavam-me como tal, então eu era. Apropriei-me dessa personagem e não consigo me desfazer dela até hoje. Mesmo com a mudança de cenário, do enredo e dos atores, ainda sou aquela menina que decorava histórias para encarar e encantar quem abria o coração para escutar.

Além desse encantamento pessoal que a arte de contar histórias pode proporcionar, eu passei a compreender que ela alcança o fascínio de aproximar o leitor da literatura escrita e da capacidade interpretativa da informação. Pois, ao ouvir as narrativas, o ouvinte passa a perceber que muitas dessas histórias contadas estão disponíveis em outros suportes de leitura, além da memória. Evidencia-se, assim, não somente a importância da memória oral, mas o incentivo ao gosto pela literatura, a aproximação com o objeto livro. Por esse motivo, muito se presencia a narração oral atrelada ao contexto educacional, ocupando espaços talvez nunca imaginados pelos contadores de história da Antiguidade.

Foram os oito anos de atuação como contadora de histórias, participando de um grupo de contadores de história, fruto de um projeto de extensão da graduação e, posteriormente, trabalhando em um centro cultural, que me levaram à curiosidade e ao estímulo para pesquisar o encantamento que essa arte pode gerar nos ouvintes, os motivos da perpetuação da sua existência e a formação do bibliotecário para atuar nessa atividade de mediação de leitura.

Estudar as práticas de mediação de leitura, dada a importância da existência da narração oral de histórias perante todos os níveis que expressam a disseminação do conhecimento e preservação da memória, cumpre também preservar e salvaguardar a tradição oral por seu valor e função social que perpassam os indivíduos em suas raízes históricas.

As minhas memórias leitoras narradas nesta introdução/justificativa me fazem indagar sobre de que forma o bibliotecário pode se apropriar do seu papel enquanto mediador de leitura. Questiono-me se a atuação desse bibliotecário mediador no presente pode ser

explicada e compreendida a partir de suas memórias que, devidamente reveladas, poderão servir de embasamento para uma longa e profunda análise.

As experiências de leitura dependerão, em muitos casos, das relações pessoais e verbais vivenciadas na trajetória de vida, por isso a importância de compreender como se deu a formação de bibliotecários que optaram por seguir o caminho do incentivo à leitura, em que, mesmo diante das dificuldades e precariedades da educação brasileira, buscaram se aperfeiçoar e, de alguma forma, transformar a vida de pessoas. Há que se saber de que maneira eles se apropriaram dessa responsabilidade social que, embora bastante pautada na Ciência da Informação, não é percebida na prática. Logo, conhecer o contexto de formação leitora, os eventos, os mediadores, as práticas vivenciadas na formação profissional e que fizeram parte de suas vidas é uma forma de compreender suas ações no âmbito da mediação da informação.

Diante disso, percebi a relevância de mergulhar nas memórias de leitura do bibliotecário para que, ao reunir cada vestígio, cada pedaço de suas lembranças, vasculhando, remexendo entre os resquícios de suas memórias, fôssemos construindo uma pesquisa que permitisse responder o propósito da influência do passado sobre aquilo que somos hoje ou entender como o nosso presente pode ter o poder de rememorar certas reminiscências do passado. Questões sobre as quais, enquanto pesquisadora/contadora de histórias, necessito me debruçar.

Nesse sentido, procuramos percorrer, através das memórias dos contadores de histórias, o itinerário de leitura de cada bibliotecário investigado na perspectiva de possibilitar a discussão e compreensão acerca da importância de mediadores (pessoais e institucionais) na sua prática literária. Nosso intuito é compreender até que ponto a presença desses mediadores torna-se algo peculiar e imprescindível para o desenvolvimento e formação do bibliotecário em um mediador de leitura em tempos de redes sociais, ambientes virtuais, dispositivos móveis e tecnologias híbridas.

O bibliotecário é identificado nesta pesquisa como um profissional que possui diferentes papéis na sociedade e, portanto, deve apresentar múltiplas competências que variam de acordo com o seu espaço de atuação. Em especial nas bibliotecas públicas, comunitárias e escolares, ele deve apresentar perfil de educador, leitor e principalmente mediador social, quando utiliza artifícios da literatura oral para aproximar o leitor do texto literário. Essa prática é muito decisiva para a aprendizagem do ser humano, constituindo-se como um processo básico no qual o indivíduo é capaz de receber informações e interagir socialmente.

Dentre as práticas exercidas para a mediação social da leitura, encontra-se a contação de histórias, uma arte milenar que amplia o universo literário e contribui para despertar

o prazer e o gosto pela leitura, estimulando a imaginação e a fascinação do ouvinte. A prática de contar histórias reporta-se às origens da sociedade humana, como uma das primeiras manifestações culturais usadas para preservar os valores de uma comunidade, bem como sua integração e coesão social.

Diante de tanta mecanização e industrialização das formas de se comunicar e interagir com a sociedade, o contador de histórias perpassa essas barreiras e encontra o seu espaço de mediador social da cultura e da leitura. Hoje, ele ressurge numa sociedade letrada, com textos escritos e livros publicados. Dessa forma, adequa-se às narrativas escritas, contando histórias presentes nos livros de literatura e mediando o processo de apreciação literária.

Esses “novos contadores de história” enfrentam o desafio de dividir espaço com as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), cuja interatividade e atração constituem elementos poderosos de entretenimento e conquista dos leitores. Nesse dilema, encontra-se o bibliotecário que, ao mesmo tempo em que se apropria das inovações, tenta preservar a identidade dos traços da narrativa e da oralidade tradicionais, preocupando-se com a formação do leitor e com o despertar para o prazer de ler desde a infância. Não seria difícil de imaginar a sua proximidade com os espaços das bibliotecas e a função de bibliotecário.

Apesar do desenvolvimento tecnológico e sua popularização, o cenário leitor do país está longe de acompanhar esses avanços. Embora no Brasil o número de pessoas alfabetizadas ou em fase de alfabetização esteja crescendo, pesquisas realizadas recentemente mostram que o número de leitores ainda não tem acompanhado esse ritmo. Os dados levantados pela pesquisa Retratos de Leitura no Brasil² apontam que, apesar do crescimento do número de leitores registrados na última pesquisa realizada em 2015, uma parcela significativa da população tem dado pouca ou nenhuma importância à leitura, ao menos na sua forma tradicional.

Isso nos faz indagar sobre o abismo que existe entre saber ler e o não interesse pela leitura. A resposta pode estar na mediação de leitura e como a experiência dessa prática vem sendo exercida nos espaços socialmente constituídos, a exemplo das bibliotecas. Negligenciar esses aspectos da leitura, em especial da leitura literária, pode gerar desastrosas consequências.

Diante dessas questões, é possível conceber a importância da formação de agentes socializadores da leitura que busquem, mais do que ensinar a ler, oportunizar a compreensão

²A pesquisa Retratos de Leitura no Brasil é realizada pelo Instituto Pró-Livro com apoio da ABRELIVROS, CBL e SNEL. No Brasil, é a única pesquisa, em âmbito nacional, que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Recentemente, em 2015, os resultados apontaram para um crescimento a nível nacional de leitores; os índices de leitura passaram de 4 livros por ano, em 2011, para 4,97 em 2015. Entretanto, no Nordeste, os números não evidenciaram crescimento, permanecendo a mesma média de 2011.

interpretativa da leitura. Antes de tudo, para que essa prática seja cada vez mais realizada nas bibliotecas, é preciso que o bibliotecário reconheça sua responsabilidade de mediador social e atue de forma a contribuir para a formação de leitores, principalmente se lembrarmos que um grande número de brasileiros só tem acesso a livros e outras fontes/recursos de leitura na biblioteca.

As bibliotecas, assim como as salas de aula, antes de serem lugares onde existem livros, devem ser lugares onde as vozes correm vivas e que dão espaço para a mente das pessoas transcenderem por onde desejam.

É importante salientar que esse processo de apropriação do papel de mediador e formador de leitura, por parte dos bibliotecários, vem sendo estruturado desde as suas primeiras interações no universo leitor. Isso significa dizer que, para analisar as práticas sociais desses profissionais no âmbito da mediação é necessário primeiro descortinar suas memórias leitoras e analisar essa formação no campo pessoal, levando em consideração o contexto social dos mesmos.

Portanto, é necessário investigar e entender de que forma o bibliotecário tornou-se leitor durante sua infância até a formação profissional, que sujeitos mediadores fizeram parte dessa trajetória e como essas experiências podem ter influenciado no seu entendimento sobre a mediação de leitura. Nesse sentido, surgem as seguintes questões norteadoras desta pesquisa:

- Existe uma relação das práticas de mediação de leitura do bibliotecário com as suas memórias de como se formou leitor? O que essas narrativas podem nos dizer a respeito da formação de leitura do bibliotecário?
- Sob quais aspectos a contação de histórias contribui para a mediação da leitura e como ela se apresenta na contemporaneidade?

Diante das reflexões apresentadas, esta pesquisa objetiva analisar as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias formadas ao longo de sua trajetória de vida familiar, escolar, acadêmica e profissional, junto aos sujeitos mediadores participantes desse processo, avaliando se possuem relação com suas práticas enquanto mediador de leitura, sobretudo enquanto narrador contemporâneo. A fim de responder aos questionamentos ora apresentados dentro do objetivo central da pesquisa, desbravaremos os seguintes objetivos específicos:

- Percorrer as memórias leitoras dos bibliotecários, a fim de compreender como esses se constituíram leitores e contadores de histórias;

- Analisar como as ações de mediadores sociais e institucionais de leitura contribuíram para a formação literária dos bibliotecários, atuantes em Bibliotecas Públicas e Escolares;
- Analisar as práticas de mediação de leitura e o novo perfil dos contadores de histórias na contemporaneidade.

Para adentrar no estudo proposto, utilizamos como instrumento de pesquisa os relatos de vida orais, embasado no método de História Oral, visto que será solicitado ao narrador que ele relate momentos de sua vida relacionados à temática de sua formação leitora e prática profissional enquanto mediador de leitura. Isso porque partimos do pressuposto de que tanto a história oral quanto as memórias de vida são procedimentos metodológicos que buscam registrar, através das vozes e narrativas, “testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida” (DELGADO, 2010, p. 15-16).

A memória oral apresenta-se, portanto, como uma fonte rica de pesquisa no processo de preservação da memória e cultura de um povo. Sabe-se que, antes da criação e difusão da escrita, as histórias, tradições, conhecimentos e ritos religiosos eram passados às gerações seguintes por meio da oralidade. Estudar e pesquisar as histórias e tradições a partir da oralidade permite “obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas” (LOZANO, 2006, p. 16).

As entrevistas foram realizadas com quatro bibliotecários recém-egressos que atuam em bibliotecas públicas e escolares, já que esses espaços se configuram como lugares de promoção e mediação da leitura literária. Como é nosso intuito conhecer as novas práticas exercidas pelo contador contemporâneo, optamos por entrevistar profissionais com tempo de formação de até 5 anos, o que nos possibilitou entender de que forma a contação de histórias se desenvolve em meio às tecnologias midiáticas, desde o momento em que eles deram início a essa prática.

A presente pesquisa foi construída em quatro partes, das quais a primeira é dedicada aos estudos sobre memória com foco na construção social; a segunda, volta-se para mediação da leitura e informação; a terceira às práticas exercidas pelo contador de histórias contemporâneo; e a quarta às narrativas e memórias orais dos bibliotecários contadores de histórias. Os conceitos foram abordados sem a pretensão da exaustividade, tendo sido selecionados os autores que mais trazem contribuição ao objetivo da pesquisa, já que o interesse

que guia este trabalho é o de explorar, além das concepções teóricas da mediação de leitura, a força da memória social como veículo transmissor do passado e transformador do presente.

No Capítulo 1, contextualizamos a temática explorada neste estudo com a formação pessoal e profissional desta pesquisadora - momento em que apresento minhas memórias leitoras como pano de fundo da elaboração desta temática. No Capítulo 2, apresentamos os princípios teóricos metodológicos elencados para a pesquisa, de forma a correlacioná-los com as narrativas orais e a compreensão dos aspectos sociais analisados. Para tanto, utilizamos autores como Zumthor (1993), Yunes (2002), Benjamin (1983), etc. Neste capítulo, dissertamos, especialmente, sobre a tradição oral, no intuito de contextualizar a escolha do método de história oral.

No Capítulo 3, abordamos os meandros teóricos dos estudos sobre memória social, tratando de concepções que investigam e constroem as relações da memória com a sociedade, com o coletivo, sobretudo com as relações sociais, a partir de autores como Halbwachs (2006), Nora (1993), Ricoeur (2007) e Santos (2012). No Capítulo 4, propomos um olhar sobre o processo de mediação da informação sob o viés da leitura, baseado nos preceitos de Almeida Junior (2019), Kleiman (1997), Lajolo e Zilberman (1982), Yunes (2002) e Benjamin (1994).

No Capítulo 5, apresentamos o discurso dos bibliotecários contadores de histórias e as análises realizadas, em face dos objetivos propostos. Os relatos para análise foram selecionados de acordo com o intuito da pesquisa, porém as entrevistas estão registradas na íntegra nos Anexos desta dissertação. Dividimos a análise em três esquemas norteadores: Experiências Leitoras, Formação Profissional e Mediação da Leitura. Toda a análise partiu do princípio de que “não há mentiras na narrativa nem mentirosos. Pelo contrário, as versões dos fatos, legítimas ou não, são o que interessa. Ou pergunta-se – a vida social é feita só de verdades e fatos objetivos, comprováveis?” (MEIHY ; HOLANDA, 2007, p. 124).

No último capítulo, nas Considerações Finais, reiteramos os objetivos alcançados pela pesquisa, além de pontuarmos algumas questões acerca da formação leitora do Bibliotecário Narrador e salientarmos a importância da presença de mediadores sociais de leitura na formação desse profissional.

Não nos interessa, com esta pesquisa, construir e revelar uma verdade, mas evidenciar sentimentos, sensações, lembranças e esquecimentos, assim como foram sentidas e evocadas pelos entrevistados naquela época recordada. Não é importante comprovar se aquilo realmente aconteceu como está sendo narrado, pois o que nos garante como retorno da pesquisa é o que aquela recordação traz como sentimento e modifica a vivência atual daquelas pessoas

no espaço presente. Parte-se do pressuposto da pesquisa social de que não existe “a verdade”, mas a forma como o mundo é visto e interpretado por cada sujeito social.

É importante salientar que, desde a escolha da fundamentação teórica da temática abordada até a proposta de análise idealizada, todo o processo concebido nesta pesquisa está ligado diretamente às questões interacionistas, ou seja, contextualizadas com as trocas realizadas no espaço social, sejam histórias escritas, contadas ou lidas. São histórias que se cruzam e se misturam com memórias e vozes de tempos que são rememorados.

2

AS VOZES QUE RESSOAM DAS NARRATIVAS ORAIS: referencial teórico-metodológico

“

Aquilo para ele foi o fim,

nunca pensou que fosse possível acontecer tamanha desgraça, encontrar a sua caixa sem tampa, sem alma, sem combustível: Para onde será que foram todas aquelas histórias que eu puder ver de relance, será que o vento levou? Será que o conteúdo evaporou? Talvez não tenha feito a coisa certa, talvez tenha esquecido a tampa aberta ou seria um furo no fundo? Lá pelas tantas da madrugada, o contador de histórias, sozinho, na praça antes cheia de espectadores, uniu suas dores e tomou uma decisão. Percebeu que não havia remédio nem solução para aquela situação, teria que voltar atrás, pegando o caminho percorrido, estando de olhos bem abertos para encontrar qualquer coisa: quem sabe um conto caído ou um pedaço de lembrança, quem sabe notícia ou pista que o levasse ao encontro de suas histórias perdidas?

2 AS VOZES QUE RESSOAM DAS NARRATIVAS ORAIS: referencial teórico-metodológico

Propomos neste capítulo discorrer sobre as narrativas orais e os caminhos que levaram à escolha metodológica da pesquisa, por entender que todo o processo de construção ocorreu a partir da História Oral, levando em consideração seus elementos intrínsecos, a memória e a oralidade, para contextualização teórica e prática. Portanto, partimos do referencial teórico que nos levou à escolha metodológica, para depois desenharmos o panorama teórico estudado para fundamentação do estudo.

Antes da escrita, o saber humano era transmitido pela oralidade. Por essa razão, a memória sempre apresentou grande importância para as sociedades antigas, uma vez que, a partir dela, o conhecimento podia ser transmitido entre gerações. Dessa forma, os mais velhos se encarregavam de transmitir, por meio das palavras, os acontecimentos cotidianos e o conhecimento produzido por seus ancestrais.

Narrar ou escrever uma história não é um produto exclusivo de um sujeito, nem da voz de quem narra ou do domínio das técnicas de escrita. É um ato que perpassa o coração de quem se deixa tocar a alma através dos sentidos, para então encontrar no olhar do outro o cenário que dá vida à história. Suscitado pela memória e ligado pela respiração, o narrar não concebe a divisão entre corpo e voz.

A memória, naquela época, era fundamental para os povos, pois sem a existência da cultura escrita, era pela oralidade e memorização dos fatos que se tornava possível a sua narração. Somente por meio da memória, o conhecimento podia ser transmitido entre gerações. Como destaca Yunes (2002, p.136),

Mesmo antes da escrita o homem lia. Lia o mundo com seu olhar, com experiências sensoriais e, utilizando-se da linguagem oral e das imagens, trocava ideias, refletindo sobre tudo o que o cercava. E, mesmo com a escrita, continua utilizando-se da palavra e das imagens para fazer suas observações e, principalmente, argumentar.

No período medieval, a oralidade foi marcada pela descoberta da poesia e da literatura oral. Como esclarece Zumthor (1993, p.9), “A voz foi então um fator constitutivo de toda obra que, por força de nosso uso corrente, foi denominada ‘literária’”. Segundo o autor, a voz é um dos suportes indispensáveis ao que hoje conhecemos como literatura. Afinal, um texto escrito em algum momento de sua existência foi oral um dia. Admitir que a voz de um povo constituiu a existência de uma obra é entender a importância do discurso oral (ZUMTHOR, 1993).

Portanto, um dia, mesmo que remotamente, todo texto sofreu a intervenção de uma voz humana. Não criamos as histórias a partir da escrita, mas do que percebemos, conversamos, narramos, dialogamos com o outro, “é a força da voz, da palavra que um dia esteve em movimento. Palavra viva que, a partir de um determinado momento histórico, vai perdendo sua importância. E, assim, o domínio das tradições orais vai se marginalizando” (ZUMTHOR, 1993, p. 123).

Muito do que temos hoje registrado como história nasceu das rodas de conversas, dos causos ouvidos, dos mitos contados, das histórias narradas; “o gosto de contar é idêntico ao de escrever e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores”, ressalta Meireles (1984, p. 42).

Grandes escritores, como o escritor Guimarães Rosa, que apresenta o Sertão brasileiro como cenário da maioria das suas histórias, valeram-se das narrativas populares para compor suas obras:

Nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza (...) desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas (...) deste modo a gente se habitua, e narrar estórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens (ROSA, 1986, p. 325)

Os narradores populares que se utilizavam de histórias tradicionais o faziam por basear-se no seu vínculo com as experiências. No momento em que ocorre a valorização da cultura, costumes e valores, como também do compartilhamento da própria história, podemos ter a base sobre a qual se estruturam os processos identitários (FARIA;GARCIA, 2002, p. 126). Busatto (2003, p. 20) ressalta o tempo em que a oralidade mantinha o dever de transmitir, pela fala, a cultura e a identidade do povo.

[...] o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias.

Nas antigas sociedades agrárias, contar histórias era um hábito natural, que ocorria com o objetivo de entreter e animar a população, bem como informar e ensinar normas de conduta ao povo, alertar sobre perigos existentes ou simplesmente manter viva a herança cultural pela memória. Para Benjamin (1983), os camponeses sedentários e os navegantes e/ou comerciantes foram os principais responsáveis pela preservação dessas histórias e dessa arte. Os camponeses, por serem conhecedores de suas terras, e os navegantes, por trazerem histórias

de lugares longínquos.

A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores [...] quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo, e imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas não é com menos prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua terra (BENJAMIN, 1983, p. 58)

Ouvir uma história, contá-la e recontá-la, durante muitos anos, foi a maneira de preservar os valores e garantir a construção da memória de um povo. “Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado” (LOWENTHAL, 1981, p. 75).

Nesse sentido, as narrativas, assim como os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Como fontes para construção do conhecimento histórico, seu potencial é inesgotável, pois também, de acordo com Benjamin (1994, p. 98), “[...] incorporam as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

Portanto, a história do espaço social está relacionada também às memórias coletivas e tradições de um povo. Segundo Nora (1993, p. 7), a memória coletiva é “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”. O autor apresenta a memória como,

[...] um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A memória instala a lembrança no sagrado. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A memória se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto (NORA, 1993, p. 9).

Essa natureza multidimensional da memória demonstra que cada indivíduo carrega consigo um contexto histórico e cultural que é indissociável das suas experiências. Assim, sendo o sujeito um ser intersubjetivo, podemos revisitar o passado a partir de suas vivências e percepções pessoais.

Pode-se considerar, portanto, que a história faz parte da memória de uma sociedade, de um país ou um povo, e que a oralidade ainda hoje mantém seu forte papel de transmitir o conhecimento. Por todos os cantos e lugares, podemos encontrar história, não só em livros,

enciclopédias, na internet, mas também através das vozes de um povo. Isso confere um papel essencial à oralidade, na medida em que representa a reconstrução de fatos na memória de um grupo (OTTE, 2011).

Como aponta Zumthor (1993), no século XV, a invenção da Imprensa propiciou novas e importantes formas de comunicação, especialmente nas sociedades burguesas. E, com o advento do capitalismo, a oralidade materializou-se, trazendo consigo a necessidade da leitura em um suporte físico, que possibilitasse tanto a transmissão do conhecimento, quanto a organização da informação produzida. As histórias eram, portanto, narradas a partir de um texto escrito. Entretanto, como abordam alguns teóricos, a impressão de livros não aboliu os costumes e tradição da oralidade, pelo contrário, prolongou-as entre as gerações.

Hoje sabemos que a palavra escrita não é uma ameaça para a memória, mas colabora com ela, registrando e tornando perene o que era efêmero. A memória e escrita, juntas, oferecem aos homens obras-primas da literatura mundial. Favorecem as gerações posteriores, permitindo-lhes conhecer o mundo através de registros escritos (BUSATTO, 2006, p. 88).

Nesse contexto histórico, Zumthor (1993) menciona a existência de três formas distintas de oralidade: a primária, aquela em que não se tem nenhum contato com a escrita; a mista, onde a oralidade convive com a escritura apesar de exercer pouca influência no cotidiano; e a secundária, em que a apropriação da escrita possibilita a manutenção do oral. Nesse sentido, o contador contemporâneo se enquadra na oralidade secundária, quando faz uso da literatura escrita para narrar com a voz as histórias contadas.

À luz dessas considerações, servirão como análise desta pesquisa as histórias orais de vida dos bibliotecários contadores de histórias, como alternativa eminentemente investigativa, visto que nos propusemos a analisar as relações dialógicas entre sua formação leitora e sua prática enquanto mediadores de leitura. Dessa forma, através da narrativa das histórias de vida dos bibliotecários entrevistados, percorremos uma dualidade que envolveu circunstâncias de sua vida pessoal e de sua prática de mediação de leitura nas bibliotecas.

2.1 Pela Estrada Afora: Caminhos Metodológicos da Pesquisa

Com o intuito de compreender e analisar as memórias leitoras dos bibliotecários contadores de histórias, optou-se nesta pesquisa por uma abordagem qualitativa, por entender que essa permite o estudo aprofundado das interações sociais, além de possibilitar diferentes caminhos teóricos e metodológicos para o entendimento do objeto em estudo.

A natureza dos métodos de ordem qualitativa é definida por Martins (2004, p. 283) como aquela que “privilegia a análise de micro processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizado pela heterodoxia no momento da análise”. Essa possibilidade de analisar os fenômenos sociais dentro das suas singularidades é de extrema importância para os estudos de histórias de vida, já que essas possuem particularidades que estão bastante relacionadas com o tempo histórico vivido.

Outro fator importante que advém do uso da abordagem qualitativa é que os seus métodos permitem que ocorra interação entre o investigador e os colaboradores da pesquisa, tornando esta análise contextualizada com as relações que travamos no espaço social, já que nem o entrevistador e nem o entrevistado são completamente imunes a pensamentos e percepções pessoais.

Dentre os métodos qualitativos, elegemos a História Oral, especificamente a História Oral de Vida, pois através da oralidade poderemos empreender interpretações qualitativas das experiências de vida, tanto no âmbito pessoal como profissional do sujeito pesquisado. Nosso interesse gira em torno do entendimento de como o Bibliotecário Contador de História escolhe ser um narrador contemporâneo, buscando compreender se essa prática tem relação com o modo como ele se tornou leitor. Nada mais relevante do que percorrer os vestígios de memórias deixados na sua trajetória de vida.

Por muitos anos, o método de História Oral foi bastante criticado na comunidade científica, principalmente devido à natureza polissêmica e subjetiva da memória. Diferentemente dos métodos positivistas, não seria possível definir técnicas e instrumentos de análise de depoimentos pessoais. Além disso, a confiabilidade dos relatos orais era posta em questionamento, uma vez que diferentes variáveis externas poderiam influenciar nas respostas.

Mesmo diante de críticas e ressalvas, antropólogos, sociólogos, psicólogos, dentre outros, aprofundaram os estudos e as pesquisas sobre o método biográfico em várias partes do mundo, assim como a pluralidade de seminários, congressos e centros de pesquisa que estão constantemente sendo realizados com intuito de desmistificar essa necessidade de alcançar a legitimidade dos fatos (LOZANO, 2006).

Nessa perspectiva, na obra “Usos e Abusos da História Oral”, Thomson (2006) vem alertar:

[...] deixaram de considerar as razões que levaram os indivíduos a construir suas memórias de determinada maneira, e não perceberam como o processo de relembrar poderia ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a

natureza da memória coletiva e individual. Ao tentarem descobrir uma única história, fixa e recuperável, alguns historiadores foram levados a negligenciar os muitos níveis da memória individual e a pluralidade de versões do passado, fornecidos por diferentes interlocutores. Eles não se deram conta de que as “distorções” da memória podiam ser recurso, além de um problema (THOMSON, 2006, p. 67)

Na mesma obra, Lozano (2006, p. 17) apresenta as etapas do uso da História Oral enquanto método, sob a perspectiva da análise tradicional histórica, na qual nos baseamos para a construção desta pesquisa:

De início, apresenta uma problemática, inserindo-a em um projeto de pesquisa. Depois, desenvolve os procedimentos heurísticos apropriados à constituição das fontes orais que se propôs produzir. Na hora de realizar essa tarefa, procede, com o maior rigor possível, ao controle e às críticas internas e externas da fonte constituída, assim como das fontes complementares e documentais. Finalmente, passa à análise e à interpretação das evidências e ao exame detalhado das fontes recompiladas ou acessíveis.

Essas concepções descritas acima demonstram que fazer história oral não significa simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência das pessoas, mas, acima de tudo, produzir conhecimentos históricos e científicos.

Vale destacar que não nos interessa, com esta pesquisa, findar uma discussão; pelo contrário, daremos apenas um passo para abordar uma temática que deve ser estudada enquanto houver transformações sociais no espaço coletivo. Acreditamos na valorização da subjetividade como princípio científico e, por isso, não buscamos ouvir dos entrevistados apenas uma verdade, mas sim revelar diferentes “verdades” de acordo com as percepções e “distorções” dos interlocutores.

Cada indivíduo carrega consigo marcas de uma história peculiar, justamente porque “a experiência é o que acontece comigo e, ao acontecer, forma-me e transforma-me, constitui-me e me faz ser como sou, marca a minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade” (LARROSA, 1999, p. 08)

Consideramos também os estudos da pesquisadora Lang (1995) a respeito do método de história oral como fonte de pesquisa. De acordo com a autora, a história oral não deve ser vista apenas como uma técnica para coleta de relatos orais e, sim, como método que valoriza as singularidades presentes nas “brechas” deixadas pelos depoentes.

Ainda de acordo com Lang, as fontes orais podem assumir a forma de: histórias orais de vida (é o relato do narrador sobre sua existência através do tempo); relatos orais de vida (é solicitado ao narrador que aborde determinados aspectos de sua vida; a narração é direcionada para uma temática, a qual utilizamos nesta pesquisa); ou de depoimentos orais

(busca obter dados informativos e fatuais do entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações, ou a participação em instituições que se quer estudar).

Reforçando as contribuições teórico-metodológicas da utilização da entrevista narrativa nos meandros da pesquisa científica, Souza (2008, p. 91) implementa, de forma sistemática, conceitos que sustentam a viabilidade e a precisão desse instrumento de coleta de dados, como se registra a seguir.

As pesquisas com entrevistas narrativas inscrevem-se neste espaço no qual o ator parte da experiência de si, questiona sobre os sentidos de suas vivências e aprendizagens, suas trajetórias pessoais e suas incursões pelas instituições, por entender que as histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais institucionalizadas. As entrevistas narrativas demarcam um espaço no qual o sujeito, ao selecionar aspectos de sua existência e tratá-los através da perspectiva oral, organiza suas idéias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma auto-reflexiva como suporte para a compreensão de sua itinerância vivida, caracterizando-se como excelente perspectiva de formação.

As razões elencadas pelos teóricos citados fortalecem e embasam a nossa opção pela pesquisa narrativa, visto que, ao narrar tanto suas experiências formadoras, quanto suas aprendizagens experienciais, o bibliotecário contador de histórias exprime sua subjetividade e o conhecimento que tem de si mesmo. Trata-se de um processo também de construção da sua memória e identidade.

Nossa proposta é conhecer as memórias de práticas leitoras de quatro bibliotecários formados recentemente, a fim de que suas narrativas nos proporcionem o entendimento de como suas práticas se desenvolvem num período marcado por tecnologias. Nesse sentido, a entrevistas serão realizadas com bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas e escolares, já que esses espaços se configuram como lugares de promoção e mediação da leitura literária.

A escolha dos bibliotecários entrevistados se deu a partir de um encontro de formação de contadores de histórias que ocorreu em Fortaleza, onde foi possível identificar as características que mais se adequavam aos objetivos de análise da pesquisa, dentre as quais estão: ser bibliotecário e contador de histórias; atuar em bibliotecas públicas e escolares; tempo de formação; além de demonstrar interesse pessoal pela arte. Os locais das entrevistas foram sugeridos pelos próprios interlocutores da pesquisa, como uma forma de deixá-los o mais confortável possível.

Nesta pesquisa, valorizamos as narrativas orais vivenciadas e produzidas em interação com espaço social, num constante processo de trocas simbólicas entre o indivíduo e a sociedade. Dessa forma, como dispositivo orientador, elaboramos um conjunto de perguntas que permitiram aos nossos interlocutores refletir sobre sua formação leitora, e pudemos dividi-

lo em três grupos/blocos de questões (APÊNDICE A) denominados como: Esquema Norteador 1 – Memórias Leitoras: Experiências de leitura; Esquema Norteador 2: Memórias Leitoras: Formação Profissional; Esquema Norteador 3 - Memórias Leitoras: Mediação da Leitura.

As temáticas a serem abordadas durante a entrevista com os bibliotecários buscaram propiciar um espaço de rememoração capaz de conectar o sujeito da pesquisa ao mais antigo vestígio de lembrança que se relacionasse com a leitura, para assim reunirmos informações que caracterizassem o início desse contato. As entrevistas ocorreram mediante contato prévio com os interlocutores, explicando os objetivos das mesmas. Todas foram gravadas em local e datas escolhidas pelos entrevistados, mediante disponibilidade deles.

Durante as entrevistas, foi possível observar o Bibliotecário contar suas histórias e, ao mesmo tempo, construí-las, dando dinamicidade às memórias antes esquecidas. Cavalcante (2004), sobre a importância do registro da memória individual e coletiva, ensina que,

A história de vida de cada pessoa faz parte de um acervo cultural amplo que integra acontecimentos aparentemente micros de um universo abrangente. Essas narrativas, quando recuperadas, buscadas e transcritas se transformam em informação, registro, garantindo que indivíduos e comunidades reafirmem sua história, sua presença no mundo (CAVALCANTE, 2004, p. 55).

Aos entrevistados foi oportunizada uma reflexão acerca de uma nova consciência de si próprio, de uma construção e reconstrução guiada por uma investigação autorreflexiva a respeito de suas atitudes do passado, trazendo à tona uma nova consciência de si, explorada no último capítulo desta pesquisa.

Vale ressaltar, que durante todo o processo de construção da pesquisa, voltamo-nos ao estudo da memória coletiva e social, visto que lida com as narrativas orais vivenciadas e produzidas a partir da socialização de um povo. Provando que as narrativas, tal quais os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Como fontes para construção do conhecimento histórico, seu potencial é inesgotável, pois também, como afirma Benjamin (1994, p. 98), “incorporam as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

NOS MEANDROS DA MEMÓRIA, DA RECORDAÇÃO E DO ESQUECIMENTO

“

E logo na primeira curva

da estrada, enroscado em um enorme galho de árvores, encontrou um lindo lenço de seda, com arabescos pintados com tanta delicadeza, que pertenciam com certeza, aquela linda donzela! Como é mesmo o nome dela? Aquela que contava mil e uma histórias muito loucas, pra lá de bagdar! Será? Tudo bem, deixa pra lá. [...] Guardava tudo o que via, sabendo que quanto mais enchesse a sua caixa mais espaço haveria... Não havia andado nem meia hora quando de repente encontrou um rio, e nesse rio uma ponte, e na ponte uma donzela, calada como quem vela, olhando o horizonte distante, com ar sombrio com aquela cara de quem chora...

3 NOS MEANDROS DA MEMÓRIA, DA RECORDAÇÃO E DO ESQUECIMENTO

Este capítulo aborda as concepções teóricas que investigam e constroem as relações da memória com a sociedade, com o coletivo, sobretudo com as relações espaço-homem habitadas no seio social. Nessa perspectiva, situando a memória no campo da pesquisa metodológica, objetiva-se discutir alguns aspectos referentes à memória no seu caráter social, sobretudo pelo que nos apresenta o teórico Maurice Halbwachs (1877-1945).

De todo modo, a predileção pelo aprofundamento das concepções desse teórico francês não impede que, ao longo do texto, outros autores sejam referenciados na perspectiva do enriquecimento das discussões, tais como Bergson, Nora, Ricoeur, Candau, dentre outros.

Quando o registro do conhecimento ainda estava na oralidade ou pintado nas cavernas, os homens já identificavam a importância da memória como suporte construtor de identidades e solidificador das consciências. Santo Agostinho (2008), considerando a importância da memória, definiu-a como uma das categorias fundamentais da alma humana.

Parte-se do pressuposto de que a memória é algo inato do ser humano, posto que somos capazes de lembrar ou relembrar situações vividas. Relatos vivenciados a partir de uma experiência que pode ser coletiva, ao passo que o indivíduo participa de um contexto social. Moreira (2011, p. 01) afirma que a memória “[...] é uma construção psíquica e intelectual que acarreta, de fato, uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”.

Nesse sentido, o lembrar/recordar está estritamente relacionado com o que já vivenciamos. Essa recordação permanece na mente até que estímulos externos sociais façam dela memória, porque a trazem para o tempo presente e fazem desse tempo um momento vivo do passado. Uma memória carregada de percepções e considerações individuais e, ao mesmo tempo, coletivas, uma vez que ocorrem interações e trocas do sujeito com o ambiente externo.

Para Chauí (2006, p. 125), “[...] a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”. O tempo descrito pela autora está relacionado não somente com o passar dos anos, mas principalmente com as situações, acontecimentos e histórias vividas.

Dessa forma, a memória ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Por meio das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Assim, transpõe-se o tempo atual para estender-se ao passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, misturam-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do

conhecimento (DELGADO, 2003).

3.1 A Construção Social da Memória

A prevalência concedida durante muito tempo ao fato do sujeito ser o único responsável pela construção de sua memória passou a ser questionada com a chegada de novos estudos em torno de uma memória concebida como coletiva. Maurice Halbwachs³ foi o primeiro sociólogo a aproximar os estudos de memória ao universo das trocas e interações sociais:

O sociólogo afirmou, há mais de 70 anos, que indivíduos só se lembram de seus passados à medida que se colocam sob o ponto de vista de uma ou mais correntes do pensamento coletivo. Além disso, também foi ele quem enfatizou que tudo o que lembramos do passado faz parte de construções sociais que são realizadas no presente (SANTOS, 2012, p.41).

A concepção central de Halbwachs é a de que a memória somente possui legitimidade se existir a partir dos quadros sociais da memória que, mesmo que sejam suscitados de sentimentos ou experiências individuais, precisam estar ancorados em fatos socialmente atestados:

Se temos o sentimento (talvez ilusório) de que nossas recordações (que se relacionam com a vida consciente do estado de vigília) estão dispostas em uma ordem imutável no fundo da nossa memória, se a sequência de imagens do passado nos parece tão objetiva como na sequência dessas imagens atuais ou virtuais que chamamos de mundo exterior, é porque elas se situam nos quadros imóveis que não são do nosso meio exclusivo e que se impõem a nós de fora (HALBWACHS, 2006, p. 35-36).

Para o sociólogo, o contexto social, sobretudo os fatos sociais palpáveis e visíveis, constituíam a base da memória individual, sem a qual essa não seria possível de existir. Afirma, assim, que os “quadros sociais”, ou seja, instâncias criadas e concebidas no espaço de trocas e vivências sociais, representavam o pré-requisito na constituição da lembrança (SANTOS, 2012). Formava-se uma nova concepção em torno da memória enquanto construção social:

De um lado, é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal. De outra parte, ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo (HALBWACHS, 2006, p. 53).

³Maurice Halbwachs estabeleceu os principais argumentos teóricos de defesa do caráter coletivo da memória coletiva em duas obras que hoje se tornaram referências obrigatórias ao tema: “Os quadros sociais da memória” (1925) e “A memória coletiva”, esta última publicada após sua morte (1950).

A partir de Halbwachs, compreende-se a memória coletiva como sendo constituída por tempos passados e, dada sua importância, adquirem significados, passando a influenciar a vida em grupo, posto que são usualmente lembrados, servindo de base para a reconstrução da memória, bem como de suas tradições, histórias e modos de vidas. Portanto, de acordo com o autor, “esquecer um período de vida é perder o contato com os que então nos rodeavam” (HALBWACHS, 2006, p. 37).

São memórias coletivas porque foram construídas com base nas interações travadas em meio social. Isso quer dizer que a nossa memória está intrinsecamente relacionada com as transformações do mundo externo. A cada lembrança, colocamo-nos num tempo e espaço próprios do pensar coletivo, o que faz dessa memória uma construção social. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Ao lado dos estudos sobre memória coletiva, Halbwachs (2006, p. 55) aborda a existência da memória social, “seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social”.

Para o sociólogo, a memória não se enquadrava nem como atributo da condição humana, nem como decorrência do seu passado, mas sim como resultado de representações coletivas constituídas no presente. Sua grande contribuição foi ter escrito sobre memória coletiva numa época em que a memória era compreendida primordialmente como fenômeno individual. “[...]Memórias passaram a ser compreendidas a partir de estruturas coletivas, processos interativos, práticas reflexivas e construções sociais, sem que estas perspectivas teóricas fossem consideradas excludentes” (SANTOS, 2012, p. 27).

Halbwachs teve influência de grandes estudiosos, como, por exemplo, o filósofo Henri Bergson⁴, seu professor, um dos filósofos mais reconhecidos da época. Juntos, rejeitavam as concepções que consideravam a consciência como campo exclusivo da memória, como as teses no campo da psicologia que reduziam a memória a reações mecânicas do sistema nervoso.

⁴Henri Bergson se fez presente na vida de Halbwachs durante muitos anos, sobretudo no início de seus anos de estudos. No diário da mãe de Halbwachs, pode-se notar tal comentário da mesma sobre o livro *L'écadresses de la mémoire*: “Me sinto emocionada de te ver muito próximo do Bergson, que foi realmente o ‘demônio familiar de sua juventude’” (Namer, 2004, p. 354).

Para Bergson, a percepção faz parte da memória, e a percepção do indivíduo, “por mais instantânea que seja, consiste, portanto, numa incalculável quantidade de elementos rememorados e, na verdade, toda percepção já é memória” (BERGSON, 2006, p. 90).

Além de Bergson, Halbwachs envolveu-se com os estudos e pensamentos do sociólogo francês Émile Durkheim, e ambos se preocupavam em estabelecer práticas sociais, de quaisquer que fossem as esferas da vida social, como fatos sociais e investigá-los cientificamente (SANTOS, 2012). Em suma, a memória em Durkheim dependeria das relações sociais, ou seja, o meio social exerceria o poder de interferir ou mesmo conservar as memórias. Assunto amplamente abordado nas obras de Halbwachs.

Apesar de ter sido aluno de Bergson e discípulo de Durkheim, Halbwachs buscou projetar na história os seus próprios conceitos e visões. Essa busca fica evidente no caminho percorrido pelo sociólogo com seus dois livros (*Memória Coletiva* e *Os quadros Sociais da Memória*), em que demonstra a necessidade de refutar algumas concepções de memória de Bergson.

De acordo com o filósofo, “Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar” (BERGSON, 1999, p. 90). Ao contrário disso, Halbwachs enfatizava que não se pode destituir da ação do presente e, mais precisamente, dos marcos sociais, pois são os contextos sociais que servem de base para reconstrução da memória.

Bergson acreditava na existência de uma memória pura, inalterável, que se contrapunha às “recordações imagens”, que seriam recordações que correspondem a “percepções acompanhadas de reflexão, de juízos, de pensamentos abstratos” (HALBWACHS, 2006, p. 68). Para Halbwachs, o ato de recordar estaria diretamente relacionado à prática da reconstrução, da reinterpretação do passado a partir das concepções do presente. “Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Deve-se levar em consideração que o sociólogo considerava importante a constituição de uma objetividade da memória. Por isso, ao relacionar a percepção presente ao fato de construir e evocar suas memórias do passado, Halbwachs argumenta que referências de memórias, ou seja, a presença de testemunhos julgando um fato recordado, aumentariam a confiabilidade da exatidão das recordações.

A partir disto, Halbwachs consolidava o embasamento dos seus estudos, seguindo sua meta de desenvolver as bases científicas de uma teoria social que crer na concepção de que

a “[...] memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas” (HALBWACHS, 2006, p. 61).

É notório que Halbwachs tornou-se uma referência nos estudos de memória no campo social quando, ao final do século XIX e no primeiro terço do XX, a memória estava localizada, sobretudo, no campo da psicologia e da filosofia, estudada a partir de questões neurológicas ou mecânicas. Para essa concepção, existia apenas um tipo de memória, aquela pertencente ao indivíduo, como própria desse, criada de maneira singular diante do tempo que o cercava.

Hoje, o trabalho de Halbwachs sobre a memória tem sido apropriado por uma gama enorme de historiadores, antropólogos e sociólogos de diferentes correntes teóricas. A concepção de que os indivíduos recordam de acordo com estruturas sociais que os antecedem e, assim, criam laços e ligações com o meio social, trouxe na década de 70 novos rumos para o estudo da memória.

O grande mérito do sociólogo, portanto, foi evidenciar que a memória individual não pode ser dissociada da memória coletiva. Por mais que o indivíduo acredite que sua memória é unicamente pessoal, uma vez que foi vivida e sentida a partir de sua existência física e emocional, ela é resultado daquilo que foi percebido no contexto social, ou seja, é a representação da sua trajetória de vida individual baseada nos laços e construções travadas em múltiplas relações sociais.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS 2006, p. 30).

Dessa forma, de acordo com o autor, a memória individual sempre dependerá da coletiva, pois, valendo-se apenas dessa, poderão surgir esquecimentos, dúvidas e incertezas, podendo ser facilmente confundida com uma memória fictícia,

É comum que imagens desse tipo, impostas pelo meio em que vivemos, modifiquem a impressão que guardamos de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida. Essas imagens talvez não reproduzam muito exatamente o passado, o elemento ou a parcela de lembrança que antes havia em nosso espírito; talvez seja uma expressão mais exata do fato - a algumas lembranças reais se junta uma compacta massa de lembranças fictícias (HALBWACHS, 2006, p.32).

Enfim que, de acordo com o autor, sem estarmos em contato com a memória de um grupo, não teríamos possibilidades de rememoração e assim não saberíamos identificar o que é uma memória vivida e o que se trata de sonhos e alucinações.

Certamente, como pensar em momentos únicos diante de uma infinidade de acontecimentos e processos sociais travados em comunidade? Por outro lado, seria possível recordar momentos vividos sem antes trazê-los para a realidade e assim reconstituir essa lembrança mediante a existência de fatos e pessoas? Estaríamos desprovidos de percepções próprias? Para Halbwachs, a lógica da percepção não seria guiada com base no discernimento do indivíduo, mas sim partindo de uma concepção inteiramente coletiva, evidenciando assim sua forte visão mecanicista da percepção.

Na busca por materializar a memória e assim torná-la passível de interpretações científicas e objetivas, Halbwachs acaba apresentando uma concepção tão mecanicista quanto à dos cientistas criticados por ele.

Quando o sociólogo afirma que a memória e o esquecimento só existem a partir do meio social, e então sobrepõe a consciência coletiva ao pensamento individual, ele coloca as percepções pessoais num patamar muito abaixo de sua importância e complexidade, deixando de considerar aspectos individuais da mente humana e os relacionando com a “causalidade natural das coisas”, quando afirma que “[...] é a ordem da natureza que então penetra em nosso espírito e regula o rumo de seus estados” (HALBWACHS, 2006, p. 60).

Seria a nossa memória formada apenas a partir de representações reais? Ou poderia ser constituída de sensações, delírios, sentidos que habitam aquilo que faz de mim um ser individual? Não faço delas protagonistas de uma cena que exija um pano de fundo ou de uma história a ser contada, apenas lembrada, rememorada quando dela julgar necessária. Um cheiro que eu mesma criei misturado com um que eu já conhecia, envolvido num barulho imaginário, de uma situação completamente ilusória, mas unicamente real, faz-me entender que memórias coletivas e individuais se misturam e se confundem, pois são unicamente plurais e subjetivas, sem, contudo, julgar a preponderância entre elas.

Se aceitarmos inteiramente a tese de Halbwachs de que indivíduos não recordam sozinhos e que sempre precisarão da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações, estaríamos colocando em questionamento as memórias que são construídas em momentos de total solidão.

Obras como a de Nelson Mandela, que resultaram das memórias vividas em cárceres, por exemplo, demonstram que, mesmo estando isolado, o ser humano constrói suas memórias a partir da sua existência no mundo, sem necessariamente estar em contato com o coletivo. O líder rebelde e, mais tarde, presidente da África do Sul, escreveu a obra “Conversas que tive comigo”, um arquivo pessoal onde Mandela narra o tempo vivido na prisão, relatando

momentos em que esteve somente consigo. Assim foi também com outras grandes biografias que rememoram épocas sombrias e de grande reclusão nas guerras.

Essas memórias foram constituídas num espaço individual e unicamente reconstruídas no presente, as quais servirão de fonte para construção de novas memórias. Não se pretende afirmar que são exclusivamente individuais, porém não se pode confirmar que são simplesmente resultados de visões concebidas coletivamente, uma vez que são construções pessoais e, portanto, únicas.

A construção de lembranças instituídas em meio a esse momento de infinita solidão, de certo modo, desordena a linearidade concebida por Halbwachs (2006, p.25), quando esse apresenta o conceito de “confronto de testemunhas”:

[...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias.

De acordo com o sociólogo, o primeiro nível de testemunho se dá quando o indivíduo está em contato com suas próprias lembranças, “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (HALBWACHS, 2006, p. 29) e então o seu depoimento será baseado na sua própria visão de mundo. Estando o indivíduo solitário, ele quebra o segundo nível que abrange o testemunho de outros, não permitindo que haja o confronto de depoimentos, o qual, de acordo com o autor, garantiria a veracidade da memória.

Apesar de Maurice Halbwachs acreditar que “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2006, p. 31), é claramente perceptível na leitura de suas obras uma negação das concepções individuais e uma extrema premência de fazer do indivíduo um ser sempre refém de uma memória dada como real e verdadeira.

Essa imposição de que o coletivo determinava o individual e a sociedade sobrepujava o indivíduo é também percebida nesta passagem de sua obra *Memória Coletiva*, a qual tece diferentes tipos de exemplos:

Suponhamos que eu passei sozinho. Será que se poderá dizer que deste passeio guardei apenas lembranças individuais, só minhas? Contudo, apenas em aparência andei sozinho [...] Em todos esses momentos, não posso dizer que estive sozinho [...], pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo (HALBWACHS, 2006, p. 30-31).

Nota-se em Halbwachs a necessidade de definir a memória enquanto uma particularidade objetiva, sólida e sempre contextualizada, não abrindo espaço para o processo de trocas que acontece entre a visão do sujeito e o contexto dinâmico social. São memórias individuais porque foram vividas por aquele indivíduo; portanto, criou-se a partir da experiência delas uma representação de mundo, ou seja, uma ideologia própria.

Nessa discussão, vale citar a feliz expressão de Franco Cardini (1993): “a lembrança não se constrói sem a memória coletiva, mas, ao mesmo tempo, a recordação pessoal é uma forma de testemunho que impõe limites à tirania ou à ditadura das imagens coletivas”.

Do ponto de vista de Cardini (1993), a lembrança pessoal como testemunho tem força para ir contra e ao mesmo tempo desconstruir as interferências coletivas. Apesar de afirmar de maneira arbitrária que é necessário outro testemunho para que um fato se perpetue e se torne memória para um grupo, Halbwachs considera que a consciência individual estabelece limite e pode nos salvar de uma ditadura (CARDINI, 1993). Questão essa igualmente abordada na concepção de memória psicossocial.

Na perspectiva da psicologia social e na contramão dos discursos funcionalistas, o psicólogo Frederic Batlet defendia que a memória era o produto de um processo de interação entre o indivíduo e o contexto social, destacando que os indivíduos estão constantemente atribuindo significados às suas memórias à medida que as constroem.

Apesar de ter dado maior importância aos processos de internalização das convenções sociais, esquecendo-se assim de considerar o contexto da vida cotidiana do indivíduo, o psicólogo francês trouxe à tona os processos pelos quais os indivíduos constroem de modo singular suas memórias, dando espaço para uma abordagem interacionista nos estudos sobre memória coletiva (SANTOS, 2012).

De todo modo, a teoria social sofreu grandes transformações desde os estudos realizados por Halbwachs e Bartlett sobre a memória⁵. A concepção central desses de que a memória é fruto de uma construção social se tornou complementar e amplamente aceita por aqueles que trabalham com representações coletivas. Obviamente que as questões em torno da memória individual e coletiva não poderiam ficar apenas em Halbwachs, e muitos autores vieram complementar e contrabalancear a sua tese, considerando a participação dos agentes sociais nos processos interativos.

⁵ Como explica Santos (2012, p. 39): “Dois intelectuais, o sociólogo Maurice Halbwachs e o psicólogo Frederic Charles Bartlett, estabeleceram, nas primeiras décadas do século XX, as bases teóricas que nos permitem rejeitar com maestria a separação rígida entre memória e sociedade e definir a memória como uma construção social. A contribuição desses autores para o conhecimento que vinha se acumulando sobre memória, entre outras áreas, como a psicologia e a filosofia, foi de mostrar que a memória fazia parte de um processo social, em que indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas interagindo uns com os outros ao longo de suas vidas a partir de estruturas sociais determinadas”.

Em seu estudo denominado “A Memória, a História, o Esquecimento”, Ricoeur reformula o conceito de memória coletiva e individual elaborado por Halbwachs, em que busca explicar o sentimento de unidade do “eu”. Apesar de acreditar na existência de uma base social da memória, defende a possibilidade do indivíduo de recordar sozinho. Nesse sentido, o autor contrapõe-se a Halbwachs, ao considerar a influência da visão dos atores sociais diante do meio.

Ricoeur (2007) dedicou-se a estabelecer fundamentos para uma definição de memória coletiva, considerando a existência de uma dimensão individual da memória. O filósofo aborda os traços que fazem da memória uma faculdade também individual:

Três traços costumam ser ressaltados em favor do caráter essencialmente privado da memória. Primeiro, a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, a memória é um modelo de minha idade, de posse privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito (RICOEUR, 2007, p. 107).

Este caráter essencialmente privado da memória, citado pelo autor, demonstra que no individualismo somos gestores de nossas próprias lembranças, mesmo estando essas relacionadas a um contexto, pertencendo exclusivamente ao sujeito que as reconstrói no presente. Para o filósofo, a memória seria um trabalho contínuo sempre capaz de se sobrepor a processos estruturais pré-estabelecidos.

O segundo traço da individualidade da memória, segundo Ricoeur (2007, p. 107), é o seu vínculo existente entre aquele sujeito que viveu e recorda suas experiências: “a memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é o meu passado”.

Outra observação que Ricoeur (2007, p. 108) aponta, em se tratando da interioridade, é em relação à vinculação que a memória faz em relação ao tempo:

Em terceiro lugar, é à memória que está vinculando o sentido da orientação na passagem do tempo; orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás pra frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo.

Essa passagem do tempo está intrinsecamente relacionada ao que fazemos do tempo vivido no presente. As escolhas que são constituídas no espaço social fazem desse curso de vida uma via de mão dupla. Esse fluxo se elabora de acordo com percepções e sensações pessoais, as quais alteram, constantemente, o tempo da memória.

Desenvolvendo pesquisas no campo da Antropologia cognitiva, o antropólogo francês Joël Candau também trava considerações a respeito da memória individual e coletiva. De certa forma, Candau aperfeiçoa o conceito de memória coletiva concebido por Maurice Halbwachs, ao tentar reduzir os questionamentos e dúvidas em torno da memória.

Em sua obra *Memória e Identidade*, Candau (2011) apresenta um conceito de memória individual em três níveis: a protomemória, uma memória constituída de procedimentos e hábitos, portanto de cunho exclusivo do indivíduo; a memória de alto nível que representa aquilo que construímos de nossas próprias lembranças, incorporando crenças, sentimentos, emoções e outras experiências vividas no passado, como base para constituição do processo identitário; e, finalmente, a metamemória, a única que o autor considera como sendo coletiva, ou seja, passível de ser compartilhada, uma vez que é formada a partir da representação que cada indivíduo faz do ambiente social. Essa divisão da memória de Candau, de certo modo, aprimora a teoria de Halbwachs, diminuindo o risco de confusão entre memória individual e memória coletiva.

Sem o intuito de encerrar a discussão, mas sim de coroar as proposições abordadas neste capítulo, cita-se a concepção de Candau (2011) sobre o processo de interação que ocorre no contexto social: “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é, por nós, modelada” (2011, p. 16). O que deixa claro e resume perfeitamente o relacionamento das memórias coletiva e individual, as quais se conjugam, nutrem-se mutuamente, apoiam-se uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, uma narrativa.

Essa é a memória, uma fragmentação da vida gerada mentalmente ou vivida no espaço físico e social. Somos feitos de memória, e sem nossa existência ela desaparece. Mas também é ela que fundamenta nossa essência, que traz à tona a sensação de pertencimento e tem o poder de transformar quem somos.

Nesse sentido, as lembranças que guardo em minhas memórias traduzem o que sou hoje e, ao mesmo tempo, construo minha memória baseando-me naquilo que vivo no presente.

Ao “descortinar” as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias, percebemos esse fluxo ser narrado a cada pedaço de lembrança rememorada. Como se a memória fosse passeando entre vestígios do agora, mas também do passado, criando e gerando movimentos numa dança entrecortada por processos históricos, culturais e sociais.

MEDIAÇÃO, LEITURA E INFORMAÇÃO

“

O contador de histórias

interessado pela moça aproximou-se e perguntou se haveria algo possível ou até mesmo impossível que ele pudesse fazer para aliviar o peso dos seus suspiros. Ela disse que tudo que ele poderia fazer era que sentasse e a ouvisse. Contou-lhe que não morava muito distante dali, numa torre isolada, primeiro pelo capricho que uma madrasta enciumada, depois por vontade própria, pois já havia se acostumado, e que sua maior alegria, vivendo naquele castelo, era sonhar com as histórias trazidas pelo um objeto precioso, uma joia de família, uma coroa encantada com uma pedra encrustada. Pedra de brilho tão intenso que através da sua luz era podia ver o mundo...

4 MEDIAÇÃO, LEITURA E INFORMAÇÃO

Apesar de não ser um conceito amplamente aprofundado no campo da Ciência da Informação (CI), a mediação tornou-se não só campo de estudo, mas, principalmente, prática profissional em espaços que tratam e disseminam a informação. Não se constitui como intuito deste capítulo lançar-se no papel de formular um conceito sobre mediação da informação, mas sim compreender, a partir das diferentes abordagens que contribuíram para definição do termo na CI, suas interrelações com a leitura e apropriação da informação.

Desse modo, é preciso evidenciar que, para esta pesquisa, a mediação é entendida como uma ação capaz de criar e construir significados. E, independente dos recursos utilizados para prover o intercâmbio de informações, o ato de mediar inclui também o de interferir, portanto contribui na transformação daquilo que está sendo mediado.

Etimologicamente, a palavra “mediador” deriva do latim *mediator*. O termo “mediador”, então, origina-se de *mediari*, que significa intervir, colocar-se em duas partes, de *medius*, “que está no meio ou entre dois pontos” (CUNHA, 2007, p. 509). Para o francês Jean Davallon (2007, p.5), essa concepção faz parte de uma conceituação de puro “uso comum, uma primeira utilização que se divide entre o senso científico e o senso comum”. No entanto, esse termo recebe diversos conceitos, já que “cada domínio de investigação possui o seu próprio uso – ou mesmo a sua própria definição – de mediação (DAVALLON, 2007, p. 9).

Dessa forma, as terminologias mediação, mediações, mediador e mediando podem ser vistas em diferentes concepções e discursos variados, dependendo do campo de estudo que esteja sendo empregado, tornando simples a apropriação do termo. Por outro lado, a variada extensão de estudos sobre o assunto e do uso que se faz do mesmo termina por ocasionar uma ausência de precisão.

Em áreas correlatas à Ciência da Informação, como, por exemplo, a Comunicação Social, a mediação é abordada como procedimento essencial para construção social da informação, assim como meio de distribuição e divulgação da mesma. Autores como o francês Jean Davallon, o espanhol Jesús Martín-Barbero e a brasileira Lúcia Santaella, dentre outros, são nomes bastante citados em pesquisas que abordam a temática. Além dos autores supracitados, faremos uso dos discursos de estudiosos que estão em constante diálogo com a Ciência da Informação, assim como da própria área, tais como Almeida Júnior, Malheiros e Sueli Bortolin.

Pensando em conduzir a pesquisa baseando-se no objetivo de analisar as práticas leitoras, consideramos pertinente compreendermos como o termo mediação vem se

desenvolvendo no âmbito da Ciência da Informação, mesmo que estudada à luz de pesquisadores de diversas áreas. Assim, é importante compreender de que modo a mediação ganha substâncias diferentes quando praticada em outros contextos de estudo. Neste capítulo, buscamos realizar uma discussão em torno da mediação da leitura e da informação, para ademais refletirmos sobre a importância da leitura no processo de apropriação da informação e na formação do sujeito.

4.1 Mediação e Apropriação da Informação

Sendo a Ciência da informação uma área que é essencialmente múltipla em suas variadas composições, conforme Bentes Pinto (2007), já nasceu transdisciplinar, devido aos vários atores de outras áreas de conhecimentos que contribuíram para a sua constituição enquanto disciplina. Assim, aborda-se a mediação da informação no âmbito do processo de comunicar:

Em C.I., informação e comunicação, não sendo conceitos simétricos, são complementares e reportam-se a uma fenomenalidade (info-comunicacional) que decorre da capacidade simbólica do Homo sapiens sapiens modelada e desenvolvida socialmente. Há, aqui, um recorte e uma especificação: os dois conceitos aplicam-se apenas a um processo inerente à condição humana e social, condensado em algumas propriedades válidas unicamente nesse âmbito restrito (MALHEIROS, 2008, p. 21).

De acordo com Almeida Júnior (2009, p. 92), a mediação da informação significa “Toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional”. Dessa forma, ao promover as práticas de leitura no âmbito da biblioteca, e assim interferir no processo de produção do conhecimento, o bibliotecário também está possibilitando a apropriação da informação. Isso demonstra que não há mediação da informação dissociada da mediação de leitura.

Ainda de acordo com Almeida Júnior (2009), a mediação da informação inclui dois fatores fundamentais: a apropriação da informação que é inerente ao processo de produção/disseminação da informação e interferência que é inerente aos procedimentos de como a informação será destinada ao usuário.

Destarte, a mediação da informação na CI tem como objetivo facilitar o acesso e compreensão da informação, visando à transformação de uma dada situação ou à solução de problemas. Antes de ser simplesmente uma “ponte” que liga duas pontas fixas com intuito de

prover a comunicação, a mediação de informação na CI deve ser concebida como ação representativa na produção do conhecimento.

Para Almeida Júnior (2009, p. 92), “A imagem da ponte [...] apresenta a ideia de algo estático, que leva alguma coisa de um ponto a outro ponto, sendo esses predeterminados e fixos, e sem interferir no trajeto, no modo de caminhar e no final do percurso”. Corroborando com essa denominação, o autor Davallon (2007) desmistifica a concepção de mediação enquanto ação estática:

[...] a noção de mediação aparece cada vez que há necessidade de descrever uma acção implicando uma transformação da situação ou do dispositivo comunicacional, e não uma simples interacção entre elementos já constituídos – e ainda menos uma circulação de um elemento de um pólo para outro. Emitirei assim a hipótese de que há recurso à mediação quando há falha ou inadaptação das concepções habituais da comunicação: a comunicação como transferência de informação e a comunicação como interacção entre dois sujeitos sociais (DAVALLON 2007, p.10).

Nesse sentido, a necessidade de ter acesso à dada informação implicará a ação de mediar, sendo essa completamente condicionada ao contexto em que está sendo efetivada. Por essa razão, assim como afirma Davallon (2007), quando a comunicação não flui de maneira habitual, ou seja, quando não há o entendimento entre as partes comunicadas, é imprescindível que ocorra uma intervenção.

Em uma de suas obras principais, *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (2009), Martín-Barbero (2009) aborda a mediação no âmbito dos fenômenos da globalização e de movimentos populares, em que realiza uma análise que vai desde os meios de comunicação de massa até as mediações sociais. Essa obra vem sendo bastante abordada no âmbito dos estudos da CI, tanto no que diz respeito ao tratamento e disseminação da informação, como nos estudos de aprofundamento e conhecimento do usuário receptor de informação.

Martín-Barbero (2009) recebeu grande notoriedade, principalmente, na América Latina, ao romper com as pesquisas que centravam a análise no processo de comunicação e nos seus efeitos. O estudioso aborda a comunicação dentro de um parâmetro que vai além de pesquisas quantitativas, abrindo espaço para uma abordagem que considera a história, a cultura, enfim, as práticas sociais.

Em sua escrita, esse teórico da comunicação social e da cultura apresenta múltiplas mediações que são extremamente dinâmicas dentro da conjuntura dos estudos culturais, deixando claro que a interferência é a função central da mediação e não uma função meramente expressiva.

Apesar do estudioso não citar o termo “mediação da informação”, ele apresenta em sua obra uma análise das mediações acontecidas nos meios de literatura de cordel até os meios massivos, como rádio, cinema e televisão, na América Latina contemporânea. Demonstra o grande alcance que as informações obtêm quando são mediadas por meios físicos, muitas vezes massivos e, de certa forma, manipuladores (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Ao deslocar as concepções de pesquisas que privilegiavam os meios físicos de comunicação para abordar a própria prática da mediação, o espanhol emprega na mediação possibilidades de trocas de um fluxo que atravessa consciências e percepções, imbricadas nas práticas sociais cotidianas das pessoas.

A mediação é uma espécie de construção social, porque é múltipla e ao mesmo tempo singular, já que evidencia, em cada processo mediado, as complexidades dos atores envolvidos. O que significa dizer que a mediação ocorre de maneira diferenciada a cada momento em que são concretizados o ato e a ação de mediar. Nesse processo, temos imbricações e enfrentamentos que envolvem o contexto social cultural e político, assim como as formas e efeitos que são geradas em cada apropriação.

Essas questões são percebidas quando Martín-Barbero (2009) aborda os estudos de recepção em suas produções, afirmando que o receptor da mensagem não somente se intitula como um indivíduo que recebe as mensagens, mas um sujeito capaz de participar do processo de comunicação.

Apesar de abordar principalmente os meios de comunicação, em especial a televisão, Martín-Barbero (2009) lança-se no papel de fundamentar uma teoria das mediações, argumentando a centralidade dos meios perante a sociedade. A pluralidade de formatos e mecanismos que geram o processo de mediação através da comunicação é também fortemente abordada em sua obra:

Assim como o computador nos coloca diante de um novo tipo de tecnicidade, deparamo-nos, também, com um tipo de textualidade que não se esgota no computador, o texto eletrônico se desdobra numa multiplicidade de suportes e escritas, que, da televisão ao videoclipe e da multimídia aos videogames, encontram uma complexa e crescente cumplicidade entre oralidade e a visualidade dos mais jovens (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 74).

Corroborando com Martín-Barbero (2009), Malheiros (2010) apresenta uma concepção de mediação guiada pelas construções sociais que são também realizadas na consciência do indivíduo. Para o autor, os medias têm um papel fundamental de intermediário no processo de continuação da comunicação do enunciador para o destinatário:

Os media e outras formas sociais de comunicação ou interacção são, também, mediações porque permitem, no espaço público, a apropriação singular, pelos seus leitores ou utilizadores em geral, da informação que enforma a cultura colectiva definidora da identidade de um grupo social ou de um país num determinado momento da sua história (MALHEIRO, 2008, p. 28).

Tanto Martin-Barbero como Armando Malheiro abordam a mediação numa perspectiva sócio-interacionista, campo amplamente abordado pelo teórico Vygotsky (1989), primeiro psicólogo moderno a sugerir uma abordagem que buscasse a síntese do homem como ser biológico, histórico e social.

Sua principal contribuição foi conceber que a compreensão e assimilação do conhecimento se faziam a partir das relações de troca do sujeito com o meio, onde a linguagem possuía papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, a partir de um processo denominado mediação. Para o teórico, a mediação se daria pelos vínculos interpessoais entre os indivíduos, sempre marcados por processos coletivos.

A relevância da mediação na teoria sócio-histórica, no âmbito das funções psicológicas superiores, pode ser enfatizada no discurso de Vygotsky (1998, p. 73) quando afirma que:

(...) O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica.

Vygotsky reconhece que a mediação interfere ou modifica as operações psicológicas, ampliando e amadurecendo as atividades históricas, culturais, sociais e psicológicas do ser, o que implica dizer que a combinação entre o instrumento mediado e o resultado promovido na atividade psicológica do ser concebe uma função psicológica superior ou comportamento superior. Em suma, a mediação na teoria sócio-histórica de Vygotsky contribui para os processos de apropriação e aprendizagem do ser por meio das interações e internalizações.

A aproximação de teóricos que abordam o meio social como principal transformador da sociedade com os estudos no âmbito da Ciência da Informação, sobretudo da Biblioteconomia, é percebida no contexto tanto da pesquisa quanto da prática profissional. Entender que o espaço social interfere diretamente nas possibilidades de acesso e uso da informação, e que o indivíduo receptor desse produto é um indivíduo marcado por concepções e visões diferenciadas, é perceber que a mediação da informação não pode ocorrer dissociada

dos preceitos e concepções biblioteconômicas.

De forma mais intensa, refletir sobre a mediação da informação deságua naturalmente no discurso de Gomes (2010b, p. 87), quando afirma que “para tratar de mediação, de início, é preciso situá-la como ação vinculada à vida, ao movimento, ao processo de construção de sentidos”.

No âmbito das bibliotecas, a mediação incorpora diferentes delineamentos, pois as ações realizadas nesse espaço tendem a variar de acordo com o usuário de informação. Essa inconstância do sujeito consumidor de informação demonstra a necessidade de um estudo contínuo do comportamento informacional dos usuários, conforme recomenda Duarte (2012 p. 74):

[...] o profissional que atua explicitamente como mediador deveria, sempre que possível, fazer estudos sistematizados de seus usuários. E que, em seu cotidiano, deve aprender a fazer “micro estudos”, pequenas análises individuais de cada usuário que atende ou com que se relaciona. Se for capaz de introjetar essa capacidade de observar com rigor e analisar com discernimento as necessidades trazidas pelo usuário, será capaz de oferecer, sem dúvida, um serviço diferenciado.

De modo geral, para que ocorra uma mediação efetiva e de qualidade, ela precisa estar de acordo com os interesses do usuário consumidor de determinado produto ou serviço. Conhecer suas características, desde o contexto social e econômico, até seus interesses de aprendizagem, facilita no planejamento dos serviços que serão oferecidos. Vale destacar que esse estudo é inteiramente contínuo e também bastante específico.

Estamos vivenciando uma fase em que o imediatismo atravessa a vida das pessoas, em que as transformações ocorrem de forma muito acelerada e que o sujeito pós-moderno carrega consigo vestígios de uma fraqueza dos laços sociais e de plena “desreferencialização”. Diante dessa inconstância fragmentada, o bibliotecário mediador de leitura contemporâneo precisa antes de tudo conhecer e participar dessa lógica de sociabilidade humana instaurada no âmbito público e social, tendo consciência de que em cada espaço teremos um usuário específico demandando um serviço personalizado e diferenciado.

No caso de bibliotecas públicas e comunitárias, em que os usuários buscam, além de acesso a documentos e informações utilitárias, outras possibilidades de ter acesso ao conhecimento, tais como a leitura compartilhada, eventos artísticos e culturais, a busca pelo atendimento de excelência pode ser crucial para fidelização desse público leitor.

Nesses espaços informacionais, a mediação recebe uma nova configuração e o bibliotecário mediador passa a representar a figura de um agente social formador e transformador de sentidos. Muitas vezes o indivíduo não sabe exatamente o que busca na

biblioteca, mas deseja estar presente, já que nesses espaços congrega-se a identidade cultural de um povo.

Tratando sobre mediação cultural, o francês Jean Davallon (2007) apresenta um conceito baseado nas condições do ato de mediar em torno de tamanha heterogeneidade de sentidos, escolhas, condições políticas, sociais e pessoais. Pensando na definição de um processo extremamente plural e contextualizado, o autor confessa ter ficado duvidoso, “– para não dizer francamente desconfiado – face a uma noção que oferece a facilidade de etiquetar fenômenos, ações ou coisas, mas apresenta o inconveniente de se furtar logo que decidimos defini-la enquanto conceito operatório” (2007, p. 4):

Detenhamo-nos na mediação cultural. Pode ser definida, sem dúvida, a nível funcional: visa fazer aceder um público a obras (ou saberes) e a sua acção consiste em construir uma interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objecto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro. Mas, na prática, ela não deixa de cobrir coisas tão diversas como a prática profissional dos mediadores (DAVALLON, 2007, p. 4).

O teórico aborda a mediação cultural enquanto difusora da arte, enquanto objeto, seja através das obras de um museu, do patrimônio público, ou simplesmente de uma prática animadora, já que essa atinge um campo muito amplo.

Em se tratando de espaços comuns à sociedade, como a Biblioteca Pública ou Comunitária, temos nesses espaços potenciais propícios à mediação e promoção de ações que visem difundir a cultura como processo identitário de uma comunidade. Como nos lembra Freire (1984), as bibliotecas populares podem e devem agir como espaços de mediação cultural e preservação da memória de suas localidades, possibilitando assim que as gerações futuras tenham acesso a essa história. O autor observa ainda que existe uma “visão elitista” que prega que a sabedoria popular, a memória popular, as ideias do “povão” devem ser esquecidas, mas que assim a palavra democracia perderia o seu sentido.

Nesse sentido, atividades como contação de histórias, rodas de leitura, saraus literários, leituras coletivas, dentre tantas outras, contribuem para a formação de cidadãos que possam sobreviver de forma autônoma numa sociedade permeada por informação.

Diante da configuração social, os profissionais da mediação, sejam eles professores, bibliotecários, artistas, animadores, incorporam um papel de socializadores da memória, da história, mas, sobretudo da leitura, como meio de apropriação e acesso ao conhecimento. Essa que não se prende ao texto escrito, mas se mistura por sons, cores, imagens, sentidos que nos levam a conceber que a mediação se constrói por quem a pratica, mas principalmente por quem participa dela. Nessa perspectiva, o leitor deixa de ser um mero receptor para um produtor de

sentidos.

Diante do que foi discutido neste capítulo, é importante destacar que a mediação da informação é uma ação presente no cotidiano das bibliotecas e que o leitor age sob a informação que consome, apropriando-se assim do seu interesse. No outro lado do processo, encontra-se o bibliotecário que se envolve nessa construção constante, longe de ser um ator neutro, pois assim como modifica o percurso de apreensão da informação é também por ela influenciado.

Vale destacar que isso também se estende à mediação oral da literatura e é nela que buscamos o foco neste momento para tecer considerações a respeito do impacto dessa prática na vida das pessoas. Acreditamos que a oralidade caminha de mãos dadas com a leitura, tornando possível a mediação da informação.

Portanto, falar em apropriação da informação sem falar da leitura é uma tarefa incompleta. É como iniciar uma caminhada na direção errada. Uma vez que, sem leitura não se faz mediação da informação, “[...] sem ela todas as ações realizadas nos espaços informacionais são inúteis e desprovidas de sentido, pois a informação deixa de ser apropriada” (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 35).

Almeida Júnior (2007, p. 35) enfatiza a importância da leitura para CI e Biblioteconomia:

Insistindo: a leitura é imprescindível para a Ciência da Informação e para Biblioteconomia. Sem ela, essas áreas passam a lidar com um objeto utópico. Desconsiderar a leitura ou entendê-la como de menor importância, pertencente a um campo tradicional e sem espaço nas demandas contemporâneas, é decretar a inviabilidade daquelas duas áreas.

O que Almeida Júnior quis dizer é que o objeto da CI e da Biblioteconomia só terá sentido se for consumido através da leitura. Vista para além da decodificação do significado estático de um texto, mas um processo de construção de significados em que está presente todo acúmulo social, cultural e pessoal do leitor. A esse respeito, Martín-Barbero (2009, p.293) diz:

Se entendemos por leitura “a atividade por meio da qual os significados são organizados num sentido”, resulta que na leitura – como no consumo – não existe apenas reprodução, mas também produção, uma produção que questiona a centralidade atribuída ao texto-rei e à mensagem entendida como lugar da verdade que circularia na comunicação. Levar a centralidade do texto à crise implica assumir como constitutiva a assimetria de demandas e competências encontradas e negociadas a partir do texto.

Na perspectiva do sujeito como produtor de sentidos, o leitor assume um papel atuante. Deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo, passando a ser um construtor, um coautor da informação ou do texto, como destaca Almeida Júnior (2009). Abarcando essa

perspectiva, a leitura é vista como imprescindível na apropriação da informação, e o leitor, ao se apropriar da informação, do texto, não o faz de forma passiva, age ativamente, construindo significados:

[...] a leitura é uma das preocupações da ciência da informação e que essa faz parte do núcleo da apropriação da informação. A informação, por ser intangível, precisa de um suporte para ser veiculada e apropriada e a decodificação desse documento pela leitura permite a apropriação da informação, possibilitando a transformação do conhecimento de quem lê. Esse processo é denominado pelo autor de mediação da informação (GUARALDO; ALMEIDA JÚNIOR, 2010, p. 192).

Nesse sentido, a leitura vista como uma construção de significados, imprescindível para que ocorra a interação leitor-texto, torna-se pauta a ser discutida e pesquisada quando tratamos da mediação da informação, já que é somente através dela que é possível apropriar-se do conhecimento. Assim, apresentam-se, aqui, breves contribuições sobre as concepções acerca do fenômeno leitura que dialogam, com o intuito de melhor compreender o objeto pesquisado.

4.2 O Ato de Ler e Mediar a Leitura: entrelaçando conceitos, envolvendo os sentidos

A informação tem o poder de nos trazer o conhecimento que concebemos, principalmente através da leitura, a qual possibilita as trocas simbólicas e a veiculação de ideias, independentemente da forma do seu suporte ou do seu conteúdo. O ato de ler, por sua vez, não se efetiva em ação isolada ou linear, pelo contrário, ali se misturam experiências vividas, memórias afetivas, sentimentos e motivações que tornam essa prática diferente para cada leitor.

É importante salientar que tratamos a leitura nesta pesquisa como a capacidade do ser humano de compreender o mundo à sua volta, interpretando sons, letras, imagens e símbolos em um processo contínuo de construção de significados. Já que, conforme aborda Chartier (1998, p. 77), “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados”.

Assim, pode-se entender a leitura visual, oral e escrita como um processo permanente de comunicação entre os indivíduos e o meio social. Afinal, essa prática se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a interagir socialmente, provando, pois, que a leitura está nas conversas, nas escolas, nas rodas de brincadeiras, nas histórias que contamos na rua, na arte e na cultura, dentre vários lugares que permitem a percepção de olhares leitores.

Freire (2003, p. 8) denominou essa prática como “leitura de mundo”, que, segundo o autor, antecede a leitura da palavra:

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavra mundo”.

Durante a formação do sujeito, construímos, gradativamente, uma relação de dependência com a leitura, pois através dela tornamos possível a comunicação interpessoal, sendo esse mecanismo fundamental para a convivência social.

Nesse sentido, a prática da leitura ultrapassa a mera capacidade de decifrar códigos linguísticos. O leitor, ao praticar a leitura, age sobre aquilo que compreende, misturando percepções, opiniões e experiências na construção de uma série de significações, conforme aborda Quevedo (2002), Lajolo e Zilberman (1982):

[...] ler é muito mais que decodificar símbolos gráficos, é "captar" o mundo em nossa volta, sendo assim, a leitura se torna uma função essencial, pois é uma atividade presente desde que nascemos, quando passamos a "ler" o mundo através de nossos sentidos (QUEVEDO, 2002, p. 27).

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO; ZILBERMAN, 1982, p. 59).

Por muito tempo, as concepções pedagógicas seguiam o pressuposto de que o ato de ler fosse restrito à capacidade de relacionar o fonema ao grafema, para então iniciar um processo de decodificação de letras, o que tornava a utilização social do texto escrito dissociada do processo de alfabetização. De modo contrário, conforme explica Martins (1994), a leitura só acontece, efetivamente, “[...] quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa” (MARTINS, 1994, p.17). Nesse ínterim, a necessidade de informação, gera uma relação de troca e interesse entre o leitor e o texto.

Segundo Kleiman (1997), o conhecimento prévio do leitor é fator preponderante para a compreensão e interpretação no momento da leitura. A autora avalia a leitura como um conjunto de processamento de três níveis de conhecimento:

- Conhecimento linguístico, em que o leitor compreende e atribui significados ao texto;
- Conhecimento textual, quando percebemos se o texto é coerente ou não diante daquilo que buscamos;
- Conhecimento prévio, que é todo acervo cognitivo que o leitor carrega sobre o mundo

e suas vivências.

De acordo com a autora, para que haja a compreensão contextualizada do texto, esses três níveis são ativados de forma interligada. Essas concepções descritas acima esclarecem que a leitura é uma atividade interativa de caráter eminentemente social, tendo em vista que necessita fazer uso de diferentes conhecimentos e sentidos para ser concretizada. Vale destacar que, independente de gerar no sujeito um hábito leitor, a formação de leitura deve ser entendida como um processo capaz de democratizar outros conhecimentos.

Dada sua importância, nos últimos anos, muitas investigações sobre a leitura têm sido publicadas em todo o mundo. No Brasil, as manchetes de jornais mostram diariamente a deficiência nos resultados obtidos pelas crianças brasileiras em exames realizados pelo Ministério da Educação (MEC). Esse déficit é visível ainda mais nas camadas mais pobres, pois poucos são os investimentos e as famílias não possuem alta renda para pagar um bom ensino para as crianças.

Seja por questões culturais ou socioeconômicas, a leitura ainda não faz parte do cotidiano da população brasileira, o que afeta diretamente no desenvolvimento e crescimento do país. Sem leitura, o ser humano não desenvolve sua percepção crítica, não compreende o seu papel no âmbito social, tampouco apropria-se dele como espaço de direito. Essas questões só evidenciam que a prática da leitura é fator preponderante para constituição de sujeitos conscientes dos desdobramentos sociais, políticos, econômicos, linguísticos e psicológicos.

Nesta perspectiva, Silva (1986, p.49) define o ato de ler:

Ler é numa primeira instância, possuir elementos de combate à alienação e ignorância. Para ser compreendida, esta definição deve levar em conta a própria estrutura subjacente à sociedade brasileira, ou seja, a dicotomia das classes sociais, mantida pela ideologia (ou visão de mundo) da classe que está no poder. Dominar o mecanismo da leitura e ter acesso àqueles livros que falam criticamente e a respeito da estrutura hierárquica ditatorial e discriminatória, da estrutura, enfim, injusta da nossa sociedade é ser capaz de detectar aqueles aspectos que, através das manobras ideológicas servem para alienar, massificar e forçar o povo a permanecer na ignorância. Dessa forma, a pessoa que sabe ler e executa essa prática social em diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles.

A partir da concepção de Silva (1986), nota-se que a leitura desenvolve no contexto social papel essencial para vida em comunidade e sobrevivência do indivíduo. Assim como aborda Freire (2003), a leitura e a escrita são instrumentos essenciais de cidadania e exercício maior da política. Atrelado a isso vêm a importância do acesso a livros e a leitura, visto que sem essa oportunidade o desenvolvimento do sujeito torna-se inviável. Nesse sentido, Ferreira (2014, p. 139) vem discutir:

Ao proporcionar o acesso ao conhecimento e à cultura, o livro e a leitura oportunizam a formação de cidadãos à medida que a informação e o conhecimento passam a iluminar as mentes e, conseqüentemente, as decisões; permitem maior discernimento sobre temas da atualidade, sobre formas de interferir na sociedade e na realidade, sobre mecanismos de autoproteção e de apropriação de conhecimentos. Além disso, a leitura proporciona à sociedade prazeres, saberes, reflexões e ações.

Diante de tais reflexões, percebemos que tornar-se um sujeito crítico e atuante na sociedade contemporânea está diretamente condicionado à oportunidade de leitura, visto que convivemos numa sociedade letrada dotada de uma carga cultural que é transmitida e permeada a partir da leitura, seja ela escrita ou imagética. Estar fora desse circuito de leitores é estar excluído, não só do mundo da leitura, mas também, sobretudo, do acesso à informação.

Nesse transcurso há sempre sujeitos envolvidos que permitem o encontro com a leitura, pois assim como aprendemos a falar, caminhar, escrever e ler, também nos tornamos leitores. Na realidade, o encontro com a leitura, muitas vezes, só é possível por intermédio de um mediador.

Ao refletir sobre a mediação de leitores, muitos chegam a pensar que essa função é somente do professor, e que apenas ocorrerá no âmbito escolar, esquecendo-se de direcionar o olhar sobre o processo de apropriação da leitura por intermédio de outros mediadores. Quando, na verdade, um mediador social de leitura, imbuído de amor pelas leituras, é capaz de promover o acesso ao livro e desenvolver o gosto por literatura em qualquer lugar e fase da vida (AGUIAR, 1996, 2006; PETIT, 2008, 2009; YUNES, 2002).

No âmbito das bibliotecas, a mediação de leitura apresenta-se de modo diferente da sala de aula. Enquanto o professor foca seus esforços na busca pela compreensão e decodificação dos códigos linguísticos, o bibliotecário mediador de leitura deverá proporcionar o encontro com as diferentes possibilidades de leitura. Portanto, é preciso elaborar estratégias para tornar possível o acesso aos livros, buscando meios de chamar a atenção do leitor.

Nas prateleiras estão histórias, lugares, acontecimentos e pessoas; é preciso resgatá-las, de modo a seduzir os leitores para o mundo literário. Para tanto, existem diferentes maneiras de promover o acesso ao livro através, por exemplo, das narrativas orais, dramatizando ou contando histórias, formando grupos de discussão em torno da leitura, proporcionando momentos em que o leitor possa ter voz, onde apresente sua opinião sobre os personagens de uma história ou sobre o seu desfecho, refletindo sobre a produção literária.

Sueli Bortolin acrescenta, além contação de histórias, outras atividades de narração literária que podem ser enquadradas na mediação oral da literatura:

“narrativas orais de textos diversificados, colagens poéticas, rodas de leitura, clubes de leitura, montagens de jornais, leituras públicas de textos [...], saraus literários, bate papo com escritores, oficinas de produção e leitura de textos, festivais de filmes, entrevistas com pioneiros, realização de encontros com repentistas e cordelistas, cantorias, sessões de piadas, causos, adivinhações, parlendas, trava-línguas etc.” (BORTOLIN, 2010, p. 137).

A mediação de leitura se constitui quando o mediador intervém, buscando artifícios para aproximar o leitor do texto literário. Em outras palavras, o promotor da relação leitor – objeto – leitura. Mas também aquele que pode despertar no sujeito o interesse e a curiosidade pelo mundo das leituras, especialmente a literária (BORTOLIN, 2010). A leitura literária é uma atividade que diverte, instiga o imaginário humano e fascina as pessoas através das histórias. Não há dúvidas de que leitores assíduos falam melhor, escrevem melhor e se comunicam melhor de modo geral.

Mais do que fundamental para o acesso à informação e constituição de um sujeito consciente dos seus direitos, a leitura literária causa um estado de adoração e veneração por parte dos seus leitores quando não é realizada de modo obrigatório. Essa, por sua vez, quando movida por um prazer, produz no leitor uma sensação de liberdade, contribuindo para uma formação leitora efetiva.

A separação da leitura ao dissabor de uma imposição gera um sentimento de pertença no indivíduo, dotado de uma sensação prazerosa de liberdade, que pode ser notada no texto poético “Liberdade”, de Fernando Pessoa:

Ai que prazer/ não cumprir um dever./ Ter um livro para ler/ e não o fazer!/ Ler é maçada,/estudar é nada./ O sol doira sem literatura./ O rio corre bem ou mal, / sem edição original./ E a brisa, essa, de tão naturalmente matinal/ como tem tempo, não tem pressa.../Livros são papéis pintados com tinta./Estudar é uma coisa em que está indistinta/A distinção entre nada e coisa nenhuma./ Quanto melhor é quando há bruma./Esperar por D. Sebastião,/Quer venha ou não!/Grande é a poesia, a bondade e as danças.../Mas o melhor do mundo são as crianças, /Flores, música, o luar, e o sol que peca/ só quando, em vez de criar, seca./ E mais do que isto/ É Jesus Cristo,/ Que não sabia nada de finanças,/Nem consta que tivesse biblioteca (Fernando Pessoa).

Ao lermos esse texto de Fernando Pessoa, notamos que essa sensação de “prazer” causada pela possibilidade de escolha guiada somente pelo desejo resume de forma direta o sentido de leitura frutiva. Ainda que esse “prazer” tenha acontecido em decorrência do descumprimento de normas, ele advém da sensação prazerosa de liberdade causada por uma leitura realizada por fruição, pois foi consequência de uma escolha.

Para Jouve (2002, p.19):

[...] o charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente sobre

sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motoressencial da leitura de ficção.

Como afirma Daniel Pennac (1998, p.13), "o verbo ler não suporta o imperativo", pois quando transformada em obrigação, a leitura se resume a simples enfado. Assim, o gosto pela leitura deve acontecer desse modo, sem ser necessário induzir a leitura como condição, como um hábito obrigatório; pelo contrário, a leitura tem de ser algo prazeroso que só acontece através do desejo do leitor. Assim também indica Machado (2002, p. 15):

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição – de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo.

A leitura por fruição e para fruição é importante não só porque contribui para a formação do leitor criativo e autônomo, mas, sobretudo, porque fornece as ferramentas necessárias para conhecer e interagir com o mundo da linguagem a partir do território da subjetividade.

Ao apresentar para o leitor alfabetizado novas chances de aprender com prazer estamos dando oportunidade de o sujeito buscar e explorar campos diversos dentro daquilo que ele julgar necessário. Por isso a importância da figura do mediador, seja um professor, familiar ou bibliotecário, seu papel é tornar esse percurso favorável à aprendizagem.

O papel do mediador social não é o de exigir ou induzir a leitura por obrigação, mas de sensibilizar a leitura por amor, por desejo ou simplesmente por curiosidade. Podemos considerar, enquanto intermediários da prática de leitura, mediadores sociais de cunho institucionais como a biblioteca, família, livrarias; e mediadores sociais pessoais tais como os pais, irmãos, tios, vizinhos, amigos, professores, bibliotecários, etc.

Nesse aspecto, surge a figura do bibliotecário enquanto mediador social de leitura. Ele possui as competências necessárias para aproximar o leitor do texto e, principalmente, quando essas competências são entrelaçadas com a paixão pela literatura, consistindo em uma peça fundamental para a formação leitora, como nos fala Gasque (2012, p.157), “O papel das bibliotecas pode ser enriquecido com a mediação dos bibliotecários nos processos de aprendizagem dos usuários, isto é, mais do que organizar a informação, os bibliotecários devem se preocupar em ajudar os usuários a buscá-la e usá-la.”

No âmbito escolar, espera-se que o bibliotecário não atue somente como uma ponte entre o texto e o leitor, pois é preciso buscar formas de incentivar o gosto pelas leituras,

utilizando artifícios que possam chamar a atenção do futuro leitor, seja através da contação de histórias ou de ações que tornem aquele ambiente um espaço do usuário, em que ele se sinta pertencente ao cantinho da leitura ou do local de estudo. Esse momento de apropriação do espaço da biblioteca é essencial para um bom aproveitamento na aprendizagem escolar.

Michèle Petit (2008), grande estudiosa da leitura e da formação do leitor, na obra *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, afirma que a biblioteca e a pessoa do bibliotecário também são mediadores importantes para a formação leitora. Contudo, segundo Petit (2008, p. 166), não é apenas a existência da biblioteca ou da escola “que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário que, levado por sua paixão, transmite-a através de uma relação individual”.

Outra pesquisadora também estudiosa da leitura, Vera Teixeira de Aguiar (2006), no artigo *O caminho dos livros: da biblioteca à comunidade*, discute as lacunas existentes na função do bibliotecário no que tange à formação de sujeitos leitores. Alega que não basta apenas dispor de um bom acervo físico para formação do leitor, e sim “o trabalho do bibliotecário como animador cultural” (AGUIAR, 2006, p. 259).

Apesar do perfil de animador cultural, citado pela autora, não ser sempre visto quando tratarmos do bibliotecário, esse profissional é dotado da responsabilidade de mediar a informação nos seus espaços de atuação. Portanto, é necessário que o bibliotecário, a partir de suas competências técnicas e pessoais, busque artifícios para que essa apropriação informacional ocorra de modo a favorecer a produção de conhecimento.

Nesta pesquisa, ajustamos nosso foco para o entendimento da prática de mediação da leitura através da oralidade, sob a ótica do novo contador de histórias. Buscar compreender como esse sujeito desenvolve suas práticas na contemporaneidade cumpre também destacar a presença da tradição oral em meio ao desenvolvimento das tecnologias, evidenciando como essa arte ainda sobrevive diante das transformações sociais do seu público ouvinte.

5

DA FOGUEIRA PARA O PALCO: quem é o contador de histórias contemporâneo?

“

Via Cidades e Florestas,

Via pessoas e animais, via estrelas planetas e cometas. Mas havia uma imagem que era a dela a preferida: A de um elegante cavaleiro que em pé sobre um caixa, contava as histórias mais lindas do mundo, as histórias que faziam ela sonhar. Mas desde que perdera seu Rubi não pudera mais sonhar...

5 DA FOGUEIRA PARA O PALCO: quem é o contador de histórias contemporâneo?

Este capítulo consiste em apresentar as memórias dos sujeitos da pesquisa, abordando, inicialmente, o desenvolvimento da contação de histórias na contemporaneidade e os seus desdobramentos, avaliando as mudanças ocorridas na performance do contador urbano e o seu vínculo com a tradição oral.

O século XXI, período marcado pela emergência de diferentes meios de comunicação, com tecnologias cada vez mais modernas, parece evidenciar o distanciamento da sociedade dos costumes e das tradições orais. O tempo para se ouvir uma história vem sendo, cada vez mais, substituído pelo uso dos aparatos tecnológicos, sobretudo o manuseio das redes sociais, onde grande parte da população encontrou novas formas de relacionamento. Esses novos costumes da contemporaneidade não atingem apenas as gerações atuais; os adultos que cresceram numa sociedade onde o hábito de sentar nas calçadas era presente, hoje convivem e se apropriam dessa nova cultura, muitas vezes dentro de casa, sem contato com os vizinhos.

Contudo, apesar das mudanças presentes na sociedade atual, a oralidade não perdeu seu espaço; mesmo de modo diferente, ela continua presente no cotidiano das pessoas. Na realidade, o que está acontecendo é uma mudança nas formas de se apropriar do conhecimento, fazendo com que antigos costumes sejam reinventados e remodelados para atender ao sujeito contemporâneo.

Quando se pensou que a contação de história não encontraria espaço no contexto atual, de modo aparentemente contraditório ocorreu um retorno significativo às narrativas pela voz do “novo contador de história”. Ou seja, o costume e a arte de contar histórias ressurgiram com uma proposta pedagógica e de apropriação da leitura literária como processo de mediação em espaços culturais, a exemplo das bibliotecas e salas de aula.

Apesar do surgimento de novos suportes para a transmissão e comunicação do conhecimento, a contação de histórias reapareceu, nas últimas décadas, seja por força de um modismo, seja por uma necessidade inerente ao ser humano de se comunicar por meio da fala estética (BUSATTO, 2005). Foi um retorno que muito surpreendeu, tendo em vista a industrialização e urbanização das cidades, e a enorme gama de estímulos científicos e tecnológicos da época atual. Evidenciou-se a necessidade do ser humano de comunicar-se ainda pela oralidade, valorizando as narrativas.

Apesar do costume de narrar histórias ser uma tradição muito antiga, a expressão “Contação de Histórias” só foi empregada a partir das últimas décadas do século XX. Busatto (2005) destaca, portanto, que se trata de um neologismo e de uma expressão relativamente nova.

No Brasil, foi por volta dos anos 80 que profissionais da área de Educação e de Biblioteconomia deram maior importância para a formação leitora ao desenvolver um projeto intitulado “Hora do conto” (PATRINI, 2005). Esse projeto tinha como objetivo aproximar o aluno do livro e desenvolver o gosto pela escrita e leitura. A partir daí se formava uma nova visão em torno da prática pedagógica e o surgimento de uma nova classe de contadores de histórias preocupados com a mediação da leitura e a formação de leitores pela oralidade e a narrativa de textos literários.

Mas, foi principalmente a partir da década de 1990 que o “boom” dos contadores de histórias ocorreu no Brasil. Alguns autores, como Sisto (2001, p.60), acreditam que isso se deu especialmente pela difusão das bibliotecas e pela concepção de que esses profissionais poderiam atuar de forma mais presente nas bibliotecas, escolas, espaços culturais e comunidades.

Sob essas circunstâncias, surgiram novas experiências no campo das práticas orais, em especial relacionadas à arte de contar histórias. Uma das iniciativas mais promissoras para esse objetivo foi a criação do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), instituído pelo Decreto Presidencial nº 519, em 13 de maio de 1992, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura.

Esse programa, que atuava por todo o território nacional, considerava essa prática fundamental para incentivar o gosto pela leitura e o interesse pelos livros e pela literatura, contribuindo para a sua mediação e difusão. Um de seus três eixos de ação é justamente a formação continuada de mediadores de leitura, realizando por todo o Brasil oficinas de contação de história e fortalecendo o papel das bibliotecas e dos bibliotecários na formação de leitores.

Integrado a essas ações do PROLER, o Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará (UFC) funcionava como um de seus núcleos nas regiões brasileiras, devidamente registrado como projeto de extensão da Universidade, e contando com a participação de docentes, estudantes e da comunidade em geral para o fortalecimento de ações de leitura no Ceará.

Sob tais circunstâncias favoráveis, a inserção dos bibliotecários no estado, no âmbito da formação de leitores e da realização de práticas culturais de incentivo à leitura, a exemplo das ações de contação de história e da dinamização de acervos, tornou-se uma marca dos projetos de extensão em Biblioteconomia da UFC. Esses projetos visavam atravessar os muros da universidade e explorar as condições de leitura do estado do Ceará. Algumas iniciativas como o Projeto Ler para Crer: metodologias para implantação de bibliotecas comunitárias e a Biblioteca Comunitária do Benfica trouxeram grandes frutos para o estado,

implantando mais de 15 bibliotecas distribuídas pelos municípios de Redenção, Aquiraz, Itaitinga e Fortaleza.

Além dessas iniciativas a nível estadual, diversos encontros têm reunido contadores de histórias em todo o mundo. Eventos como a Feira do Livro e Bienal do Livro são famosos por reunirem milhares de contadores de histórias. Locais como Centros Culturais, Livrarias e Bibliotecas também realizam festivais e encontros de contação de histórias.

Esse retorno às práticas da oralidade recai sobre a necessidade de entender como o contador de histórias se apresenta nos dias atuais, mesmo diante das transformações advindas da nova era digital. O formato de suas apresentações, o conteúdo narrado, a performance utilizada e todo processo de constituição desta arte necessita ser analisado antes mesmo de adentrarmos nas memórias dos sujeitos narradores desta pesquisa.

5.1 “Vestindo o Personagem”: o contador do século XXI

Sabe-se que, ainda hoje, a contação de histórias está presente na cultura popular, mas o narrador tradicional, aquele que se servia exclusivamente da voz, já não se apresenta mais da mesma forma. “Atualmente, esses sujeitos-narradores-contadores, herdeiros da tradição da oralidade, já se encontram inseridos num contexto mediado pelos novos meios de comunicação e transmissão de saber” (BUSATTO, p. 15).

Na contemporaneidade, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade do fluxo informacional, tendem a desaparecer os narradores espontâneos. Com o desenvolvimento tecnológico e o surgimento de novas mídias, como o livro, a televisão, o cinema e a internet, essa arte foi quase excluída dos encontros sociais. Isso porque, com o advento da imprensa, os livros e jornais tornaram-se os grandes agentes culturais da sociedade.

No passado, as histórias narradas, segundo Benjamin (1994), eram mediadas pelas experiências transmitidas pelos mais velhos, repassadas como herança cultural. Essas histórias contadas nas ruas encontravam na experiência de vida sua substância, sua forma e enredo. Portanto, o narrador nato, de acordo com o autor, era aquele que conhecia as histórias e tradições de um povo, histórias de navegantes, de terras distantes, saberes escondidos no passado, que lhes foram narrados e assim repassados por milhares de geração.

No entanto, ainda que o costume de sentar ao redor da fogueira tenha se perdido com o tempo, todo o povo ainda possui histórias para contar sobre suas tradições, suas raízes e seu legado. Isso é demonstrado com o reaparecimento dos contadores de histórias no século

XX, que, apesar do desenvolvimento e modernização da sociedade, retomaram as suas práticas narrativas de tradição oral, trazendo novos artifícios, criando novas histórias.

Atualmente, os contadores de histórias buscam nos livros suas inspirações, dando voz às letras escritas e servindo de veículo transmissor da literatura escrita. Em sua pesquisa sobre a arte de contar história, Coentro (2008) destaca algumas das diferenças entre os contadores tradicionais e esses novos contadores. Assinala, dentre outras, o fato de as narrativas dos contadores tradicionais propiciarem momentos de reflexões, permitindo um intercâmbio de experiências entre ouvinte e contador, já que antigamente a sua imagem era associada àquele que sabia dar conselhos.

Hoje, dependendo do local de apresentação, nem sempre é possível essa troca de experiências, pois, muitas vezes, a contação acaba sendo um espetáculo com figurino e bastante performance. Além disso, apesar de ainda existir o contador de histórias que se utiliza apenas da voz e dos gestos na hora de narrar, quase sempre ele não conhece seu público ouvinte.

Assim, o perfil do contador de histórias contemporâneo poderá variar de acordo com os objetivos de difundir sua arte. Atualmente, esse narrador pode ser um profissional que vê na sua performance artística um modo de viver financeiramente. Por isso, existem diferentes cursos e oficinas que visam à formação de narradores para todo tipo de artista, seja ele um bibliotecário, animador de festa infantil, professor, educador físico, etc.

Nesse caso, será preciso que o narrador busque aperfeiçoamento técnico tanto para memorização e apropriação da história, como para as escolhas de figurino e movimentação corporal. O bom desempenho da sua performance estará condicionado ao modo como ele se preparou para aquele momento. Esse tipo de contador contemporâneo subirá num palco e encontrará uma plateia desconhecida, de modo que é preciso envolver essas pessoas com sua dinâmica e desenvoltura cênica.

Estando o narrador completamente envolvido com a narrativa, é preciso ainda que ele entenda o ritmo e cadência da história, a fim de evidenciar para os ouvintes os diferentes momentos e fases da história. Sobre isso, Machado (2004) destaca:

A cadência é o ritmo, a “respiração” do contador de histórias, em consonância com a respiração da história. Para poder acompanhar a cadência da história, é necessária uma disposição interna do contador, para deixar-se levar pela respiração, pela cadência, pelo fluxo da narrativa, modulando a voz, o gesto e olhar, de acordo com os diferentes “climas expressivos” que o conto propõe (MACHADO, 2004, p. 71).

O cenário em que as histórias são narradas também foi modificado com o passar dos anos. Hoje os contadores se apresentam em escolas, bibliotecas, centros culturais, feiras de livro, museus, praças, aniversários, dentre outros espaços que se interessam pela difusão da

leitura de modo divertido. A escolha do repertório está diretamente relacionada ao espaço e público de atuação, uma vez que os gêneros textuais para crianças e adultos diferem no seu formato e conteúdo.

Em vistas disso, as escolhas das histórias irão variar de acordo com o público, ocasião ou perfil do narrador. Esse contador urbano pode simplesmente escolher recontar uma história que foi lida, escrita por determinado escritor, pode ser que esteja disposto a contar um caso da sua comunidade ou de histórias que ouviu os antepassados contarem ou apenas contar uma história inventada por ele, a partir de seu repertório de vida. Porém, é preciso, ao narrar uma obra publicada, citar o título e nome do autor da história contada. Além disso, o contador nesse caso deve ser fiel ao texto narrado e, mesmo que ele não decore como está escrito deverá, pelo menos, seguir o enredo e desfecho da obra.

Outra peculiaridade do contador de histórias profissional é que esse, geralmente, é convidado para fazer suas apresentações em lugares diversos, desde empresas e repartições públicas a festas infantis, por exemplo. Desse modo, a escolha da história poderá ser feita a partir de uma temática do evento ou simplesmente ser indicada pelo contratante. É importante que o contador saiba mediar essas situações de acordo com o seu perfil e modo de apresentar-se, pois a escolha do repertório poderá influenciar no desenvolvimento da apresentação. Além disso, deverá saber aproveitar esses momentos como uma oportunidade de descobrir ou desenvolver novas aptidões.

Outro dado que vale ressaltar na constituição do repertório são as encomendas. De alguma forma elas são válidas, mesmo porque acabam obrigando o contador a pesquisar temas ou culturas que de outra forma talvez ele não pesquisasse, e dessa maneira pode ser surpreendido com algumas pérolas. (MATOS, 2005, p.125)

Por outro lado, existem contadores de histórias que encontram nas suas narrativas orais outros propósitos. A exemplo disso, tem o contador voluntário que realiza atividades em abrigos ou hospitais, que muitas vezes se utiliza de artifícios pessoais para chamar a atenção do ouvinte. Permanecem ainda os contadores das zonas rurais, que apesar da modernidade dos centros urbanos, estão presentes nas comunidades mais distantes. Esse contador é aquele cujos casos foram repassados de outras gerações, vividos ou imaginados por ele e são recontados sem o compromisso de uma preparação formal ou um discurso ensaiado. Ele conta suas histórias espontaneamente para os amigos, vizinhos ou parentes que se acomodam para ouvi-lo narrar.

Finalmente, que cada contador tem o seu objetivo ao narrar uma história, pois além de ser um modo de difundir a literatura e, portanto, mediar a informação, a contação de histórias

é uma arte; desse modo, o contador de histórias é um artista livre para definir o modo que mais lhe representa como um narrador. Essa liberdade, por exemplo, pode vir ao encontro da escolha do figurino e do modo em que ele mantém o ritmo e andamento da contação, seja se atendo a objetos relacionados com o enredo da história ou se utilizando de instrumentos sonoros. Trata-se do que Machado (2005) chama de “bagagem do contador”, que seriam os recursos que acompanha esse narrador na sua prática. São essas e outras características que fazem desse narrador um sujeito ainda tão presente em muitos lugares:

A boa memória, o talento interpretativo, o inventivo – a imaginação, a mímica, a voz, toda uma arte de representar – a capacidade de utilizar oportunamente o repertório fazem dos contadores de histórias, ainda hoje, personagens indispensáveis a determinados ambientes (MEIRELES, 1984, p.48).

É importante destacar que, apesar de ser vista como um espetáculo e muitas vezes até produzida como tal, a contação de histórias não é uma encenação teatral. Ela difere dessa arte por manter o foco da apresentação na história, no enredo e não no ator, como é o caso do teatro. Além disso, o contador de histórias está quase sempre sozinho na sua performance; por isso, muitas vezes, ele procura o envolvimento com o público, mantendo sempre o cuidado de não se perder dentro da história.

O contador de histórias é um artista que se situa no cruzamento de outras artes: sozinho em cena (quase sempre), narra sua ou outra história, dirigindo-se diretamente ao público, evocando acontecimentos através da fala e do gesto, interpretando uma ou várias personagens, mas voltando sempre ao seu relato (PAVIS, 2010, p. 112).

De fato, o narrador oral profissional artístico, hoje em dia, acaba vestindo-se de um personagem diferente a cada momento do “era uma vez”, embora, é claro, o contador de histórias somente precise da palavra, do gesto, do olhar/escuta do ouvinte e do desejo de emocionar. “Assim, palavras, abertas em pétalas, começam a fundar o mundo. Palavras contadas misturam-se ao solo fértil e fazem brotar à luz das histórias adormecidas” (SISTO, 2001, p. 128). O importante é seduzir o ouvinte com uma bela trama e lhes emitir uma boa mensagem.

Apesar de todas as mudanças presentes nas formas de narrar uma história, é essencial que esse profissional deixe seu coração falar durante as apresentações, tornando sua performance diferenciada das demais. A contação de histórias gera uma relação muito particular entre o conto e o narrador; por isso, a cada momento que esse mesmo texto for narrado, ouviremos uma história diferente. Muitas vezes é nesse relacionamento que identificamos grandes contadores de histórias; é desse momento de apropriação da história que notamos o diferencial de cada narrador, pois ele dará vida ao conto, demarcando no texto escrito os momentos de mudança de voz, de postura e expressão facial.

Na contação de histórias, existe o olho a olho, o que muitas vezes no teatro não ocorre. Esse momento é importante para o narrador prender o ouvinte com o olhar. Existe, pois, o desafio de prender a atenção do ouvinte, selecionando gestos, tons e movimentos. Sobre a performance do contador de histórias, de acordo com Benjamin,

A narração, em seu aspecto mais sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito (BENJAMIN, 1994, p. 220-221).

Os movimentos corporais e faciais causam consideráveis impactos na performance do contador de histórias. Na performance do narrador, o gesto e palavra se encontram em uma suave sintonia e ambos constroem a narrativa. Um dos principais objetivos desse artista contemporâneo é manter a atenção do público, de modo que esse também possa contribuir com suas escolhas performáticas. É por isso que cada contação de histórias torna-se diferenciada, pois o contador de histórias reage aos estímulos do público, gerando um fluxo contínuo de trocas simbólicas.

O sentimento está muito relacionado à atuação do contador de histórias, pois para emocionar seus ouvintes no palco, é preciso, sobretudo, acreditar na sua arte e no seu poder transformador. Uma história nunca é escolhida por acaso. Ela vem ao encontro do contador, permitindo-lhe encontrar um pouco de si mesmo. É preciso gostar muito da história para poder contá-la:

A escolha da história é outro aspecto importante, pois somente a história que nos dá prazer poderá ser transmitida com prazer; além do mais a leitura prévia respalda o professor/contador, tornando-o mais apto a selecionar histórias de qualidade literária e gráfica a ser apresentada para o aluno/ouvinte (BARROS; BORTOLIN; SILVA, 2006, p. 142).

A narrativa, conforme Benjamin (1994), seja originada da tradição oral ou da escrita, provém do mundo de artífices, e “vem à luz do dia” (BENJAMIN, 1994, p. 206), na voz do narrador. Para o autor, a atividade de narrar se relaciona com o trabalho feito pelas mãos do artesão, pois assim como esse dá forma à matéria, o narrador dá voz narrável à matéria escrita, entre o corpo, o gesto e a palavra.

Nesse sentido, os narradores contemporâneos se dividem entre as práticas tradicionais da contação de histórias e os novos formatos de narração das histórias a partir do texto escrito. Foi através das histórias contidas nos livros que o bibliotecário narrador encontrou no seu fazer profissional condições para exercer esse papel de mediador literário; nesse

exercício ele encontrou possibilidades para dinamizar o acervo da biblioteca e contribuir para formação do sujeito leitor.

É a partir desse novo perfil que surgiu o interesse de entender de que forma esses narradores desenvolvem suas atividades no âmbito das bibliotecas num contexto de relações midiáticas. Cabe aqui contar um pouco das histórias dos sujeitos que foram o combustível para produção desta pesquisa.

5.2 Conhecendo outras histórias: Procedimentos Metodológicos de Análise

Com o objetivo de conhecer, descrever, analisar e refletir acerca da problemática em estudo, a qual transita em torno da compreensão de como a formação leitora constituída no decorrer da vida de bibliotecários contadores de histórias pode influenciar em suas práticas de mediação de leitura, utilizamos a entrevista semiestruturada, gravada e transcrita conforme falada pelo respondente, para melhor análise. A metodologia empregada foi a História Oral, com ênfase na história de vida. Todo o processo foi realizado com base nos preceitos desse método, uma vez que, quando o pesquisador decide usar as fontes orais, é preciso ter em mente que a:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento de condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição [...] autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 15).

Os sujeitos desta pesquisa foram quatro bibliotecários recém-formados que atuam em bibliotecas públicas e escolares. A escolha dos bibliotecários entrevistados se deu a partir de um encontro de formação de contadores de histórias em Fortaleza, onde eu pude identificar as características que mais se adequavam aos objetivos de análise da pesquisa, dentre as quais estão: ser bibliotecário e contador de histórias; atuar em bibliotecas públicas ou escolares; tempo de formação de até 5 anos; além de demonstrar interesse pessoal pela arte.

Atualmente, eles exercem ações de mediação de leitura nas bibliotecas em que atuam, além de desenvolverem outros projetos que visam à promoção literária. Os quatro entrevistados são formados pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde puderam dar início às práticas de contação de histórias, participando de projetos de extensão da UFC que visavam à promoção e sensibilização da leitura literária. Nesse contato com as práticas leitoras, os interlocutores possuem, de certa forma, relações estreitas com a leitura e sua socialização.

As faixas etárias dos narradores escolhidos variam entre 26 a 28 anos de idade e o tempo de formação é de até 5 anos.

Todos os respondentes participaram do projeto de extensão Grupo Convite de Contadores, uma iniciativa do Departamento de Ciências da Informação, da Universidade Federal do Ceará, criado pela professora doutora Lidia Eugenia Cavalcante em 2004. O projeto visa formar contadores de histórias para atuar em prol do incentivo e promoção da leitura em diferentes espaços socializadores dessa prática. Cada depoente desta pesquisa fez parte de uma formação do grupo, o que permitiu demonstrar diferentes olhares e momentos dessa vivência acadêmica.

Não se constitui como nosso intuito enveredar pelas memórias dos participantes de um grupo específico; essa característica ocorreu de modo natural, quando os objetivos da pesquisa foram ao encontro dos personagens escolhidos.

Como forma de preservar a identidade dos sujeitos, ao tornar público seus relatos de vida pessoal e profissional, o interlocutor será identificado por um nome fictício, o qual foi atribuído a partir dos nomes dos personagens de livros que marcaram a vida de cada depoente. O primeiro entrevistado será denominado por Peri, do livro O Guarany de José de Alencar, pois a boa índole, bravura e humildade tornam esse personagem admirado pelo narrador; a segunda depoente se chamará Mafalda, pois as tirinhas de Mafalda marcaram sua juventude, através da formação de um espírito crítico e democrático; a terceira interlocutora se chamará Elisabeth, personagem do livro Orgulho e Preconceito de Jane Austen, a qual tanto sonhou e almejou um dia possuí-lo; e a última narradora chamará Maria, pois por ter um perfil de contadora de histórias infantis, ela nunca esquecerá a história de Silva Orthof, “Maria vai com as outras”. A seguir, apresentamos em quadros informações sobre o perfil dos colaboradores da pesquisa.

QUADRO 1 – PERFIL PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO PERI

NOME	Peri
IDADE	26 anos
INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO	Universidade Federal do Ceará – UFC
ANO DE FORMAÇÃO	2015
LOCAL DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	Biblioteca Romeu Aldiguerdo SESC (Serviço Social do Comércio)

Fonte: Elaborado pela autora

QUADRO 2 – PERFIL PROFISSIONAL DA BIBLIOTECÁRIA MAFALDA

NOME	Mafalda
IDADE	26 anos
INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO	Universidade Federal do Ceará – UFC

ANO DE FORMAÇÃO	2016
LOCAL DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	Colégio Master Unidade Sul

Fonte: Elaborado pela autora

QUADRO 3 – PERFIL PROFISSIONAL DA BIBLIOTECÁRIA ELISABETH

NOME	Elisabeth
IDADE	25 anos
INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO	Universidade Federal do Ceará – UFC
ANO DE FORMAÇÃO	2014
LOCAL DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	Colégio Batista Santos Dumont

Fonte: Elaborado pela autora

QUADRO 4 – PERFIL PROFISSIONAL DA BIBLIOTECÁRIA MARIA

NOME	Maria
IDADE	26 anos
INSTITUIÇÃO DE GRADUAÇÃO	Universidade Federal do Ceará – UFC
ANO DE FORMAÇÃO	2014
LOCAL DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	Colégio Santo Inácio

Fonte: Elaborado pela autora

A perspectiva de história oral de vida no delineamento proposto pela pesquisa, ou seja, com características de relato oral de vida (LANG *et al*, 2010), é apresentada apoiada em uma entrevista livre, a partir de perguntas sensibilizadoras de onde o relato poderá transcorrer naturalmente. Consideramos necessário, entretanto, mediar algumas perguntas condutoras para direcionar o fluxo da memória narrativa e manter a perspectiva de interesse da pesquisa. Dessa forma, a pesquisa foi organizada em três grupos/blocos de questões (APÊNDICE A) denominados como:

- **Esquema Norteador 1 – Memórias Leitoras: Experiências de leitura.** O primeiro bloco foi reservado ao bibliotecário-narrador como um momento de rememoração (como tudo começou). Solicitamos ao bibliotecário que revisitasse suas lembranças mais remotas de leitura desde a infância à vida adulta (no âmbito pessoal e escolar/acadêmico e profissional).
- **Esquema Norteador 2 – Memórias Leitoras: Formação Profissional.** Neste bloco, abrimos espaço para o interlocutor narrar sobre como se constituiu sua formação profissional. Pedimos que falasse sobre disciplinas/projetos/pessoas que incentivaram na mediação ou na escolha profissional.
- **Esquema Norteador 3 – Memórias Leitoras: Mediação da Leitura.** No terceiro grupo, as questões foram elaboradas de modo que o sujeito pesquisado pudesse refletir

sobre o desenvolvimento da contação de histórias na contemporaneidade, e caracterizassem suas práticas de leitura literária na biblioteca de atuação.

O principal objetivo do primeiro bloco foi propiciar um espaço de rememoração capaz de conectar o sujeito da pesquisa ao mais antigo vestígio de lembrança que se relacionasse com a leitura, para assim reunirmos informações que caracterizassem o início desse contato. Nesse sentido, buscaremos identificar a influência de mediadores sociais do contexto familiar, da escola, nas leituras realizadas, como também as experiências que marcaram todo seu percurso leitor. Já o segundo, reservamos para conhecer como se deu a formação do bibliotecário durante a graduação, contextualizando com o papel da leitura/valor da leitura na vida pessoal, na sua formação profissional e na prática.

No terceiro grupo, as questões buscam compreender os motivos de utilização da leitura literária na biblioteca - sua importância - assim como saber as práticas de leitura literária realizadas, a fim de traçarmos uma relação entre suas concepções e prática profissional. Em todos os esquemas, buscamos conhecer o estilo literário de leitura, assim como as escolhas das obras e performance para prática de contar histórias, visando conhecer o perfil do narrador contemporâneo.

As entrevistas da pesquisa ocorreram em três momentos diferentes. O primeiro encontro foi com o contador de histórias Peri, bibliotecário de uma biblioteca pública. Ele sugeriu que o nosso encontro ocorresse na UFC, pois nesse dia o mesmo estava viajando e o local mais próximo para sua chegada era a universidade. Ficamos numa sala que dava acesso aos demais andares do prédio. Como Peri estava em outra cidade, tive que esperá-lo por muitas horas, pois o seu ônibus havia tido um atraso, porém a conversa fluiu de modo tranquilo e despreocupado.

Na sua chegada, agradeci muito por aquele momento, pois sabia que ele havia voltado de viagem naquele dia, somente por conta da entrevista. Perguntei como ele estava e conversamos uns minutos antes de começar com o roteiro de escuta. Expliquei os objetivos da pesquisa e mostrei os esquemas norteadores, os quais não precisaríamos seguir uniformemente, podendo surgir outras questões no caminhar da nossa conversa. Assim fiz com os demais entrevistados.

O segundo encontro ocorreu com duas contadoras de histórias, primeiramente a Mafalda, logo em seguida com Elisabeth. Marcamos nosso encontro num café próximo ao trabalho de ambas. O ambiente estava muito agradável e passamos horas conversando até mesmo quando a entrevista terminou. Nesse dia, chovia muito lá fora, o cenário perfeito para uma boa prosa e um café quentinho. O terceiro encontro ocorreu na casa de Maria, pois a mesma

estava doente e não pôde ir ao encontro marcado anteriormente. A conversa foi bastante acalorada pelo aconchego de sua residência, deixando a interlocutora bem à vontade para tratar de assuntos pessoais.

As entrevistas foram gravadas e a transcrição efetuada respeitando-se a estrutura discursiva e os vícios de linguagem dos sujeitos da pesquisa. A fim de reordenar as respostas de acordo com o que tratávamos em cada momento da análise, por vezes foi necessário deslocar um trecho ou outro da estrutura narrativa original, porém, nada que alterasse as intenções do narrador. Na ocasião, coletamos as cartas de autorização e uso das entrevistas (Apêndice B), e algumas informações pessoais que contribuíram para a compreensão do contexto das colaboradoras.

O processo de transcrição demandou certo tempo e cuidado para não alterar o conteúdo significativo da narrativa, uma vez que na transição do oral para o escrito podem se perder nuances tão e somente características da linguagem oral. As entrevistas gravadas em áudio resultaram em 84 minutos e 31 páginas de transcrição literal. Após a transcrição, realizou-se a leitura exploratória dos relatos, a fim de identificar as memórias de como se tornaram leitores, os livros que marcaram esse processo, o cotidiano leitor dos interlocutores, a formação e atuação enquanto contador de histórias contemporâneo, dando assim origem às seguintes seções: Memórias Leitoras - Experiências de leitura; Memórias Leitoras - Formação Profissional; e Memórias Leitoras - Mediação de Leitura.

5.3.1 Esquema Norteador 1 – Memórias Leitoras: Experiências de leitura

Nosso primeiro depoente foi o Peri, natural de Fortaleza, nascido em 1989, filho único de uma família pequena. Foi criado apenas pela mãe e os tios de uma família simples, conforme relatado por ele. Formou-se em Biblioteconomia pela UFC em 2015, é especialista em Pesquisa Científica e atualmente atua na Biblioteca Romeu Aldiguerdo (SESC).

Sua iniciação literária ocorreu dentro de casa, antes mesmo de ingressar na escola, o que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento do gosto pela leitura e escrita ainda muito pequeno. Peri escreve poemas desde os 10 anos de idade, desde então participou de vários concursos literários, tendo sido, recentemente, premiado com a melhor poesia.

Ao pedirmos que o primeiro depoente desta pesquisa revisitasse suas lembranças mais remotas (antes mesmo de ingressar na escola) e nos contasse os vestígios de

leituras/narrativas orais que marcaram sua vida e sua memória, assim como o primeiro contato com os livros, percebemos em sua fala a presença de mediadores sociais pessoais:

*Bom, nesse caso, devo pensar na **minha família**. Na minha família sempre tinham **os tios** que gostavam de contar algumas histórias, porque realmente eles falavam muito nisso, a gente se reunia, conversava nas calçadas, então acredito que na infância eu sempre prestava atenção nos mais velhos, então dessa parte eu acredito que oralidade realizada pela parte da família nos encontros com os familiares pode trazer pra mim esse desejo de conhecer as histórias.*

***Minha mãe** sempre gostou muito de escrever, de ler, né, a formação dela vai até, digamos, o grau técnico, e ela sempre incentivou a leitura, sempre trouxe pra mim revistas, livros, jornais, né, e ela também lê em casa [...]. Então, acho que uma das coisas também importantes é que ela gostava muito de escrever, então isso também recaiu sobre a minha conduta [...]. (Sentimento de devoção) (PERI, 2016, grifo nosso).*

Podemos identificar, pelo relato exposto acima, a figura de um mediador social pessoal que é a família. Os tios foram figuras importantes para sensibilizar os ouvidos do sobrinho para o mundo imaginário das narrativas, quando contavam histórias e causos populares nas calçadas. De acordo com Rösing e Tussi (2009, p. 45), “[...] A promoção da leitura na infância inicial se faz pela voz e pelas mãos dos pais e cuidadores, uma vez que a literatura não chega sozinha à criança”.

O ato de ouvir histórias é valioso para o desenvolvimento pessoal, pois auxilia na compreensão do mundo e a de si mesmo, expande referências e a capacidade de comunicação, estimulando a criatividade e fazendo a imaginação fluir. Isso retrata o que Villardi (1999, p.11) afirmou sobre ouvir histórias: “Há de se desenvolver o gosto pela leitura, a fim de que possamos formar um leitor para toda vida. Ouvir histórias desperta na criança esse gosto e paixão pela leitura”.

Esse contato com as histórias contadas pelos familiares também é compartilhado pela segunda depoente da pesquisa, Mafalda, de 26 anos, embora sua trajetória leitora tenha sido marcada por momentos conflituosos na família. Nascida em 1990 em Fortaleza, foi criada inicialmente pelos pais e avó materna, juntamente com sua irmã mais velha. Mais tarde, presenciou a separação dos pais em meio a desentendimentos e brigas intensas. Hoje é bibliotecária de uma escola particular de médio porte, Colégio Master. Sua mãe era professora desde jovem, o que permitiu crescer num lar recheado de livros:

A minha mãe sempre contava histórias pra mim e pra minha irmã, isso foi uma tradição que passou de família, a vó dela contava pra ela, a mãe do meu avô, minha bisavó no caso, gostava de sentar na cadeira e contar as histórias os romances que ela lia. E a minha mãe tinha esse gosto pela leitura, então quando a gente era pequena e tava traquinando, alguma coisa assim do tipo (risos), ela contava as histórias, isso antes de eu aprender a ler, né. Quando eu aprendi a ler ela começou a levar a gente

pra biblioteca, como ela era professora ela sempre teve essa questão de ter livros em casa, de incentivar o hábito da leitura.

[...]

Esse momento da biblioteca foi um momento muito importante, porque na época a gente não tinha condições de comprar livros, e livros eram caros, né, mas quando ela levava os alunos, ela levava também a gente, então isso criou um hábito, toda semana íamos à biblioteca. Era uma biblioteca pública [...]. Na escola eu não tive tanto esse incentivo, os professores não falavam tanto da leitura para mim, mas ela falava, minha mãe.

Nesse sentido, seu primeiro contato com a leitura se deu a partir dos momentos de escuta das histórias narradas em casa e no espaço da biblioteca. O costume de família de contar histórias por cada geração proporcionou à Mafalda condições para ingressar nesse mundo fantasioso de faz de conta. A contação de histórias, quando contada antes mesmo do entendimento das letras, aguça a curiosidade da criança que, em vez de aguardar pelo próximo conto, apressa-se em dar sentido às letras. Em entrevista concedida ao Portal Brasil, ano de 2011, Rubem Alves contemporiza com essa ideia quando diz que:

Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer. A criança volta-se para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro (ALVES, 2011).

Diferente de Peri, Mafalda teve acesso à biblioteca antes mesmo de ingressar na escola e aprender a ler. E, embora não existisse uma figura mediadora na biblioteca, essa funcionava como promotora do acesso ao livro. O fato da mãe de Mafalda levar os alunos para biblioteca toda semana gerou um hábito na vida dela e de sua irmã e, mesmo sendo um ato corriqueiro, era um momento ansiado pelas duas. Desse modo, quando perguntamos qual o momento precursor de seu gosto e interesse pela leitura e que sujeitos mediadores participaram desse momento, ela nos respondeu rapidamente:

Foi a minha mãe, foi a pessoa que mais me incentivou e o momento realmente foi esse que ela levou pra biblioteca, que aí eu entendi que havia um lugar específico onde eu poderia pegar livros, até então eu achava que só existiam as histórias na cabeça dela (risos). Agora eu tinha descoberto então que haviam outras pessoas que escreviam livros, então tinha livros à minha disposição e aí eu me senti assim uma pessoa independente, porque eu tinha o meu cartãozinho e podia pegar os meus próprios livros.

Nesse caso, a sua mãe pode ser definida como o primeiro mediador social pessoal de leitura e a biblioteca como espaço de contato com os livros. Nota-se, portanto, a importância da existência de bibliotecas de acesso público, uma vez que, em geral, o acesso ao livro ocorre,

quase sempre, através das bibliotecas. Como nos lembra Freire (1984), as bibliotecas populares podem e devem agir como espaços de mediação cultural e preservação da memória de suas localidades, possibilitando assim que as gerações futuras tenham acesso a essa história.

A pesquisadora Petit (2009) discorre sobre a importância desse local e, em especial, do bibliotecário, no processo de aprendizagem literária:

Se existe um lugar propício aos desvios e aos encontros inesperados, é a biblioteca – com a condição de que as obras propostas sejam de acesso livre e de que os usuários se beneficiem, em diversos momentos de seu percurso, do acompanhamento de profissionais ou, ao menos, de voluntários formados (PETIT, 2009, p. 273).

Assim como Peri, Elisabeth somente teve acesso à biblioteca a partir da escola e, diferente dos dois primeiros entrevistados, nem sempre teve uma relação prazerosa com a leitura. Elisabeth foi nossa terceira depoente, nasceu em Fortaleza no dia 13 de junho de 1991. Foi criada pelos avós semianalfabetos e a única fonte de renda da família, quase sempre, foi o trabalho do avô. Até que de forma trágica ele sofreu um acidente e passou a receber apenas um benefício por invalidez, condição essa que interferiu decisivamente na estrutura familiar. Apesar disso, os avós de Elisabeth tinham inteira consciência da importância dos estudos, “*eles me diziam – que até hoje eu lembro - que a herança deles pra mim seria os estudos, o incentivo*” (ELISABETH, 2017).

Bem, eu lembro que quando criança eu detestava estudar, eu detestava ler qualquer coisa com livro. Eu lembro que a minha vó dizia assim: que se eu não estudasse, eu ia ficar burra, então eu tinha que estudar. [...]E eu lembro que até os meus 13 ou 14 anos eu não gostava de ler, eu gostava de ouvir histórias. Eu acho que a grande marca assim na minha vida foi meu avô. Eu fui criada por avós, né, então o meu avô ele pegava todo mundo, a gente ia à noite, era aquela ideia de roda mesmo, sentavam todos os netos e ele ia contar histórias.

[...]

Tinha história que era do bicho folharal, essas lendas, “ixe” eu amava! Até hoje eu lembro, e aí eu ficava encantada, ele contava história do João de Barro, muitas histórias bacanas. Então foi, acho que isso que marcou muito a minha infância, mas, assim, a questão da leitura, a questão impressa mesmo eu não gostava (ELISABETH, 2017).

Embora os avós não fossem escolarizados, podemos inferir no relato da contadora a figura do avô como um mediador não leitor de literatura, contando histórias e incentivando os estudos. Apesar desse dissabor com a leitura, Elisabeth gostava de ouvir as histórias contadas pelo avô e isso acontece com grande parte das crianças durante esse processo de aproximação com os livros. “O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas...” (ABRAMOVICH, 1995, p. 20).

Inicialmente, a criança não tem consciência de que as histórias contadas podem

estar nos livros, esse entendimento vai sendo formado com o seu amadurecimento. Aos poucos, ela compreende que a partir das vozes dos mediadores de leitura, emergem letras, palavras e frases que dão todo sentido à fantasia e imaginação do autor das histórias.

Essa sensibilização a partir do ouvido torna-se essencial para o desenvolvimento do gosto literário, conforme adianta Abramovich (1995, p. 16) “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...]. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”. Provavelmente, se o avô de Elisabeth não tivesse proporcionado a possibilidade de a neta ouvir histórias, ela não teria se interessado pelas histórias escritas nos textos literários.

A pesquisadora Abramovich (1997, p.11) recorda ainda que seu primeiro contato com o mundo mágico das histórias foi com sua mãe, através das histórias que ela contava toda noite ao adormecer. Lembra algumas histórias contadas na escola e de quando aprendeu a ler, lia muito e acrescenta: “a volúpia de poder ler sozinha, de mergulhar no mundo mágico das letras pretas que remetiam a tantas histórias fantásticas”.

Continuando a nossa conversa sobre pessoas que marcaram esse processo de formação leitora, Elisabeth cita uma amiga que, de modo despretensioso, permitiu-lhe o contato com o texto escrito:

Quando eu cheguei no fundamental 2, eu tinha uma amiga que ela era de uma igreja e lá (Biblioteca da Igreja) existia uma coleção chamada “Coleção da Cris” e também tinha depois a da Selenia e ela começou a trazer... A gente via ela lendo e dizia: o que é isso? E ela começava a contar as histórias, eu sou muito curiosa e ela começou a emprestar pra gente. E aí ela começava a ler, eram histórias de adolescente, aquela coisa do cotidiano, ela falava sobre a questão da perda e eu lembro que eu perdi uma pessoa da família, então isso foi me identificando (ELISABETH, 2017).

Dois importantes fatos fizeram Elisabeth se interessar pela leitura: as histórias que ela ouvia do avô e os livros que a amiga a emprestava. Essas questões demonstram o quanto é importante a criança ver alguém lendo, principalmente os pais, pois existe uma forte associação entre a formação de novos leitores e o hábito de leitura dos seus pais. É o que demonstra a 4ª Edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, promovida pelo Instituto Pró-Livro e realizada pelo Ibope em todo país. A partir dos dados, cerca de 56% dos brasileiros podem ser considerados leitores e, dentro desse contingente, a pesquisa descobriu um grande número de entrevistados que afirmam se lembrar de ver o pai ou mãe lendo em casa (PESQUISA RETRATOS DE LEITURA, 2016). Assim, percebemos na fala de Elisabeth, ao explicar os motivos que a deixavam distante do mundo das letras:

*[...]então assim, quando a gente não conhece uma coisa a gente pensa, principalmente criança: ‘não, isso eu não vou fazer porque é chato’, **como eu não vejo ninguém fazendo, então isso é chato**. Em casa eu não via ninguém fazendo e na escola eu também não, então querendo ou não, essa minha amiga que começou a ler e eu via ela: ‘há, então eu acho que pode ser legal’ (ELISABETH, 2016, Grifo nosso).*

Maria, nossa quarta e última depoente, compartilha do mesmo sentimento quando o assunto é a leitura na infância. Seu cotidiano familiar, de certo modo, assemelha-se ao de Elisabeth, pois os pais não tinham o hábito de ler em casa. Hoje, Maria considera-se uma exímia leitora, trabalha numa escola particular de médio porte de Fortaleza, onde exerce ações de contação de histórias e mediação de leitura. Atualmente, está cursando uma especialização em Bibliotecas Públicas e Escolares com intuito de aprofundar seus conhecimentos na área em que atua. Ela demonstrou ter grande apreço pelas histórias infantis, “*[...] as minhas melhores lembranças de leitura são histórias infantis, como: a menina bonita do laço de fita, dona baratinha, histórias em geral da Ana Maria Machado, Maria vai com as outras da Silvia Orthof, e outras histórias de Bia Bedram*” (MARIA, 2017). Mas esse apreço pelas histórias nem sempre foi algo presente em sua vida:

É, quando criança, eu não tive, é, uma família leitora, os meus pais eles não tinham o hábito de ler em casa, eu não tinha o hábito de ver eles com livros, jornais, revistas, essas coisas. [...] Então, como eu já falei, né, como tudo começou em relação à leitura e o meu primeiro contato com os livros mesmo em si, aconteceu na escola, quando eu já fazia a quarta série [...]mas, assim, de ter uma família que incentivava, que sempre me dava livros? Eu não tive isso, na minha infância (MARIA 2017).

Dando prosseguimento à entrevista, ainda no primeiro esquema (Memórias Leitoras: Experiências de Leitura), perguntamos para os depoentes como aconteceram os primeiros contatos com os livros. Nosso intuito era compreender como ocorreu o relacionamento desses contadores com o livro, enquanto suporte de leitura.

Bom, no caso, eu acredito que o primeiro momento foi quando eu ganhei algumas revistinhas em quadrinhos, são revistas da turma da Mônica, que minha mãe sempre comprava para mim [...] além disso, lembro também da escola, o nome da escola é até engraçado (risos) que é a casinha feliz, lá também tinha uma biblioteca e a gente tinha que pegar livro semanalmente, [...] eu tinha chance de ter acesso à livros de boa qualidade gratuitos (PERI, 2016).

A minha primeira relação com a leitura foi com uma prima, minha mãe trabalhava, meu pai também, e eu ficava com uma prima que veio do interior, e aí veio pra estudar e veio pra ficar comigo também, né. [...] Então o primeiro contato que eu tive com a leitura foi com gibis, através dela, nera? Era as leituras mais fáceis que ela conseguia ler, que ela conseguia decifrar, né, era os gibis e também aquelas cruzadinhas, que as próprias cruzadinhas traziam umas dicas, umas piadas, algumas coisas (MARIA, 2016).

No caso de Peri, percebemos que sua mãe pode ser claramente apontada como sujeito mediador de leitura, ou seja, o promotor da relação “leitor-objeto-livro” em sua vida. Já no caso de Maria, a prima que veio cuidar dela, quando ainda pequena, foi quem de fato proporcionou o acesso às primeiras revistinhas em quadrinhos. Já Elisabeth aponta outros sujeitos desse processo, mas também cita a biblioteca escolar como uma das primeiras oportunidades de acesso aos livros, após a sua amiga da igreja:

E aí na escola tinha uma biblioteca e acabou os livros dela (amiga que lhe emprestava os livros) e eu olhei assim e disse: ‘vamos olhar o que tem lá na biblioteca da escola, né?’. E eu cheguei, eu lembro que eu vi assim Machado de Assis, José de Alencar, aí eu lembro que eu levei José de Alencar [...]apesar de eu ter começado com clássicos, foi por minha conta que eu fui na biblioteca, eu nunca tive aquele incentivo, eu estudava em colégio público, então eles não incentivavam, era aquela coisa se você quisesse ir, você ia, se não quisesse tudo bem.

[...]

*E eu lembro que depois dessa coleção eu comecei a ler e trouxeram (pausa) “As crônicas de Narnia”, **gente foi amor aquilo, oh** (grande entusiasmo), é sério, até hoje é o amor da minha vida, é “As crônicas de Nárnia”. [...] era o meu sonho comprar cada um, porque era um mais lindo do que o outro, as capas... e eu tinha visto aquele leão lindo no cinema, na época eu nem ia pro cinema, coisa de rico ir pro cinema naquela época. Quando eu cheguei à escola que eu vi que era o mesmo homem do cinema, pronto, eu agora vou saber da história (risos). E, tipo, me apaixonei, esse livro é incrível, acho que foi um dos livros que mais marcaram a minha vida. **Eu li todos!** (ELISABETH, 2006, Grifo nosso).*

Elisabeth descreve com euforia e entusiasmo, entre risos, como ficou impressionada ao ver o personagem do cinema preso numa história. Era a sua chance de conhecê-lo, já que não tinha condições de adquirir o livro, nem de ir ao cinema. Podemos, portanto, inferir uma relação afetiva com o livro, “foi amor aquilo, oh”, o que fez dar continuidade à leitura dos demais números da história, “eu li todos”. Por isso, a leitura emocional é muito significativa para a formação do leitor, pois o move a continuar ou não a ler determinado texto, além de formular gostos e tendências. Maria também deixou transbordar seu sentimento ao ler seu primeiro livro por inteiro, era como se gostar da história e conseguir ler até o final fosse seu trunfo:

*Foi um livro paradidático, indicado pela professora, ele era, era... foi a minha primeira leitura e aí logo de cara eu já gostei, eu li esse livro em uma noite, o livro inteiro, **era a primeira vez que eu lia um livro todo**, então, eu fiquei assim, muito, como é que eu posso dizer? Maravilhada com aquele livro, ele falava da questão da preservação ambiental, de preservar as árvores, né, o meio em si, mas de uma forma muito lúdica, de uma forma que tinha magia, que tinha uma ludicidade toda para encantar o leitor. Então esse foi o meu primeiro contato com a leitura que eu tenho lembrança (MARIA, 2016, Grifo nosso).*

Essa leitura teve um sabor diferente para Maria, pois, estando ela num cenário não favorável para a sua apreciação literária, encontrar uma história que a fizesse ficar maravilhada marcou muito essa caminhada. Mesmo sendo um livro obrigatório da escola e um assunto pouco apreciado pelos iniciantes da leitura, a sua história conseguiu tocar o coração da leitora, afinal um mesmo romance pode suscitar sentimentos diferentes a depender dos conhecimentos prévios de cada leitor e do contexto social vivenciado em sua história, ou seja, “a leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é uso do corpo, inscrição dentro de um espaço, relação consigo mesmo ou com os outros” (CAVALLO; CHARTIER, 2002, p. 08).

Tanto Peri como Elisabeth citaram a biblioteca da escola como local principal de acesso aos livros, por isso questionei se na escola ou na sala de leitura existia algum sujeito mediador, e ambos responderam que não recordavam nenhuma figura nesse sentido. Isso demonstra que, durante a formação escolar, havia meios para o acesso à informação; porém, pela falta de um mediador, a aproximação com as leituras ocorreu em casa.

No caso de Peri, foi possível esse incentivo a partir da família, mas em muitos casos os pais não compreendem a importância da ação de mediar a leitura, depositando na escola e nos professores toda responsabilidade da aprendizagem dos filhos. Elisabeth, criada por avós semianalfabetos, teve no seio familiar a relação com os contos fantasiosos e lendas, o que contribuiu para formação do seu espírito curioso e inquieto.

Infelizmente, a realidade brasileira anda a passos lentos no que diz respeito à formação de leitores. Muitas vezes, as escolas utilizam metodologias que só afastam as crianças dos livros, causando consequências desastrosas no aprendizado. Apesar disso, é principalmente na instituição escolar que o aluno tem o primeiro contato com os livros e com a sala de leitura, o que demonstra a importância da biblioteca no âmbito da aprendizagem escolar:

Bom, como eu falei, também tinha na escola, né, então eu gostava muito de ler os livros da Ruth Rocha, até me lembro bastante de um deles, que eu até contei histórias depois, que é o Piquinique do Katapimba, muito bom! (Grande entusiasmo). Então esses livros eu tinha sempre alcance nas escolas, não era comumente que eu ganhava livros, ganhava mais revistinhas, revistas de pintar e tudo, mas os livros eu tive contato mais na escola, na infância (PERI, 2016).

No entanto, os livros por si só não falam sozinhos, não nos convidam, não clamam pela nossa leitura, é preciso um mediador que se ocupe em apresentar o espaço leitor e as possibilidades de aprendizagem através da leitura. A escola é a principal responsável por esse processo de apreciação literária das crianças, por proporcionar o acesso ao livro. No entanto, as formas como essa leitura é mediada ou simplesmente não mediada pode afastar para sempre o leitor de literatura.

No decorrer da entrevista, ao perguntarmos aos interlocutores como se deram suas experiências mais significativas com a leitura, na escola, na biblioteca ou na universidade, percebi que Mafalda encolheu os ombros antes de começar a narrar suas histórias, hesitando em falar. Aguardei um momento antes de intervir e finalmente ela falou:

*Como... assim, eu não sei se entra na questão familiar também, né, mas pode ser que seja válido. Como lá em casa era um ambiente assim um pouco de stress, eu acho que esse era o objetivo principal da minha mãe, levar a gente pra um espaço que fosse calmo, porque como o meu pai tinha problemas com álcool, né, ele bebia e ficava aquele ambiente violento, então eu que entendi com o tempo que ela levava pra leitura como uma maneira de relaxar, que a gente saísse daquela realidade, né. Então, assim, **nesse momento a leitura se tornava quase uma terapia** (pausa.) Hoje eu entendo, mas na época eu não entendia que era como se fosse uma terapia, era uma maneira de entender que aquilo ia passar e que existia outras realidades (emocionada), então tinha essa função, agora eu sei (pensativa) (MAFALDA, 2017)*

Com os olhos marejados, Mafalda parecia agradecer mentalmente à mãe pelas escolhas que fez naquele momento de sua vida. Certamente, em casa, em meio às situações adversas e conflituosas existentes na sua família, não seria possível desenvolver seu gosto literário. Ao se desvencilhar dos problemas e brigas no seio familiar, ela pôde se entregar às histórias; mesmo que aquilo fosse passageiro, ela queria desfrutar daquele tempo. Por esse motivo, a leitura tem um poder transformador, além, é claro, de agir como forma de apropriação de informação e de conhecimento, que oportuniza a construção de ideias e ações para favorecer o leitor a reconstituir-se diante das adversidades da vida. Ademais, pode ser vista como terapia quando utilizada em momentos de grande desconforto sentimental ou até mesmo em situação de enfermidade.

Apesar de não se constituir como objetivo desta pesquisa, podemos citar a Biblioterapia como possibilidade de tratamento para pessoas hospitalizadas, que veem na leitura uma maneira de fuga ou até mesmo de encontro entre sensações e pessoas.

Para finalizar o esquema Norteador 1, perguntamos sobre leituras de livros que marcaram a vida pessoal e profissional dos interlocutores, desde a infância à prática profissional. Nosso objetivo foi identificar características e relações pessoais com as histórias que deixaram marcas em suas vidas, por entender que esses textos representam, de algum modo, a trajetória desses interlocutores, sobretudo na formação de contadores de histórias:

*Na infância o que marcou bastante foram as tirinhas da Mafalda, que é até um livro bem grosso, foi o livro “**Toda Mafalda**”, que é um livro do autor Quino [...] E essas tirinhas me marcaram muito porque mostra uma criança, mas muito independente, ela tem opiniões fortes, ela diverge de alguns comportamentos dos pais e ao mesmo tempo ela tem um senso crítico em relação a tudo que se passa ao seu redor, **então eu me identifiquei muito com ela.***
[...]

eu enxergava a mim né, eu na minha infância, mesmo num ambiente limitado, podendo expressar as minhas opiniões e foi a partir desse momento que eu comecei a escrever também, então eu entendia que eu também podia escrever que a leitura não servia apenas como uma forma de terapia, como uma forma até de encontro, mas também como uma forma de escrever, de construir algo para além de mim, então na infância eu colocaria esse livro como bem marcante mesmo (MAFALDA, 2017, grifo nosso).

A leitura, como meio de acesso à informação, proporciona essa identificação que Mafalda teve com a história do livro lido, de onde ela passará a definir suas crenças, expectativas e gostos através daquilo que lê, embora essas constatações possam ser apenas momentâneas. Seja a constituição de princípios, metodologias de vidas, escolhas pessoais ou simplesmente para se informar, é através do entendimento do que se lê que formamos nosso repertório individual, mas também coletivo, já que somos uma junção de tudo aquilo que nos atravessa.

Nesse caso, a leitura passa a contribuir para o autoconhecimento do leitor, pois os conceitos que absorvemos durante e após o ato de ler passam a fazer parte da nossa vivência. Portanto, é disso que somos formados, desse aprendizado constante que reúne sensações, pensamentos e experiências que podem se tornar tão ou mais impactantes que as experiências pessoais. Isso não significa que o leitor seja passivo ou uma cópia sociocultural, mas entender que a leitura é um movimento dialógico que perpassa autor, leitor e texto. Assim, o leitor, quando entra em contato com a obra, está também criando, construindo novos sentidos em virtude da sua teia de significações, anteriormente estabelecida.

Outro aspecto que percebemos na fala de Mafalda foi seu interesse pela escrita, a partir do entendimento que era possível externar seus sentimentos através dela. Ao ler as tirinhas, sempre críticas da personagem Mafalda, a interlocutora sentiu-se movida a ver o mundo de uma forma diferente. A professora Yunes (2009) cita Roland Barthes para comentar sobre a ação do leitor de estender as suas leituras e deixá-las escapar como extensão do ser-mundo leitor, cheio de sonhos, desejos, incertezas. Nas palavras de Yunes:

Quem toma gosto pela palavra quer ler mais e quer também escrever. Roland Barthes assinalou uma vez que há livros legíveis, que se oferecem à leitura e nela encerram sua contribuição ao nosso prazer e mesmo fruição. Contudo, há livros escrevíveis, que não nos abandonam sem que tenhamos tomado a palavra para lançá-lo mais adiante (YUNES, 2009, p. 66).

Essa necessidade inventiva que surge após a leitura ou a contação de histórias demonstra a formação e constituição do leitor literário que deseja expressar os significados extraídos do contato com o lido ou ouvido. Essa prática também foi vista na fala de Peri, quando ele fala sobre o seu cotidiano leitor:

*Bom, de manhã eu já estou lendo na parada, então eu sempre ando com um livro dentro da minha mochila, então eu tô sempre lendo alguma coisa, principalmente agora que que estou escrevendo, tô lendo sobre **literatura de fantasia**, [...] como aparece alguns concursos culturais, eu tenho que ler contos, crônicas, poesias pra participar. Além disso, tem a contação de histórias, que a gente também tem que tá lendo **literatura infantil**, e outras literaturas pra poder contar uma boa história para as crianças. Além disso, no trabalho a gente **lê jornais**, então a gente precisa tá sempre atento aos **periódicos** (PERI, 2016, grifo nosso).*

É perceptível, na fala do interlocutor, um entendimento sobre a importância da leitura. Quando avaliamos o seu cotidiano leitor, percebemos que a leitura perpassa quase todos os seus momentos diários: na parada do ônibus antes de chegar ao trabalho, durante o exercício de bibliotecário, sempre na busca de manter-se informado. Peri também nos contou que participa de muitos concursos literários e, inclusive, na grande maioria das vezes, suas poesias e contos são sempre premiados. Isso demonstra o que já discutimos sobre o poder que o contador de histórias tem de construir suas próprias histórias. A leitura, por sua vez, facilita a prática da escrita, pois quando lemos estamos conhecendo diferentes tipos de linguagens, palavras e formações de ideias.

No caso das narrativas orais, existem recursos que chamam a atenção do ouvinte, como a voz do contador, o sussurro, as pausas, a entonação de voz, denotando o medo, o susto, a calma, que vai ao encontro de cada momento da história e que define o seu ritmo e andamento. Ao ver todo aquele efeito lúdico dado a um enredo, as pessoas se emocionam, se alegram, num processo contínuo de geração de sentimentos. Essas questões se evidenciam no discurso de Maria, quando ela relembra que as leituras que marcaram seu período da universidade foram histórias infantis que ela ouvia e narrava:

Na faculdade, né, por incrível que pareça, as minhas melhores lembranças são de histórias infantis, porque eu participei de um grupo de contação de histórias na faculdade, e apesar de a gente não contar apenas histórias infantis, as histórias que eu mais me identificava era as infantis, as que eu mais gostava de contar, as que eu mais gostava de ler, as que eu mais gostava de decorar eram as infantis, enfim, histórias infantis foram as narrativas que mais marcaram a minha estada na universidade (MARIA, 2016).

Maria via nos momentos de preparação para narrar o conto os melhores momentos de leitura daquela fase. Mesmo na idade adulta, eram aquelas histórias que a faziam sonhar e se realizar. Se voltarmos às suas memórias de leitura da infância, recordaremos que ela não vivenciou essa fase de leituras infantis, pois não conseguiu resgatar nenhuma obra que havia lido neste período da sua vida. O mesmo ocorre com Elisabeth, que também vivenciou momentos ruins com a leitura na infância, já que não era um costume habitual da sua família e escola. Ao perguntarmos sobre como se constituía o seu cotidiano leitor ela não hesitou em

falar das histórias infantis:

Na verdade, assim, eu acho que o livro infantil, foi escrito por um adulto, né? Então ele sempre tem uma mensagem, então, tipo o Pequeno Príncipe, apesar de ser um livro infantil, ele é um livro, gente, maravilhoso. Ele traz uma mensagem muito linda, olha aquele livro cada vez que você lê você ver algo novo nele, uma mensagem nova e eu acho muito, muito legal, muito interessante. Eu tenho várias versões dele, eu ainda não tenho o pop-up, mas eu tenho ele em quadrinho, eu tenho ele na versão original, eu tenho outra versão baseada na original (risos) (ELISABETH, 2016).

Certamente, as histórias de leitura desses contadores dizem muito sobre a personalidade deles. Cada preferência carrega consigo um sentimento e motivo de ser, por isso muito se vê o uso da leitura como forma de entendimento do outro. Cada depoente pôde, de certa forma, definir suas características através das suas histórias com a leitura. Peri, Mafalda e Elisabeth cresceram ouvindo histórias dos seus familiares e, assim, foram se constituindo como leitores. Maria, apesar de não ter falado durante o seu relato que iniciou seu gosto literário na faculdade, isso ficou perceptível no modo entusiasmado em que ela narra os momentos de preparar um conto para contação de histórias, algo que lhe foi oportunizado durante essa fase da sua vida.

5.2.2 Esquema Norteador 2: Memórias Leitoras: formação profissional

Após quase ter desaparecido, em consequência do surgimento das novas mídias, os contadores de histórias ressurgem como fenômeno urbano, dando origem ao que hoje se conhece como novos contadores, ou contadores urbanos (SISTO, 2001). Isso evidencia a necessidade do ser humano de comunicar-se ainda pela oralidade, valorizando as narrativas.

Pensando nessas questões, buscamos compreender como se deu o processo de formação profissional desses depoentes na contemporaneidade, de que forma eles encontraram na universidade o caminho para tornar-se mediador de leitura, sobretudo contadores de histórias. Os quatro narradores se formaram na Universidade Federal do Ceará e deram início à formação enquanto contadores de histórias através do projeto de extensão Grupo Convite de Contadores de Histórias.

No projeto, os integrantes tinham a oportunidade de formar o seu repertório de histórias, ensaiar para os espetáculos, definindo expressão facial, corporal, sempre mediados por um professor do curso de Biblioteconomia. Mais tarde, com o interesse pela área, eles procuraram outras formações externas à universidade e passaram também a promover oficinas.

O amor pelas histórias os uniu em um grupo de diferentes formas. No caso de Mafalda, a contação de histórias surgiu de modo espontâneo, sem que ela ao menos tivesse

visto ou procurado pela arte, conforme essa relatou quando pedimos que falasse sobre o que contribuiu para torná-la uma contadora de histórias:

Na prática de contador de histórias foi a experiência realmente com o Grupo Convite de Contadores de Histórias, até então eu desconhecia que existia um espaço dentro do cenário acadêmico que propiciasse isso, compartilhar as histórias. Então esse primeiro contato com o grupo me fez enxergar que ali era o meu espaço, então eu me apaixonei não somente pela profissão, mas pela arte novamente. E quem incentivou isso na época foi a professora Cavalcante que ministrava a disciplina Histórias dos Registros e do Conhecimento.

[...]

Então quando a gente foi apresentar o trabalho eu recitei um verso e aí quando eu recitei esse verso ela me convidou pra fazer parte do grupo e, quando ela convidou, aí eu disse “meu Deus, é aqui que eu vou ficar mesmo”, então eu me apaixonei. Então na prática, primeiro foi ela como professora e depois também teve a professora Sousa que também foi coordenadora do grupo que incentivou ainda [...] tinha toda aquela paixão no olhar que a gente necessitava ver, que tinha esperança pra causa (MAFALDA, 2017).

No depoimento de Mafalda, percebemos a importância do sentimento de pertencimento a um grupo quando se enfrentam novas experiências. Apesar de hoje vivermos afastados, quase sempre mediados pela tecnologia, existe ainda o desejo de fazer parte de algo, de encontrar pessoas que dividam os mesmos sentimentos e que pensem de modo semelhante.

Muitas vezes, as universidades não têm consciência da amplitude de suas ações socializadoras na vida desses jovens, podendo ser fator preponderante para a permanência desses nos cursos. Essas questões são percebidas na fala de Mafalda, ao falar da experiência com o grupo de contação de histórias. Para a narradora, participar do grupo foi uma forma de socializar com o outro e se enxergar como parte de uma construção simbólica, de entender que havia um significado maior em compartilhar as histórias, para ela uma causa humanitária. [...] *eu acredito que na minha formação, o que definiu esse lado mais pro lúdico e até mais humano, eu ousar dizer que foi realmente o próprio grupo, se fosse só as disciplinas técnicas eu não sei se teria ficado assim, até o final (MAFALDA, 2016).*

No caso de Elisabeth, se não fosse essa oportunidade de conhecer a contação de histórias e passar a ter outro olhar para sua formação, ela também poderia ter desistido do curso. “[...] *eu lembro que eu queria desistir do curso, só que aí eu tinha conhecido o Grupo Convite e a professora Cavalcante fez uma seleção e aí lá fui eu né. E, assim, eu coloco muito que o grupo convite me despertou para continuar no curso, porque eu estava me sentindo meio perdida*” (ELISABETH, 2017).

O contato com a contação de histórias de Peri e Elisabeth surgiu de modo diferente de Mafalda, pois eles tiveram oportunidade de ver uma apresentação logo no primeiro dia de aula, o que garantiu que o relacionamento com essa arte fosse iniciado nos primeiros semestres do curso:

Quando eu cheguei no curso, eu lembro que eu estava com febre, eu me escondi para não participar da brincadeira dos bichos. E aí convidaram uma tal de Sousa pra fazer uma apresentação (risos) e ela contou uma tal de Felicidade Clandestina e eu fiquei assim, valha Meu Deus, o que é aquilo (ar de impressionada). Nunca esqueci, nunca... eu fiquei, meu Deus, que legal, eu fiquei assim encantada (ELISABETH, 2017)

*Bom eu gosto sempre de marcar a importância da recepção que teve aqui para os alunos, pros calouros onde o **Grupo Convite**, que é um **projeto de extensão do departamento de ciências da informação**, ele estava presente nessa data e pra mim foi muito importante ver as meninas que participavam do projeto realizando a contação de história, pois apesar de já ter tido alguns contato com a contação de história, eu não tinha visto daquele **formato do espetáculo**, da apresentação, da participação dentro da universidade e pra mim foi muito importante, pois ali deu o primeiro passo pra que eu pudesse conhecer ainda mais a contação de história (PERI, 2016, grifo nosso).*

A performance nunca vista e as particularidades de os contadores narrarem as histórias em grupo tornaram essa experiência fascinante para os interlocutores, pois todos conheceram a arte durante a faculdade. Isso fica claro quando indagamos sobre as influências construídas na graduação em biblioteconomia para constituição do seu papel enquanto contadores de histórias e mediadores de leitura:

Sim, mas eu acho que o grupo Convite em si proporcionou. Eu acho que o curso em si, se a gente for olhar a nossa grade curricular, se você não tiver aptidão para isso, ele não vai desenvolver. Até mesmo se você for perceber, as pessoas que estão se formando hoje e o grupo Convite está um pouco parado, você vai ver que a gente não tá tendo mais esse desenvolvimento voltado pra essa construção leitora, entendeu. E até mesmo você vê essas pessoas chegando no mercado de trabalho – eu conheço algumas bibliotecárias que estão em bibliotecas escolares e que dependem de pedagogos pra desenvolver qualquer projeto (ELISABETH, 2017).

Nas falas dos entrevistados, notamos a importância da participação do espaço acadêmico para promover o contato com a mediação de leitura por parte dos alunos. Tanto o projeto de extensão da universidade, como os estudantes contadores de histórias, especialmente, a professora idealizadora do projeto, atuaram como mediadores institucionais da leitura.

A escuta aos participantes deste estudo permitiu perceber, para além dos nossos objetivos, que todos os quatro entrevistados têm uma ideia de que a Extensão Universitária possibilita a oportunidade de vivenciar outras formas de aprendizado. Nesse sentido, a Universidade desempenharia um papel importante e ativo “na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural” (SANTOS, 2004, p. 73). Muitas vezes, uma forma de compreender com maior clareza seu papel e responsabilidade social dentro da sociedade:

[...] na verdade, para ser bem sincera, eu só consegui me identificar de verdade no curso, depois que eu iniciei a atividade de mediação de leitura através da contação de histórias; até então eu não tinha me encontrado de verdade dentro do curso, né,

mas isso aconteceu bem no começo. Primeiro semestre eu já me interessei de cara pela contação de histórias e partir de então foi que tudo começou a fazer sentido estar dentro do curso (MARIA, 2017).

Durante a entrevista, pudemos inferir que o processo de formação leitora desses contadores não estagnou na infância ou idade escolar. A formação em Biblioteconomia lhes conferiu a oportunidade de desenvolver esse gosto literário já formado nas idades iniciais. Ao ser questionado sobre a presença da mediação de leitura nas disciplinas da graduação em Biblioteconomia, Peri nos respondeu:

*Em relação às disciplinas, a gente pode perceber, principalmente, quando a professora ‘Cavalcante’, que era professora da **disciplina História dos registros do conhecimento**, a gente passou da importância do livro em várias fases, em várias épocas. Então ela até nos levou na Biblioteca também... e também nos mandou escrever cartas, ler alguns livros importantes, visitar alguns museus, e a gente pode ver que a leitura ia muito mais do que somente as palavras que a gente vê nos livros. Outra disciplina também importante é **Teoria e Prática da Leitura**, fundamental para os Bibliotecários, [...] E também posso citar **Editoração**, também foi muito importante conhecer como funciona a editora, pra entender o papel dos livros das publicações (PERI, 2016, grifo nosso).*

Percebe-se, na fala de Peri, que a faculdade em Biblioteconomia foi significativa para o seu desenvolvimento enquanto escritor e contador de histórias. Nesse momento da entrevista, surgem nomes de pessoas e instituições que fizeram parte do seu desenvolvimento enquanto mediador de leitura.

Diante de tais reflexões, percebemos que, para o bibliotecário, tornar-se um sujeito crítico, atuante e ciente do seu papel sua formação pessoal e profissional enquanto leitor tem grandes influências. Somente assim o bibliotecário poderá adquirir competências para mediar a leitura, apropriando-se de modo consciente do seu papel de mediador.

5.2.3 Esquema Norteador 3: Atuação Profissional – Mediação de Leitura

Diferentemente dos professores, o bibliotecário não tem como incumbência primeira cumprir conteúdos curriculares, grade curricular, etc. Sua participação na formação do leitor e no incentivo à leitura deve se desprender da cobrança de leitura para aquisição de conteúdo ou normas gramaticais. “Pensamos que ler um texto é compreendê-lo, isto é, descobrir-lhe a chave. Quando de fato nem todos os textos são feitos para serem lidos nesse sentido” (CHARTIER, 1996, p. 234). O seu papel de mediador social não é o de exigir ou induzir a leitura por obrigação, mas de sensibilizar a leitura por amor, por desejo ou simplesmente por curiosidade.

Adentrando no último esquema de nossa análise, cujo objetivo é conhecer como o bibliotecário realiza atividades de mediação de leitura no âmbito profissional, solicitamos aos depoentes da pesquisa que tecessem sobre as formas de sua atuação e preparação para prática das atividades:

Nos últimos anos, trabalhei como bibliotecário no Batista (escola particular) e como voluntário no SESC (Biblioteca pública em que trabalha atualmente), então nos dois momentos eu pude utilizar a contação de histórias para mediar a leitura, mas não somente a contação de histórias. Chega um momento que você também tem que oferecer pros professores, para os pais, algumas leituras que eles pediam, então também tinha muita informação utilitária, né, então a gente tinha que mediar a leitura [...] no caso não era entregar a informação pronta, era às vezes ensinar como chegar até a informação, ou qual livro eles poderiam ler, utilizar ou onde eles poderiam encontrar a informação. Era um processo também de acreditar que o usuário, ele tem potencial e ele pode encontrar a informação que ele precisa (PERI, 2016).

Na fala de Peri, percebemos a presença de ações voltadas para mediação da informação sem a presença expressa do leitor-usuário. Essa prática pode ser denominada como mediação implícita que, diferentemente da explícita, onde a presença do leitor é concreta, ela pode ocorrer através de ações que facilitem o acesso à informação e represente da melhor forma o conteúdo informacional do documento (TONELLO; LUNARDELLI; ALMEIDA JÚNIOR, 2012).

Na contemporaneidade, o bibliotecário, além de gerir a informação, tem o papel de disseminá-la, mediá-la e torná-la acessível, de modo a garantir a oportunidade de acesso à informação. Rasteli e Cavalcante (2013, p. 169) concordam com essa afirmação ao destacarem que,

Dada essa extensão, o papel do bibliotecário está embutido na função de agente socializador da informação, contribuindo no processo de aprendizagem dos indivíduos através das mais diversas formas de leitura, como também em suas práticas, ajudando o leitor a atingir um nível maior de complexidade no processo de ler/escrever e de produzir sentidos.

Seguindo a mesma questão norteadora, percebemos nos relatos das narradoras atuantes em bibliotecas escolares particularidades intrínsecas a essa área de atuação. Em decorrência da variação da faixa etária dos seus usuários, os bibliotecários precisam elaborar diferentes projetos de mediação de leitura, a fim de atingir os diferentes públicos.

Ao tratar sobre suas ações, as narradoras Elisabeth e Mafalda demonstraram um sentimento diferente, pois, antes, quando estavam no processo de formação leitora, estavam ouvindo histórias e pegando livros na biblioteca; agora elas estão proporcionando aos seus usuários a oportunidade de ter acesso ao desconhecido, aquele texto que ficou guardado e

escondido nas estantes por um longo tempo, até o dia em que um narrador descobre seus segredos. Quando falo em acesso, não me refiro apenas ao contato com o livro físico, mas, principalmente, ao contato com o enredo literário, através de atividades dinâmicas e lúdicas criadas por essas grandes contadoras de histórias.

Nesse momento, nós utilizamos os livros brinquedos, caixas mágicas, mais voltado realmente pra brincadeira, respeitando a faixa etária. [...] Pro ensino médio, é algo mais delicado, porque eles têm uma carga horária muito complicada. [...] Para alcançar esse público, eu precisava deixá-los à vontade, já que eles são obrigados a fazer muita coisa. Então criamos um clube da leitura que trabalhamos de maneira lúdico-didático os autores que mais caem no ENEM (MAFALDA, 2017).

[...]E eu trago atividades lúdicas, eu sempre levo um livro, a gente faz um trabalho lúdico com eles e é sempre muito diversificado [...]Tem vezes que eu levo histórias pra eles trabalharem, tem vezes que eu levo uma caixa, eles vão tirar alguma coisa de lá e fazer aquela brincadeira “eu conto a história”, então a gente faz muito aquela coisa lúdica pra atrair a atenção deles e pra trabalhar essa questão do gosto pela leitura (ELISABETH, 2017)

As escolhas de ações de incentivo à leitura devem estar sempre adequadas ao público a que serão ofertadas essas atividades. É importante que o bibliotecário conheça o perfil do seu usuário e mantenha-se sempre atualizado com relação aos gostos de todas as faixas etárias, inclusive as dos pais e funcionários, no caso da escola. Nota-se esse cuidado de pensar em formações que sejam relevantes para os participantes.

Não há como negar o sentimento de alegria e realização ao ouvi-las narrar com tanto entusiasmo as ações que realizam na biblioteca, dentro do âmbito escolar. Por um momento, imaginamos que é a profissão mais valorizada financeiramente e que lhe garante grande visibilidade, mas nem sempre é assim como pensamos:

[...]quando você vai para o mercado de trabalho é um choque terrível de tudo, então você realmente descobre que assim como outras profissões, bibliotecário não é valorizado, mas que mesmo assim as pessoas esperam de você, é como se, mesmo não valorizando, a sociedade esperasse de você, então quando você olha pra aqueles alunos, eles lhe dizendo: ‘tia, mas aqui a gente só pega e devolve livro’, eles querem mais, eles não sabem expressar em palavras, mas eles querem não somente o serviço técnico, eles querem projetos que mostrem pra eles por que eles devem se apaixonar pela leitura (MAFALDA, 2017).

Eu estou desde 2012 como estagiária e a partir de 2015 como bibliotecária, então você começa a se perguntar qual a próxima coisa que vai fazer, tem que ver coisas novas (risos). Então a gente tem que tá sempre sendo criativo, pra estar trazendo coisas novas, porque se eu repetir história eles sabem: ‘Tia, tu já contou essa viu?’ (risos). Gente é toda semana, quantas semanas que eu tenho no ano? Mas assim, é muito gratificante, quando as meninas tiram fotos eu adoro, quando eles estão com as caras assim, oh (Expressão de atento), quando eu tô contando histórias, com aqueles olhinhos parecem que brilham, então assim, acho que é muito gratificante (ELISABETH, 2017).

O que me emocionou e surpreendeu ainda mais foi saber que essas encantadoras de sonhos faziam aquilo pelo simples entendimento de que aquela arte poderia transformar a vida dessas crianças. Como aquelas escolas possuíam um tesouro escondido por entre as estantes e nem se davam conta? No meu entendimento, não é apenas um processo de mediação literária, mas de formação de leitor. Por mais que o Bibliotecário não exerça o papel de ensinar as crianças a lerem os códigos linguísticos, eles estão desenvolvendo a capacidade interpretativa do aluno e assim contribuindo para o seu letramento. Esse é um trabalho transformador, que precisa ser expandido, conhecido e, principalmente, reconhecido.

Diante dessas questões, podemos recorrer a Freire (1983), quando esse acredita o quanto é fundamental que a educação acredite no homem como sujeito capaz de transformação do mundo, interagindo com a realidade. Essa interação, constituída pela subjetividade e objetividade, produz “um conhecer solidário com o agir e vice-versa” (FREIRE, 1983, p. 74), que pode ser evidenciado no depoimento de Mafalda, abaixo:

Percebi que na faculdade o grupo (Projeto de Extensão) foi importante na questão [...] de entender que havia um significado maior de compartilhar as histórias e ao mesmo tempo para mim foi libertador, porque era um momento, assim, com todo aquele stress acadêmico que acaba acarretando no dia a dia que você tá assim, aquele é o momento que você desafoga, que você relaxa, mesmo estando cansada, mesmo de noite. [...] E na questão profissional também foi isso, foi o momento de mostrar pra eles, ainda adolescentes, alguns ainda até crianças com esses stress tão precoces, com essas taxas de tentativa de suicídio e tudo, que havia um momento que eles podiam relaxar e podiam se divertir e que isso não era obrigatório, não valia nota, embora eles ganhem certificados (risos) (MAFALDA, 2017).

O humor foi uma marca presente nos discursos de Mafalda, apesar de ser uma mulher já formada, com seus 26 anos de idade, ela ainda parecia uma menina, que entendia o que se passava na mente daquelas crianças e por isso se camuflava para não correr o risco de ouvir nada contrário a respeito do que fazia por eles. Esse entendimento de que a participação em grupos de leitura mudou sua trajetória na vida acadêmica fez com que Mafalda percebesse a importância de dar continuidade ao que aprendeu na universidade a partir da constituição de grupos de leitura e de contação de histórias com os alunos da escola em que atua.

Diante disso, podemos depreender que o processo de formação acadêmica lhe conferiu autonomia e conhecimento para modificar a passagem de crianças e jovens na escola em que atua. Mais do que isso, esse processo de formação é contínuo, vai desde a formação leitora na infância e deságua na vida adulta, sem ter fim, sempre percorrendo diferentes tempos, lugares e pessoas.

Um movimento de transformação interna daquele que passa de um suposto saber (ou da ignorância) ao saber propriamente dito (ou à compreensão de si, dos outros, da

realidade, da cultura acumulada e da cultura no seu presente ou se fazendo). A educação é inseparável da formação e é por isso que ela só pode ser permanente (CHAUI, 2003, p.11).

Diante das questões levantadas sobre as práticas de mediação de leitura nas bibliotecas, chegamos a um dos objetivos da pesquisa, que era o de conhecer quais artifícios os sujeitos da pesquisa utilizavam para chamar a atenção dos ouvintes, de modo a constituir a sua performance na contemporaneidade

*[...] no caso do infantil, usamos **histórias cantadas**, caixas, **brinquedos e dança**. Eles querem **participar**, então se eles não ficarem em pé e não dançarem, aí eles não querem, furta totalmente a atenção. Já para os maiores, nós tentamos trabalhar realmente a questão da **imaginação**, uma roupa mais elaborada, um figurino, tirar a farda, se for contar de farda eles nem olham pra gente. Então tem um vestidinho próprio para os ‘**astreamentos**’, que é a fardinha do ‘**astreamento**’ (risos). (MAFALDA, 2017, grifo nosso).*

*Normalmente, eu nunca consigo contar com o **livro**, porque eu acho assim, que se eu não olhar pra eles, eu não vou conseguir **prender a atenção** deles. Então às vezes eu levo o livro pra eles entenderem que a aquela história está naquele livro ali [...] Eu fiz a história da Maria vai com as outras, eles eram as ovelhas, eu levei uma ovelhinha pra cada, então eles iam pro lado, eles iam pro outro. Então tem que ser aquela coisa **interagindo**, participativa. [...] Eu tenho uns bebês que são de 1 ano e pouco, se eu chegar lá só pra contar histórias eles não vão olhar nem pra mim, então eu tenho que levar **adereço**, eu tenho que levar alguma coisa pra chamar a atenção, porque eles são muito crianças (ELISABETH, 2017, grifo nosso).*

*[...] se for história infantil a gente **improvisa** né, mas sempre com a história **memorizada** e principalmente se for pra criança é muito importante que tenha apetrechos, **fantoches**, um véu, **chapéu**, balão, o que tiver a ver com a história, eu não uso muito a caracterização [...] você põe assim algum apetrecho que deixe você parecida com algum **personagem** que você tá contando na história, mas a caracterização total que seria vestido, que seria capa, roupa total, eu ainda não utilizei na contação de histórias (MARIA, 2017, grifo nosso) .*

Por um ponto de vista, o ofício do narrador oral exige dele habilidades do contexto cênico, pois esse precisa articular expressões e movimentações que se encaixem com o enredo da história. Entretanto, o grande diferencial encontra-se no modo em que o artista se porta diante do público. Em vez de se esconder num único personagem, o contador de histórias, na grande maioria das vezes, alterna em seus papéis, ora como narrador, ora como personagem. “Na relação com o ator há uma fraternidade quando o contador encarna momentaneamente as personagens do seu conto, mas ele logo retoma a palavra, não como personagem, mas como o contador que não é outro senão ele próprio” (MATOS, 2005, p. 107).

Outro aspecto importante é o “olho no olho”. Esse é um dos recursos mais importantes para o bom desempenho do narrador. Melhor ainda do que mover o braço ou a cabeça em determinado momento da história é aprisionar o ouvinte dentro do seu olhar. Nessa

dinâmica, o público também participa da contação, ele está ali passando também com o olhar os sinais para o contador.

Sem dúvidas, dependendo da faixa etária, é importante que ele busque em sua performance recursos que possam chamar a atenção do ouvinte, seja a “fardinha do astreamento”, disponibilizando adereços para o público participar ou, simplesmente, “ter presença” como nas palavras de Pavis (2010, p.34) que afirma que “Ter presença, é, no jargão teatral, saber cativar a atenção do público e impor-se; é, também, ser dotado de um ‘quê’ que provoca imediatamente a identificação do espectador, dando-lhe a impressão de viver em outro lugar, num eterno presente”.

Na realidade, para além da presença ou articulação no palco, é necessário ter uma relação com a história ou simplesmente o desejo que lhe move para contá-la. Acredito que, nesse aspecto, esteja o grande diferencial do contador de histórias para outros artistas. Assim como afirma Petit, o mediador “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p. 145). Portanto, o narrador de histórias também precisa ser um leitor e criar laços com histórias e personagens diversos. Essas relações do leitor com o texto literário são formadas a partir de suas interações pessoais e verbais vivenciadas durante toda sua trajetória de vida. Questão essa presente no discurso dos contadores ao tratarem das histórias que mais gostam de narrar:

*O poema é “**Motivo**” de Cecília Meireles, que eu até brinco que vai tá na lápide do meu túmulo, porque eu nunca esqueço esse poema e eu decorei ele com 14 anos e nunca me esqueci realmente, esse daí é pra sempre. Ele fala muito sobre a questão da poesia, que ela não sabe se fica, se passa, mas ela canta e essa canção tem uma asa ritmada e um dia ela sabe que vai estar mudo, mais nada, mas enquanto ela tá ali dentro daquela **poesia ela se mantém viva** (MAFALDA, 2017, grifo nosso).*

*“**Aprende a escrever na areia**”, autor Mauba Tarram, grande desafio por ser grande, e sempre andava com ela na parada, tive que decorar na época da faculdade. Uma história muito bonita que ensina sobre o **perdão, a amizade** e realmente essa história mexe muito comigo, porque no final ela dá a lição que das coisas ruins a gente tem que escrever na areia pra que se apague, e as coisas boas a gente grava na pedra, pra que nunca se desmanchem. As pessoas ficam emocionadas com a lição, muito boa essa história! (PERI, 2016, grifo nosso).*

No caso de Mafalda, o poema de Cecília denota sentimentos significativos para a contadora; a palavra, enquanto existir, manterá seus autores ou coautores eternizados. Na história citada por Peri, nota-se que a escolha de narrar uma história pode também estar relacionada com a satisfação dos ouvintes “As pessoas ficam emocionadas com a lição, muito boa essa história!”. Valores como perdão e amizade tendem a envolver o público, mas é

principalmente quando essas questões emocionam o contador de história que a plateia se sente envolvida. Para Elisabeth, são as histórias infantis que a fazem se realizar:

Tem uma história, que ela não tem muita relação com a vida pessoal, mas ela me marcou tanto, porque todo canto que eu conto – ela é infantil – as crianças sempre saem comentando dessa história, eles sempre riem. [...] que é uma história que ela repete tanto que eles acham engraçado e eu lembro, a primeira vez que eu contei ela foi lá na Biblioteca Pública e o TV UFC tava lá e aí eles filmaram e eu não tinha visto a opinião dos meninos e aí teve uma menina que disse assim ‘tia, eram muitos gafanhotos, e veio outro gafanhoto e...’ aí ela saiu contando a história e isso me marcou muito (ELISABETH, 2017).

O contador de histórias, ao escolher seu repertório, é movido pela necessidade de adequar suas emoções àquilo que o público deseja escutar. Como afirma a autora Ruth Rocha (2013), contar história é um ato de amor, um momento de intimidade entre o narrador e o ouvinte. Portanto, é importante que o contador de histórias conheça seu público, mesmo que nunca o tenha visto, mas saiba definir os gostos de cada faixa etária e compreender as transformações existentes na sociedade.

Não é segredo que a contemporaneidade se apresenta, paradoxalmente, como uma época em que o cotidiano se divide entre a interação social de indivíduos e o paradigma tecnológico composto por imagens eletrônicas e virtualidades, com uma realidade reconfigurada na interatividade do espaço virtual. Dessa forma, as relações sociais se modificaram, e o tempo para sentar-se na calçada e ouvir uma boa história já não faz parte do cotidiano acelerado do homem pós-moderno.

As novas formas de relações sociais que se estruturam no mundo virtual compreendem grande parte do tempo das pessoas. O sentido de comunidade vai sendo reconfigurado, eliminando, por vezes, o senso de coletividade. Conforme Benjamin (1994), mesmo vivendo juntos, estamos separados pela urbanidade dos espaços e do tempo. A atividade de narrar, segundo esse autor, extinguiu-se na cidade:

...ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história... Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje, por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Orlandi (2001, p.11), ao analisar a narrativa urbana em Cidade Atravessada, diz: “a cidade não tem mais seu contador de história. A narratividade urbana tem outros pontos de materialização”. Para a autora, os novos pontos de materialização seriam as possibilidades midiáticas de acesso à informação, a exemplo disso a televisão, internet, letrados digitais, rádio,

etc. Os contadores tradicionais não encontram nessa estrutura de vida urbana espaço para contar histórias ou recitar poesias nas ruas e praças da cidade.

De fato, na sociedade atual, pouco ouvimos falar do narrador tradicional, visto em alguns casos nas zonas rurais das regiões. Entretanto, o narrador contemporâneo sobrevive a essa nova configuração social e preserva os costumes da oralidade, mediando o passado, presente e futuro. Mais do que isso, ele prolonga a tradição oral, pois, apesar de fazer uso de recursos visuais para sua performance, a força da interpretação ainda está na sua voz.

Independente das formas como o contador urbano se apresenta, o ato de contar histórias estará sempre ligado à coletividade e à memória, ela jamais será uma atividade solitária. Mesmo que registrada nos livros, a história de um povo permanecerá latente na sociedade. É possível que os meios para se levar adiante as narrativas orais precisarão se adequar ao novo público ouvinte.

Na conversa com os sujeitos da pesquisa, notamos a existência de diferentes maneiras de mediar a informação e leitura em tempos de smartphones. Por incrível que pareça, grande parte das ações de Mafalda e Elisabeth giram em torno da socialização da leitura através das tecnologias:

*[...]Como partiu deles mesmos, nós descobrimos que eles tinham canais no **YouTube**, que pegam livros na biblioteca e alguns até pediam, porque lá só pode pegar até três livros por semana, eles diziam: ‘tia mas eu preciso de 5 livros’. Ai eu disse, mas por que você lê tantos **livros**, você lê de verdade? Eu vou começar a pedir pra resumir esses livros pra mim, ‘não, tia, é porque eu tenho um canal’. Então, tendo em vista que temos muitos alunos que têm canais e que partiu deles mesmo essa ideia, criamos o primeiro **encontro de youtubers**, onde eles contam as suas experiências leitoras. Eles contam porque escolhem os livros - eles mesmos escolhem os livros, eles não querem indicação (risos)[...] e dão indicações como se já fossem adultos né. Então ali eles encontram o palco deles pra contar as histórias deles (MAFALDA, 2017, grifo nosso).*

Impressionada com a ação realizada na biblioteca, perguntei sobre os assuntos que eles tratavam nos canais: “*são sobre livros, Mix de séries, mix de livros, tem um que conta também - que viaja muito pra outros países - aí conta das experiências de outros países, dos livros que compra. Mas são todos sobre leitura*”. Esses canais, de acordo com Mafalda, já existiam antes mesmo de sua chegada à biblioteca, na verdade ela oportunizou o encontro dos “Youtubers” como uma maneira de demonstrar que é possível mediar a leitura no âmbito digital.

Perguntamos como ela percebia as ações de mediação de leitura, sobretudo a contação de histórias no cotidiano das crianças e jovens nesse novo contexto:

[...] a questão do contar histórias eu acredito que a tecnologia ela propicia, porque quando você vai pro facebook, querendo ou não, você está lendo as histórias da vida dos outros. Você está ouvindo todas aquelas histórias e as crianças ao mesmo tempo, elas me mostraram isso: “não, tia, a gente vinha aqui, pegava o livro, mas a gente queria contar pros amigos”. Então eles não se reuniam na rodinha como antigamente, que sentavam ao redor de uma fogueira, toda uma questão tradicional, eles foram para uma outra fogueira, que era o YouTube, né, a fogueira dos dias de hoje (risos) (MAFALDA, 2017).

Assim como um contador de histórias que busca emocionar, divertir ou simplesmente entreter o público, esses jovens “youtubers” buscam chamar a atenção do máximo de seguidores em seu canal. *“[...] são um grupo de quase 10 alunos, que realmente são assíduos que tem canais e vão toda semana me dizer se tem mais inscritos ou não (risos), porque eles têm a meta pra bater dos inscritos”* (MAFALDA, 2017). Portanto, selecionam seu repertório pensando no público internauta, mas gerando uma espécie de personalidade leitora, de acordo com seus gostos pessoais. De fato, não deixam de se valer da oralidade, ainda que usando um recurso midiático *“[...] e lá eles contam, usando o livro realmente, pegam, abrem o livro e vão contando a história”* (MAFALDA, 2017).

Mafalda coloca em prática no seu cotidiano profissional o que Bortolin e Almeida Júnior defendem como ações cruciais para o desenvolvimento de atividades no âmbito da educação *“[...] propiciar ao leitor o envolvimento com o texto em sua completitude e, quando possível, levá-lo a compartilhar o que foi lido com outros leitores (professores e colegas)”* (ALMEIDA JUNIOR; BORTOLIN, 2009, p. 211).

O mesmo fato ocorreu no depoimento de Elisabeth que, de modo despretensioso, antes mesmo de saber dos objetivos da pesquisa em conhecer essas ações de mediação de leitura no contexto atual, ela nos falou sobre um projeto desenvolvido na escola, tendo por base um movimento gerado nas redes sociais da frase “Eu me chamo Antônio”. *“Então a gente criou como se fosse um mural, eles chegavam e escreviam mensagens, uma coisa bem linda. E a gente viu a participação porque eles gostavam, deixavam recado pro colega, mandava num sei quem ir olhar e ficava aquela troca”* (ELISABETH, 2017).

Além dessa ação, Elisabeth, falou sobre uma atividade denominada “selfie book” como forma de divulgar os livros da Biblioteca. De acordo com a contadora, os alunos escolhem aquele livro que mais lhe representam e fazem uma *selfie* que será postada na página do Facebook da biblioteca. Por outro lado, diferente de Mafalda, ela nota que as tecnologias estão cada vez mais interferindo nos momentos de escuta das narrativas.

Em relação ao ouvir histórias, nessa questão de nós contadores de histórias, essa coisa de parar pra ouvir, eu acho que atrapalha. Porque você percebe que querendo ou não, pra eles o celular é muito atrativo, as mídias sociais elas são muito atrativas

e por não conhecer também essa outra visão, dessa questão do mundo mágico da leitura e da contação de histórias, eu vejo que tem uma certa barreira (ELISABETH, 2017).

Diante do fato de Elisabeth estar em constante contato com as crianças, suas performances já estão tornando-se habituais. Por isso ela acredita que, neste momento, é necessário intervir e convidar outros profissionais para intercalar com suas ações. “*Eu acho que você tem que trazer esse momento pra eles, que eles meio que esqueçam desse momento de mídias sociais e curtam aquele momento de contação de histórias*” (ELISABETH, 2017).

Enquanto isso, Maria, embora ainda não esteja desenvolvendo ações que explorem as tecnologias no âmbito da leitura, acredita que essa tem ajudado no desenvolvimento da contação de histórias:

[...] eu acho que hoje os grupos de contação de histórias estão em alta, quando a gente faz uma pesquisa na internet sobre grupo de contação de histórias, existem vários tipos [...] eu acho que inclusive eles podem ajudar, você tá fazendo uma contação de histórias e de repente você coloca um vídeo que tenha a ver com aquela história, um vídeo no data show, já coloca uma música durante a contação, enfim eu não considero que a contação tenha ficado para trás, eu acho que as narrativas orais elas tem que sofrer uma alteração[...]. Os contadores de histórias eles precisam acompanhar o crescimento, até porque as crianças de 20 anos atrás não são as mesmas de hoje (MARIA, 2017).

É interessante destacar, na fala dos bibliotecários narradores, a consciência da importância do uso das novas tecnologias de comunicação e informação (TIC) para leitura. Presenciamos, atualmente, o aparecimento de novos espaços de escrita e novos gestos de leitura na era digital, onde o leitor dispõe de mais dispositivos para ler e de mais modos de fazê-lo do que em épocas anteriores. Antes de ser visto como um ponto negativo, esses espaços possibilitam ainda mais a democratização da informação. Sobre isso, Santaella (2004, p.36) ressalta:

Fora e além do livro, há uma multiplicidade de modalidades de leitores. Há o leitor da imagem, desenho, pintura, gravura, fotografia. [...] A essa multiplicidade, mais recentemente veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica, o leitor da escritura que, do papel, saltou para a superfície das telas eletrônicas. [...] hoje, esse leitor das telas eletrônicas está transitando pelas infovias das redes, um novo tipo de leitor, imersivo, que navega nas arquiteturas líquidas da hipermídia no ciberespaço.

Durante a escuta dos relatos, foi possível entrever ações de mediação de leitura integradas ao novo contexto mediado por mídias digitais. Entretanto, apesar de realizarem atividades de mediação de leitura através das mídias sociais, as contadoras de histórias quase nunca estão usando recursos midiáticos para sua performance. Em alguns momentos, ainda

divulgam fotos e vídeos em seus perfis, mas quase sempre utilizam as mídias sociais da biblioteca.

Para finalizar nossa conversa acalorada por histórias, memórias e recordações de um passado tão presente na vida desses narradores, abrimos espaço para que eles falassem, narrativamente, sobre o papel da leitura/valor da leitura na vida pessoal, na formação profissional e na prática:

Bem, a leitura ela tem um papel importantíssimo, acredito que na vida de todas as pessoas, não só eu como bibliotecária ou como profissional da educação, em todas as áreas, a leitura ela é essencial, é através da leitura que a pessoa amplia o seu vocabulário, ela se expressa melhor, ela tem argumentos numa conversação, ela sabe se posicionar perante ao público [...] (MARIA, 2017).

É uma coisa que eu estou fazendo todo dia. E eu acho interessante que as pessoas que convivem comigo não só percebem como eu vejo que eu incentivo indiretamente, eu não chego: Ah, lê esse livro, eu começo a contar e aí as meninas ficam tão encantadas que pedem logo emprestado. Porque o prazer que a gente tem a gente transmite para outras pessoas, eu acho que além de mudar minha vida, a gente tá mudando quem está ao redor da gente, então é uma coisa assim muito importante (ELISABETH, 2017).

É notório, na voz das narradoras, o entendimento da importância da leitura, principalmente quando Maria relata as possibilidades de crescimento pessoal e profissional quando nos tornamos leitores. Acrescento, ainda, que nunca é tarde para essa formação ocorrer e engana-se quem pensa que alfabetizar-se é aprender a ler. Maria é o exemplo de uma menina que se constituiu como leitora tempos depois que aprendeu a ler, durante sua formação profissional.

Elisabeth, sempre com o entusiasmo de levar adiante aquilo que acredita, os sonhos da menina que mergulhava nos encantos de Nárnia e que hoje percebe a importância de transmitir isso para as pessoas. Assim fizeram os seus avós, que mesmo sem compreender os códigos linguísticos entendiam a leitura para além de registros escritos.

O jovem Peri, que desde cedo buscou meios de ajudar a família, através da sua arte tornou-se um narrador profissional, apresentando-se não só como contador de histórias, mas escritor, um poeta narrador.

A leitura na vida de Mafalda foi algo que perpassou em todos os estágios de sua vida, ainda novinha quando não entendia o motivo de ir toda semana à biblioteca; quando aprendeu a ler e descobriu as possibilidades inventivas a que essa prática poderia conduzi-la; na vida acadêmica, ao se deparar com a possibilidade de externar o amor pelas histórias sempre tão sonhadas como nos contos de fadas que ouvia na infância; e na prática profissional, onde leva consigo todas as memórias de um tempo rodeado de leituras, causos, contos de fadas.

Ao longo das entrevistas, os narradores foram percebendo o que lhes era

fundamental para enveredar na prática de mediação de leitura, o que também oportunizou o autoconhecimento, sentimentos que levarão sempre consigo quando estiverem diante dos seus ouvintes ou no palco da vida.

Assim, não existem fórmulas para tornar-se um contador de história, nem tampouco um dom, como muitos chegam a dizer; é preciso, acima de tudo, ter oportunidades de conviver com essa prática, seja durante a infância ou na formação profissional.

6

INTERROPEMDO A LEITURA:
a história não terminou

“

Rubi? Você, disse Rubi?

Perguntou o contador de histórias! Então não era só uma lenda, havia de fato uma princesa. O contador de histórias ouviu a princesa atentamente e ela sentia voltar o brilho da alegria em sua alma, os dois atravessaram a ponte de mãos dadas num silêncio profundo, silêncio que já dizia tudo, era como em um conto de fadas e eles iriam vive-lo. Casaram-se por fim, o contador de histórias e a princesa numa cerimônia muito simples, sem muitos blábláblás. Os dois tiveram muitos filhos e passaram mais de mil e uma noite, contando todas as histórias que traziam na cachola.

FIM?

(A caixa misteriosa do Contador de Histórias. Sérgio Palmiro Serrano)

6 INTERROMPENDO A LEITURA: a história não terminou

A possibilidade de conhecer as histórias de vida desses personagens foi um rememorar de momentos vividos, sentidos, que aos poucos foram se misturando com as minhas lembranças. O desejo de apresentar todas as memórias desses narradores não me permitiria finalizar a pesquisa, por isso busquei selecionar as passagens mais representativas, que pudessem demonstrar o sentimento que vivi ao ouvir cada relato e pedaço de lembrança.

Em alguns momentos, tive que segurar a emoção, pois à medida em que eles narravam suas histórias, eu me percebi dentro delas, fazendo parte de suas escolhas, de suas referências. Ao mesmo tempo, eu me encobria com a máscara do pesquisador ingênuo que acreditava que nada poderia afetar a sua postura imparcial.

Aos poucos, pude conhecer, através das memórias leitoras dos bibliotecários, suas histórias de leituras, a partir da rememoração de fatos que representavam total relevância para a prática literária por eles exercidas. Ao adentrar em suas histórias, foi possível constatar a presença de mediadores sociais de leitura em suas trajetórias de formação, perpassando, pois, o objetivo de conhecer a influência desses sujeitos para a aproximação e afastamento do leitor do texto literário em diversas fases da caminhada. Revelou-se, ainda, que o bibliotecário é um personagem imprescindível para o processo de mediação da leitura literária.

Do relato das memórias de leitura dos interlocutores, emergiram vozes, imagens, gestos e olhares de pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte destes momentos de construção leitora. E, facilmente, notamos o quanto os mediadores de leitura constituem figuras necessárias na vida de um sujeito leitor em construção. Demonstrou-se, pois, que as experiências de leitura dependerão, portanto, das relações pessoais e verbais vivenciadas na trajetória de vida.

A presença dos mediadores sociais de leitura na vida desses contadores de histórias demonstra grandes efeitos no modo em como eles lidam com a leitura, não só na vida pessoal como também na profissional, evidenciando, assim, que o papel do mediador é fundamental para o processo de aprendizagem literária, por propiciar, por meio de uma rede de sociabilidades, o acesso e contato com o texto escrito.

Esta pesquisa também nos possibilitou refletir sobre a necessidade de dar “voz” aos futuros bibliotecários para, assim, compreendermos melhor o significado de seu processo de formação, um processo que perpassa a história de vida do sujeito constitutivo pela interação social, pois “somos atravessados por uma permanente intersubjetividade, quer queiramos, quer não” (YUNES, 2009, p. 33).

A participação da família fora fator preponderante para o acesso à leitura e contato com o texto literário na infância da maioria dos depoentes. Ao enveredar pelas memórias de Peri e Mafalda, percebemos que suas mães exerceram e exercem um importante papel na promoção do contato com as histórias. Não somente no exercício leitor, como também no de escritor.

A biblioteca escolar constituiu-se como mediador institucional do acesso ao livro, pois, conforme mencionado pelos respondentes, suas famílias não tinham condições econômicas para comprar livros. Por outro lado, não havia a figura de um sujeito que mediasse a leitura nesses espaços, um bibliotecário ou professor que promovesse não só o contato com o livro, mas a sensibilização para com a leitura. Acima de tudo, que apresentasse o prazer das leituras despreocupadas, desprovidas de exigências escolares, só pelo desejo e amor pelas histórias.

Dessa forma, o interesse pela leitura ocorreu através das ações e iniciativas de outros mediadores sociais, tais como a família, especialmente a mãe e avós que contavam histórias. O que nos fez constatar que o relacionamento com a leitura se institui antes mesmo do conhecimento das letras.

Entretanto, diferente dos demais depoentes, Maria, nossa quarta interlocutora, descobriu o gosto literário durante a graduação, através da participação em projetos de extensão. Como fazia parte do ofício do contador narrar histórias infantis, ela se viu encantada pelos personagens e histórias. Sempre carregadas por encantos, sonhos e magias que a vida adulta nem sempre a proporcionava. Quando criança, Maria não teve o incentivo dos familiares para ler; ela foi se descobrindo nessa prática aos poucos, por isso os contos infantis não fizeram parte do seu tempo de menina.

Foi nos projetos de extensão que os interlocutores da pesquisa conheceram pela primeira vez as possibilidades de mediar a leitura e o papel do bibliotecário como facilitador dessa aprendizagem. Sobretudo através da figura de um contador de histórias, artista orador que emprestava sua voz para entreter e incentivar o gosto pela literatura. Ainda que não tivessem estudado propriamente nas disciplinas sobre como mediar a leitura, eles conheceram isso nas vivências externas à universidade. Isso demonstra que essas ações, aliadas ao ensino e à pesquisa, possibilitam outros modos de formação e compreensão do fazer biblioteconômico.

Ao perguntarmos se as mudanças ocorridas nos últimos anos poderiam acarretar no desaparecimento dessa arte, os narradores trouxeram uma perspectiva diferente do que muitos acreditam. Para eles, o grande diferencial está na oportunidade, seja de ter acesso às bibliotecas,

de ouvir histórias, de participar de grupos de leitura, toda relação com a leitura deságua nas oportunidades que o sujeito terá para relacionar-se com a leitura.

Durante a escuta dos depoimentos dos entrevistados, também pudemos entrever as transformações na performance do contador de histórias contemporâneo. Nota-se que a nova conjuntura social, permeada por interatividade e comunicações mediadas por tecnologias, exige que o contador de histórias tenha o domínio de técnicas corporais, sabendo se utilizar de expressões faciais e corporais para dar mais vida aos personagens e à narração. Além disso, deve buscar o emprego de novos artifícios do ato de narrar, usando adereços e complementos que torne essa ação mais divertida, já que concorrer com dispositivos de comunicação em rede está ficando cada vez mais difícil.

Por certo, apesar das transformações sociais ocasionadas por novas formas de comunicação, o contador de histórias ressurgiu como uma figura urbana, que sobe nos palcos, usa artifícios, mas que não perdeu a força do olhar, da expressão e da tradição oral. Seu veículo transmissor de conhecimento continua sendo a voz, marcando cada momento de emoção da história e revelando as intenções do narrador.

Dessa forma, a perspectiva de Benjamin (1985), ao concluir que a arte narrativa é rara e que está “em vias de extinção” devido à difusão da informação, parece não se confirmar de modo absoluto atualmente. O momento é outro, distante daquela década de 30 do século passado, quando W. Benjamin refletia a narração oral. A tradição oral está se atualizando através do corpo e voz de novos contadores de histórias. “Como a Fênix, o narrador ressurge no cenário contemporâneo. E, se ressurge das cinzas de uma modernidade que dispensou seu serviço, é da necessidade dos sobreviventes dessa mesma modernidade que ele tira seu vigor” (MATOS, 2005, p. 99).

Desse modo, na procura por manter esses sobreviventes, o narrador contemporâneo busca formar-se através de oficinas, aprende o domínio de técnicas corporais, constrói seu repertório através da seleção de livros, cria performances artísticas bem elaboradas, usa as redes sociais para o registro do próprio trabalho, posta no Youtube que, por sua vez, torna-se fonte para outros contadores de histórias. Além disso, há também uma proliferação de sites e blogs na Internet, com o intuito de divulgar contadores, eventos, comercializar produtos e possibilitar fóruns de discussão. Dessa forma, convive com os elementos da Cibercultura e se apropria de suas possibilidades na tentativa de aliar sua prática com o moderno.

Nesse processo de transformação da arte de contar histórias, percebemos, assim, a mudança do narrador, antes visto como guardião do conhecimento, detentor de experiências e sabedorias, um líder que dominava a oralidade e a manipulação de gestos, para a chegada de

um novo contador de histórias que possui o mesmo dom e sentimento para com a narração, mas convive com outras formas de comunicação e registro de informações.

A partir das leituras e análises realizadas, concluímos que o contador de histórias é um artista peculiar, que possui características intrínsecas ao seu fazer, por isso o distancia da arte cênica, teatralizada por atores. O narrador usufrui do privilégio de poder escolher o seu papel, a sua fala, a sua história e o fim dela. Ele precisa da voz para surpreender os seus ouvintes e do olhar para envolvê-los naquilo que acredita. Apesar do palco, do figurino, das luzes, músicas e toda a produção de um espetáculo, a contação de histórias jamais perderá o vínculo com a magia literária, pois não se faz essa arte sem percorrer as linhas infinitas do saber. Não é apenas um papel a ser dramatizado, é uma história a ser vivida, contada e recontada.

Ademais, apesar de não fazer parte de nossos objetivos, sinalizamos a necessidade de maior atenção nos cursos de graduação em Biblioteconomia sobre a trajetória de vida, especialmente a história de leitura dos seus alunos. Como também a sugestão de incorporarem aos estudos as práticas de mediação de informação e da leitura, para que, aos poucos, os futuros bibliotecários possam se reconhecer e ser reconhecidos como seres sociais difusores de leitura.

A partir desta dissertação foi possível revelar a importância de mediadores em todo o processo de formação do sujeito leitor. Mais do que isso, a pesquisa nos fez constatar que o Bibliotecário é um dos personagens primordiais para a aproximação ou afastamento do usuário e da leitura. Entender que a presença de mediadores sociais de leitura intercambiou o processo de formação desses jovens contadores de histórias é demonstrar que eles também podem interferir na história de leitura de outras pessoas – já estão interferindo.

Entretanto, antes de exigirmos do bibliotecário atitude para formação leitora, é imprescindível levarmos em consideração de que forma esse profissional conviveu com as leituras durante toda a sua formação. Pois não basta apenas a realização de atividades integradoras de incentivo à leitura, mas é preciso gostar da leitura e acreditar no seu potencial transformador. “Somente um leitor efetivo, entusiasmado e convicto pode assumir o desafio de formar outros leitores emancipados, críticos e sensíveis, envolvendo toda a comunidade e contribuindo para mudar a realidade” (RASTELI; CAVALCANTE, 2013, p.169).

Hoje, é compreensível conceber que a presença de um mediador durante a minha infância, na vivência nos projetos de extensão, além de em outras disciplinas cursadas na faculdade, possibilitou o contato com essa arte e o entendimento do papel social do bibliotecário. O contato com a mediação de leitura durante a formação em Biblioteconomia me fez compreender os caminhos que levam o bibliotecário para o âmbito social. Sem isso,

tampouco saberia entender a importância do seu trabalho enquanto agente socializador de informação.

Esperamos com esta pesquisa contribuir para o desenvolvimento da pesquisa social no âmbito da Ciência da Informação, pois demonstramos que pequenas ações realizadas por uma parcela de profissionais formados em biblioteconomia podem fazer a diferença na vida de milhares de crianças. É preciso ainda que mais pesquisas possam demonstrar a importância de incluir ações socializadoras da leitura nos cursos de Biblioteconomia, a fim de garantir que esses profissionais se sintam responsáveis, assim como a família e a escola, em garantir a inserção do sujeito no universo leitor.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fani. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. O leitor competente à luz da teoria da literatura. **Revista TB**, n. 124, p. 23-24, jan./mar. 1996.
- ALMEIDA JUNIOR, O. F.; BICHERI, A. L. A. O. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Revista Ribeirão Preto**, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013.
- ALMEIDA JÚNIOR. O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa brasileira em ciência da informação**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica**: na formação do profissional da informação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p.33-35.
- BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura**: a voz do bibliotecário lendo ou narrando. 2010. 233f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário. In: _____. **O reencantamento do mundo**: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário. São Paulo: Polis, 2002.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção palavra da gente; v. 1).
- BARROS, Maria Helena Toledo da Costa; SILVA, Rovilson José da Silva; BORTOLIN, Sueli. **Leitura**: mediação e mediador. São Paulo: Ed. FA, 2006. 160p.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte da era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 59
- BENTES PINTO, Virginia. Interdisciplinaridade na Ciência da Informação: aplicabilidade sobre a representação indexal. In: PINTO, Virginia Bentes; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; SILVA NETO, Casemiro. (Org.). **Ciência da Informação: abordagens transdisciplinares** gêneses e aplicações. Fortaleza: Edições UFC, 2007, v. 1, p. 105-142.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo como espírito. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Duração e simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOSI, Alfredo (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Pesquisa Retratos da leitura no Brasil**. Instituto Pró-Livro. 2015. Disponível em:
<<http://www.publishnews.com.br/estaticos/uploads/2016/05/zPurbYyLtHcyykd8onwpYk7qz6lopAWUYdDIHbLRAKy1FQWdCNf64T4VIOIZAP7BUJAxYsxkbY73VaWp.pdf>>.
Acesso em: 19 de mai. de 2016.

BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no Século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

_____. **Narrando histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 132 f. 2005. Dissertação (Mestrado em literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

_____. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

BORTOLIN, S. **Mediação oral literária**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CARDINI, F. **A memória coletiva no pensamento de M. Halbwachs**. /Conferência proferida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 10 de novembro de 1993.

CAVALCANTE, L. E.. Leitura, Memória e Afeto. O POVO, Fortaleza, 17 abr. 2004.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia; SILVA NETO, Casemiro. **Ciência da informação**: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações. Fortaleza: UFC, 2007. p. 105- 142.

CAVALCANTE, Lidia Eugênia. Bibliotecas Autogeridas e participação comunitária. In: CAVALCANTE, Lidia Eugênia; ARARIPE, Fátima Maria Alencar (Orgs). **Biblioteca e Comunidade: entre vozes e saberes**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. Introdução In _____. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da liberdade, 1996. 268p.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CHAUI, Marilena. A memória. In: _____. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2006. 13. ed. Cap. 3, p. 138-142.

_____. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo. nº 24. p. 5-15. 2005

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

COENTRO, Viviane Silva. **A Arte de contar histórias e letramento literário**: possíveis caminhos. 2008. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Departamento de Institutos de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000433074&fd=y>> Acesso em: 10 de mar de 2016.

DAVALLON, Jean. **A mediação**: a comunicação em processo? Prisma, n. 04, p. 3-36, jun/2007. Disponível em:
<http://prisma.cetac.up.pt/A_mediacao_a_comunicacao_em_processo.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016.

DELGADO, L.A.N. **História oral, memória tempo e identidades**. 2ª edição. Belo Horizonte – MG: editora autentica, 2010.

_____. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Dossiê**. n. 6, p. 9-25, 2003 Disponível em
<https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf> Acesso em: 10 dez de 2015

DUARTE, A. B. S. Mediação da informação e estudos de usuários: inter-relações. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 3, n.1, p. 70-86, jan./jun. 2012.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização**: leitura da palavra leitura do mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

_____. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1984.

FERREIRA, Maria Mary. Bibliotecário mediador de leitura e de práticas culturais em comunidades vulneráveis. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**. Rio Grande do Sul, v. 20, n.2, p. 130-145, 2014.

GASQUE, K. C. G. D. **Letramento Informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Unb, 2012.

GOMES, H. F. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). **Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.3, n.1,p.85-99, jan./dez. 2010

GUARALDO, T. de S. B.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, informação e conhecimento: notas sobre a leitura de jornal. In: VALENTIM, Marta L. P. (Org.) *Gestão, mediação e uso da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JOUVÈ, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da linguagem. 5. ed. Campinas-SP: Pontes, 1997.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: Muitas Dúvidas, Poucas Certezas E Uma Proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil**. Série Eventos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

LANG, Alice B. da S. G; CAMPOS, Maria Christina S. de S.; DEMARTINI, Zeila de B.F. (Orgs.). **História oral, sociologia e pesquisa: a abordagem do CERU**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2010.

LARROSA, Jorge. **La experiencia y sus lenguajes**. 1999. Disponível em: <http://www.me.gov.ar/curriform/publica/oei_20031128/ponencia_larrosa.pdf>. Acesso em 21 mar de 2016.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. In: **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História(17)**. São Paulo: EDUC, 1981.

LOZANO, J.E.A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Editora Objetiva. Rio de Janeiro. 2002

_____. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. Martins Fontes. São Paulo, 2005.

MALHEIRO, Armando. Mediações e mediadores em Ciência da Informação. **Prisma.com**, n. 9, 2010. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/Prisma.Com_n9-Mediacao_e_mediadores_em_Ciencia_da_Informacao.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016

_____. Inclusão Digital e Literacia Informacional em Ciência da Informação. **Prisma.com**, n. 7, p. 16-43, 2008. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25490/2/armandomalheiroinclusao000101504.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2016

MALHEIRO, A.; RIBEIRO, F. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2011.

MARTINS, H. H. T. Metodologia da pesquisa qualitativa. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto: 2007.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1979.
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e memória**: algumas observações, 2011. Disponível em: <http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2015.
- NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, p. 7-28, dez, 1993.
- OLIVEIRA, M K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento : um processo sócio-histórico. São Paulo: Editora Scipione, 1991.
- ORLANDI, E.P. Trilhas e troços: o flagrante urbano. In ____ **Cidade Atravessada. Os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.
- OTTE, M. W. A magia de contar histórias. **Instituto Catarinense de Pós-graduação**. Disponível em: <http://www.icpg.com.br>. Acesso em 25 jan 2011.
- PATRINI, M. de L. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.
- PAVIS, Patrice. **A Análise dos Espetáculos**. Editora Perspectiva, São Paulo: 2010
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- PETIT, Michéle. **A arte de ler. Ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Buenos e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008
- PORTAL BRASIL. **Portal Brasil resgata entrevista com Rubem Alves**. Disponível em :< <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/07/portal-brasil-resgata-entrevista-com-rubem-alves>>.
- PROLER. Disponível em:<<http://www.bn.br/proler/>>. Acesso em: dez. 2015.
- QUEVEDO, Hercílio. Ler é nossa função essencial (ou não?). In: **Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca**. Passo Fundo, RS. UPF editora, 2002.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugênia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v.18, n. 36, p.157-180, jan./abr.,2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000012622&dd1=ab58b>> . Acesso: 18 abr. 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, Ruth. **Canções, parlendas, quadrinhas para crianças novinhas**. Editora Salamandra, 2013.

RÖSING, Tânia M. K; TUSSI, Cássia R. **Programa Bebelendo: uma intervenção precoce de leitura**. São Paulo: Global, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTAELLA, Lúcia. **A leitura fora do livro**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

SANTO AGOSTINHO, **Confissões**.Covilhã: Lusosofia:press, 2008.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Memória Coletiva e Teoria Social**. 2a ed., São Paulo, Annablume, 2012.

SANTOS, B. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, São Paulo: Papirus,1986.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de narrar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SOUZA, E.C.de (Org.). **Autobiografias, História de Vida e Formação: pesquisa e ensino**. Salvador/Bahia: EDUNEB - EDIPUCRS, 2008.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.

THOMSON, Alistair. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

TONELLO, I. M. S.; LUNARDELLI, R. S. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Palvaras-chave: possibilidades de mediação da informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.6, n.2 ,p. 21-34, 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4524/4552>>. Acesso em: 3 de abr. 2016.

YUNES, Eliana. **Pensar a leitura**: complexidade. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Ciadas letras, 1993.

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTUTURADA

OBJETIVO GERAL: Visa analisar as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias formadas ao longo de sua trajetória de vida familiar, escolar, acadêmica e profissional, avaliando se possuem relação com suas práticas enquanto mediador de leitura, sobretudo nas bibliotecas públicas e escolares.

ESQUEMA NORTEADOR 1: Memórias Leitoras: experiências de leitura

Para iniciar nossos trabalhos, vamos conversar sobre leitura na vida pessoal e profissional do Bibliotecário Contador de Histórias. Assim, este primeiro momento de nossa entrevista é reservado para você colocar suas impressões gerais sobre esta prática social que é a leitura.

Revisite suas lembranças mais remotas (antes mesmo de ingressar na escola) e conte-nos sobre:

- a) Como tudo começou: Vestígios de leitura/narrativas orais que marcaram sua vida e sua memória.
- b) Que momento de sua infância você considera como precursor de seu gosto e interesse pela leitura? Que sujeitos (mediadores) participaram deste momento?
- c) Seu primeiro contato com livros (como aconteceu)
- d) Tipos de leitura que praticava na infância
- e) Quais suas experiências mais significativas com a leitura:
Na escola; Na Biblioteca
Na Universidade (ou faculdade);
- f) Como se constitui o seu cotidiano leitor?

Comente, narrativamente, sobre leituras de livros que marcaram sua vida pessoal e profissional:

- a) Na infância.
- b) Na adolescência/juventude.
- c) Na vida profissional.

ESQUEMA NORTEADOR 2: Memórias Leitoras: formação profissional**Disciplinas/projetos/pessoas que incentivaram na mediação ou na escolha profissional**

Na prática de Contador de Histórias; no exercício como bibliotecário;

Na vida, em geral.

a) Você acredita que o curso de Biblioteconomia contribuiu para sua atuação enquanto mediador de leitura?

b) Papel da leitura /Valor da leitura na vida pessoal, na sua formação profissional e na prática.

ESQUEMA NORTEADOR 3: Memórias Leitoras: Mediação da Leitura

1 - De que maneira você realiza ações de mediação de leitura no campo de atuação profissional?

2 – Diante da atual conjuntura social, mediada por aparatos tecnológicos e mídias sociais, como você percebe as ações de mediação de leitura, sobretudo a contação de histórias, no cotidiano das crianças e jovens nesse novo contexto?

3 – Você utiliza as Tecnologias da Informação e Comunicação no seu exercício de contador de histórias?

4 – Na prática enquanto contador de histórias que artifícios você utiliza para chamar a atenção dos ouvintes? Como se constitui a sua performance?

Comente, narrativamente, se você possui alguma história que gosta muito de contar e se esta possui relação com sua vida pessoal.

APÊNDICE B - CARTA DE AUTORIZAÇÃO E USO DAS ENTREVISTAS

Autorizo a pesquisadora Laiana Ferreira de Sousa a utilização, a divulgação e a reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados e cedidos por ocasião da entrevista para a elaboração de trabalhos acadêmicos junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, cujo objetivo consiste em (res)significar a memória leitora e a prática de mediação de leitura de bibliotecários contadores de histórias.

A pesquisadora Laiana Ferreira de Sousa sob a orientação da Profª Drª Izabel França de Lima, poderão, a qualquer momento, utilizar, divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (Internet); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que vai por mim datada e assinada.

Nome:		
Endereço:		
Cidade:	Estado:	CEP:
RG:	CPF:	
Telefone:	Celular:	
E-mail:		

Fortaleza, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do entrevistado

Testemunhas:

1. _____
2. _____

ANEXO A – Entrevista com o Contador de Histórias Peri

ESQUEMA NORTEADOR 1: Memórias Leitoras: experiências de leitura

Para iniciar nossos trabalhos, vamos conversar sobre leitura na vida pessoal e profissional de um Bibliotecário. Assim, este primeiro momento de nossa entrevista é reservado para você colocar suas impressões gerais sobre esta prática social que é a leitura.

Revisite suas lembranças mais remotas (antes mesmo de ingressar na escola) e conte-nos sobre:

a) Como tudo começou: Vestígios de leitura/narrativas orais que marcam sua vida e sua memória.

Bom, nesse caso, devo pensar na minha família ne. Na minha família sempre tinham os tios que gostavam de contar algumas histórias, ne, porque realmente eles falavam muito nisso, a gente se reunia, conversava nas calçadas ne, então acredito que na infância eu sempre prestava atenção nos mais velhos ne, então dessa parte eu acredito que oralidade realizada pela parte da família nos encontros com os familiares pode trazer pra mim esse desejo de conhecer as histórias. Minha mãe sempre gostou muito de escrever, de ler ne, a formação dela vai até digamos o grau técnico ne, e ela sempre incentivou a leitura, sempre trouxe pra mim revistas, livros, jornais ne, e ela também ler em casa ne, e agora com a atuação do celular também que ela ta ganhando, também ta lendo bastante na internet ne. Então acho que, uma das coisas também importantes é que ela gostava muito de escrever, então isso também recaiu sobre a minha conduta ne, e vocês sabem que quem precisa escrever tem que primeiramente ler bastante ne, para poder ter um bom vocabulário, e eu acho que foi assim o exemplo que ela me deu ne, através da leitura como da escrita ne, repassou para mi. (Sentimento de devoção)

b) Que momento de sua infância você considera como precursor de seu gosto e interesse pela leitura? Que sujeitos (mediadores) participaram deste momento?

Bom, no caso, eu acredito que primeiro o momento foi quando eu ganhei algumas revistinhas em quadrinhos ne, são revistas da turma da Mônica, que minha mãe sempre comprava para mim ne, acredito que as revistinhas eram mensais ou semanais, então através das revistinhas eu fui começando a ler e ao mesmo tempo eu pude também aprender a desenhar, que eu reproduzia alguns personagens ne, e daí criava histórias, além disso eu acredito no papel da minha mãe ne como precursora ne, é como mediadora para mim, trazendo essas revistas ne, e me ensinando incentivando a ler as revistas e além disso lembra também da escola ne, o nome da escola é ate engraçado que é a casinha feliz, lá também tinha uma biblioteca e a gente tinha que pegar livro semanalmente, então somando esses três fatores ne, acredito que influenciaram decisivamente, no ato de leitura, de gostar de leitura, e outras coisas mais relacionadas a literatura.

Na escola

Mas na escola tinha biblioteca, eu tinha chance de ter acesso à livros de boa qualidade gratuitos, Eu lia através da escola, e em casa eu recebia o incentivo, então os dois se complementavam nessa questão.

c) Tipos de leitura que praticava na infância

Bom, como eu falei também tinha na escola ne, então eu gostava muito de ler os livros da Ruth Rocha, até me lembro bastante um deles que eu até contei histórias depois, que é o Piquenique do Katapimba, muito bom! (Grande entusiasmo) Então esses livros eu tinha sempre alcance nas escolas, não era comumente que eu ganhava livros, ganhava mais revistinhas, revistas de pintar e tudo, mas os livros eu tive contato mais na escola, na infância.

d) Como se constitui o seu cotidiano leitor?

Bom, de manhã eu já estou lendo na parada então eu sempre ando com um livro ne, dentro da minha mochila, da bolsa ne, então eu to sempre lendo alguma coisa, principalmente agora que eu estou escrevendo, to lendo sobre literatura de fantasia, mas aos poucos também eu vou lendo crônicas, contos, porque traz as influências tanto do trabalho quando alguém na biblioteca, um usuário indica um livro também ou até mesmo como aparece alguns concursos culturais ne, e eu tenho que ler contos, crônicas, poesias pra participar, além disso tem a contação de histórias ne, que a gente também tem que ta lendo literatura infantil ne, e outras literaturas pra poder contar uma boa história pras crianças, além disso no trabalho a gente ler jornais ne, então a gente precisa ta sempre atento aos periódicos e a gente traz hoje atualmente a literatura que a gente foca também na área digital, a gente ta lendo no celular, no computador, então a gente ler notícias ler uma informação, é também uma informação que possa ajudar algum usuário ne, com informação utilitária, então realmente a gente ta lendo de todas as formas e a última que eu não poderia negar, a gente tem que aprender a ler as pessoas, que a gente ta sempre lendo o que é que elas querem nos dizer, em sentimentos sensações, que também é muito importante pro nosso trabalho e pra nossa vida.

CONTEXTO SOCIAL

Bom, antigamente ne,(rsrs) é até engraçado dizer antigamente, porque pra mim parece que foi ontem ne, que a gente lembra assim na memória, mas no caso a vida não era muito fácil ne, (pausa) como pode saber meus pais ganhavam um salário, então eram assalariados ne, então não tinha recursos assim, pra ficar investindo toda hora em cultura em lazer, literatura ne, tanto é que eu brincava muito mais na minha rua, do que sair propriamente dito pra visitar uma biblioteca ou um museu um teatro, um cinema. Presenteado pelos tios com livros. Hoje a realidade é mais diferente, hoje temos mais possibilidades.

• Comente, narrativamente, sobre leituras de livros que marcaram sua vida pessoal e profissional:

a) Na infância.

Ruth Rocha, O pequinique do Katapimba, ele não tem muitas palavras, mas as imagens dele eram muito importantes, e como a gente sabe a gente pode ler através das imagens e aquelas imagens que passavam a questão de que dois grupos ficavam sempre brigando e no final eles ficavam amigos, era uma grande lição pra mostrar que a amizade, a bondade, a humildade, o perdão, podem ficar na vida da gente.

b) Na adolescência/juventude.

Eu gostava muito de ler aquela coleção do Vagalume ne, então eu comecei a ler contos, suspenses ne, e romance policial. Tem meu autor preferido que é Marcos Reis, ele é de SP ele é um ótimo autor, ele foi muito premiado ne, e eu consegui ler todos os livros dele, no máximo acho que ficou faltando quatro ainda, que eu ainda vou procurar pra encontrar, mas ele influenciou bastante que me fez ate escrever, então eu acredito que esse autor, no modo que ele escrevia para os adolescentes ne, numa coleção pensada para os adolescentes, ele realmente me ajudou a entender muitas coisas na fase da adolescência ne, entre as relações com as pessoas, com os pais, namoro, vida profissional, o primeiro emprego, então ele foi realmente um guia pra mim e eu gosto muito da literatura dele e hoje ainda coleciono os livros dele.

c) Na vida profissional.

(tom de graça) A gente não pode deixar, rsrs, também de pensar nos livros que a gente teve que ler, tanto na faculdade, alguns livros, de alguns professores e ao mesmo tempo eu me

lembro muito de alguns artigos que a gente teve que ler, então passei a ler mais artigos, revistas científicas e ao mesmo tempo acabei entrando também na literatura infantil, então eu tive que ler alguns textos ne, conheci sobre poesia pra poder contar histórias no projeto de extensão, então acho que a vida foi mesclando ao mesmo tempo a literatura, digamos assim um pouco mais dura como a leitura científica pra poder entender, e a literatura no caso infantil, mas também nessa época eu descobri um novo autor que eu gosto muito que é o Rafael Dracon, que ele têm uns livros, que ele traz uma leitura de fantasia e aí eu comecei a gostar de literatura de fantasia até mesmo pra poder complementar as leituras dos artigos ne, que era um a leitura mais pesada e tudo então eu posso dizer que nessa época eu comecei a ler literatura de fantasia, os artigos e literatura infantil por causa da contação de histórias.

ESQUEMA NORTEADOR 2: Memórias Leitoras: formação profissional

Na Universidade (ou faculdade); Disciplinas/projetos que incentivaram na mediação ou na escolha profissional

Bom eu gosto sempre de marcar a importância da recepção que teve aqui para os alunos, pros calouros onde o Grupo Convite ne, que é um projeto de extensão ne do departamento de ciências da informação ele estava presente nessa data e pra mim foi muito importante ver as meninas ne que participavam do projeto realizando a contação de história, pois apesar de já ter tido alguns contato com a contação de história eu não tinha visto daquele formato ne do espetáculo da apresentação ne, da participação dentro da universidade e pra mim foi muito importante, pois ali deu o primeiro passo pra que eu pudesse conhecer ainda mais a contação de história. Em relação às disciplinas a gente pode perceber, principalmente, quando a professora Lidia ne, que era História dos registros do conhecimento a gente passou da importância do livro em várias fases em várias épocas ne, então ela até nos levou na Biblioteca também e também nos mandou escrever cartas, ler alguns livros importantes, visitar alguns museus ne, e a gente pode ver que a leitura ia muito mais do que somente as palavras que a gente ver nos livros, outra disciplina também importante é Teoria e Prática da Leitura, fundamental para os Bibliotecários, eu acredito, para que a gente possa despertar também o incentivo de várias formas NE, nas leituras, nas pessoas e dentro da gente pra entender também a leitura do mundo e também posso citar editoração, também foi muito importante conhecer como funciona a editora, pra entender o papel dos livros das publicações e acredito que essas três somadas elas foram disciplinas fundamentais para explicar um pouco mais sobre a importância do incentivo a leitura e da leitura propriamente dita, assim.

Na prática de Contador de Histórias; No exercício como BIBLIOTECÁRIO;

Bom nos dois ne, a gente vê hoje esse profissional que a gente tem que entrar em contato com o acervo ne, seja o acervo bibliográfico da biblioteca pra você saber o que indicar aos seus usuários até mesmo melhorar mais o atendimento e o serviço de informação ou então você precisa também ler bastante sobre literatura nacional infantil, pra você poder escolher um bom conto ne, uma boa crônica ou alguma história infantil que realmente toque as pessoas no momento que você vai contar, então é necessário você leia que você pesquise, que você aprofunde ne, a contação de histórias ou o trabalho como bibliotecário e a leitura é fundamental, porque ela vai lhe dar parâmetros pra você saber como agir em determinadas situações e foi isso que eu fui aprendendo através da contação de histórias como lidar com as pessoas, como contar as histórias a memorização e outras coisas importantes que a gente foi aprendendo [no projeto de extensão], como gesticular, a postura ne, e no exercício bibliotecário a gente percebe que as pessoas realmente, elas precisam as vezes de uma orientação, não porque elas não saibam

o que ler, mas é porque elas não conhecem toda a gama do universo da leitura e a gente tá lá preparado para informar.

Na vida, em geral.

Bom, a leitura pra mim é fundamental, depois de escrever eu digo que a minha cura realmente é ler, então eu adoro ler e escrever e como também gosto muito de escrever eu preciso ler tanto pra escrever, compreender mais sobre mim, sobre o nosso mundo ne.

a) Você acredita que o curso de Biblioteconomia contribuiu para sua atuação enquanto mediador de leitura?

Sim, acredito plenamente ne, principalmente, eu posso citar, graças também ao projeto grupo convite de contadores de histórias ne, porque além de contar eu aprendi também a mediar ne a leitura, a informação, aprendi a conhecer outros centros culturais ne, aprendi a ver trabalhos de outros bibliotecários ne, então eu pude ter um conhecimento que talvez se eu não tivesse entrado nesse projeto de extensão eu nunca teria tido. Então eu acredito que dessa forma pode contribuir para a minha formação.

ESQUEMA NORTEADOR 3: Falando em leitura

1 - De que maneira você realiza ações de mediação de leitura no campo de atuação profissional?
Nos últimos anos trabalhei como bibliotecário no Batista e como voluntário nos SESC, então nos dois momentos eu pude utilizar a contação de histórias pra mediar a leitura, mas não somente a contação de histórias ne, chega um momento que você também tem que oferecer pros professores, para os pais ne, algumas leituras que eles pediam então também tinha muita informação utilitária ne, (Contação de histórias indo além) então a gente tinha que mediar a leitura (mediação implícita. Almeida Junior) O que era esse processo de mediar a leitura, no caso não era entregar a informação pronta, era as vezes ensinar como chegar até informação, ou qual livro eles poderiam ler utilizar ou onde eles encontrem a informação ne, era um processo também de acreditar que o usuário ele tem potencial e ele pode encontrar a informação que ele precisa ne, e realmente a gente pode pensar que a leitura impressa ela não é importante, mas no caso um bom acervo (Seleção de acervo) ele ajuda bastante na biblioteca, e ele incentiva que os usuários voltem novamente, então o bom acervo que a gente encontrava tanto no SESC como na biblioteca ne do colégio Batista, ajudaram sim a formar os leitores e principalmente ajudaram pra que eu pudesse mediar melhor a leitura.

• Comente, narrativamente, se você possui alguma história que gosta muito de contar e se esta possui relação com sua vida pessoal.

Aprende a escrever na areia, autor Mauba Tarram (grande desafio por ser grande, e sempre andava com ela na parada, teve que decorar na época da faculdade. Uma história muito bonita que ensina sobre o perdão, a amizade e realmente essa história meche muito comigo, porque no final ela dá a lição que das coisas ruins a gente tem que escrever na areia pra que se apague, e as coisas boas a gente grava na pedra, pra que nunca se desmanchem. As pessoas ficam emocionadas com a lição, muito boa essa história!

ANEXO B – Entrevista com a Contadora de Histórias Mafalda

ESQUEMA NORTEADOR 1: Memórias Leitoras: experiências de leitura

Para iniciar nossos trabalhos, vamos conversar sobre leitura na vida pessoal e profissional do Bibliotecário Contador de Histórias. Assim, este primeiro momento de nossa entrevista é reservado para você colocar suas impressões gerais sobre esta prática social que é a leitura.

Revisite suas lembranças mais remotas (antes mesmo de ingressar na escola) e conte-nos sobre:

a) Como tudo começou: Vestígios de leitura/narrativas orais que marcaram sua vida e sua memória.

A minha mãe sempre contava histórias pra mim e pra minha irmã, isso foi uma tradição que passou de família, a vó dela contava pra ela, a mãe do meu avô, minha bisavó no caso, gostava de sentar na cadeira e contar as histórias os romances que ela lia. E a minha mãe tinha esse gosto pela leitura, então quando a gente era pequena e tava traquinando, alguma coisa assim do tipo (Risos), ela contava as histórias, isso antes de eu aprender a ler ne. Quando eu aprendi a ler ela começou a levar a gente pra biblioteca, como ela era professora ela sempre teve essa questão de ter livros em casa, de incentivar o hábito da leitura. Esse momento da biblioteca foi um momento muito importante, porque na época a gente não tinha condições de comprar livros, e livros eram caros ne, mas quando ela levava os alunos ela levava também a gente, então isso criou um hábito, toda semana íamos à biblioteca. Era uma biblioteca pública, na época a gente morava em Maracanaú e foi até um fato trágico depois, porque essa biblioteca eles destruíram para transformar em um banco, mas enquanto houve essa biblioteca, a gente frequentava, então as lembranças mais que eu tenho assim remotas antes de aprender a ler, é ela contando e depois de aprender a ler, ela levando realmente para o espaço físico, pra biblioteca, apresentando os livros. Na escola eu não tive tanto esse incentivo, os professores não falavam tanto da leitura para mim, mas ela falava, minha mãe.

b) Que momento de sua infância você considera como precursor de seu gosto e interesse pela leitura? Que sujeitos (mediadores) participaram deste momento?

*Foi a minha mãe, foi a pessoa que mais me incentivou e o momento realmente, foi esse que ela levou pra biblioteca, que aí eu entendi que havia um lugar específico onde eu poderia pegar livros, **então até então** eu achava que só existiam as histórias na cabeça dela (risos). Agora eu tinha descoberto então que haviam outras pessoas que escreviam livros então tinha livros à minha disposição e aí eu me senti assim uma pessoa independente, porque eu tinha o meu cartãozinho e podia pegar os meus próprios livros.*

c) Seu primeiro contato com livros (como aconteceu) – Na biblioteca

d) Tipos de leitura que praticava na infância

Eu gostava de quadrinhos, Asterix e Obelix, a Mafalda Tirinhas e Monteiro Lobato e com dez ou onze anos eu comecei a ler os clássicos, Machado de Assis, José de Alencar, mas inicialmente foram as tirinhas.

d) Quais suas experiências mais significativas com a leitura:

Na escola; Na Biblioteca

Na Universidade (ou faculdade);

Como... assim, eu não sei se entra na questão familiar também ne, mas pode ser que seja válido. Como lá em casa era um ambiente assim um pouco de stress, eu acho que esse era o objetivo principal da minha mãe levar a gente pra um espaço que fosse calmo, porque como o meu pai tinha problemas com álcool ne, ele bebia e ficava aquele ambiente violento, então eu que

entendi com o tempo que ela levava pra leitura como uma maneira de relaxar, que a gente saísse daquela realidade né. Então assim, nesse momento a leitura se tornava quase uma terapia (pausa) hoje eu entendo, mas na época eu não entendia que era como se fosse uma terapia, era uma maneira de entender que aquilo ia passar e que existia outras realidades (emocionada), então tinha essa função, agora eu sei (pensativa).

Na universidade foi a participação com o Grupo Convite. Quando eu entrei na faculdade, até então eu estava me sentindo assim um pouco perdida, não tinha encontrado como se fosse o meu espaço ali dentro, embora eu me identificasse com a área, mas quando eu descobri que existia um grupo que trabalhava a contação de histórias, então eu descobri que aquilo que eu fazia na infância através das leituras, mas tinha vergonha de contar, tinha um espaço reservado também para aquilo, então foi uma, novamente uma paixão e uma redescoberta né. Na época da infância saber que existiam um espaço onde eu podia pegar livros e agora na faculdade, saber que eu tinha um espaço onde eu poderia compartilhar as histórias dos livros.

e) Como se constitui o seu cotidiano leitor?

Se divide assim é, três tipos de leitura, eu classifico assim né no dia a dia: a leitura espiritual, digamos assim a Bíblia, normalmente eu leio de manhã e a noite; a leitura profissional, com alguns textos da área, mas aí já não digo que leio todo dia, a frequência é menor; e a leitura voltada pra escola que são realmente de livros de literatura a serem trabalhados com os alunos nos projetos, seja no clube da leitura ou em contação de histórias.

Comente, narrativamente, sobre leituras de livros que marcaram sua vida pessoal e profissional:

a) Na infância.

Na infância o que marcou bastante foi as tirinhas da Mafalda, que é até um livro bem grosso, foi o livro “Toda Mafalda”, que é um livro do autor Quino que é um autor argentino, e eu acredito que as tirinhas são mais ou menos da década de 60. E essas tirinhas me marcaram muito porque mostra uma criança, mas muito independente, ela tem opiniões fortes, ela diverge de alguns comportamentos dos pais e ao mesmo tempo ela tem um senso crítico em relação a tudo que se passa ao seu redor, então eu me identifiquei muito com ela. Apesar da infância era limitada por ser criança, mas não fazia disso um obstáculo pra que ela pudesse expor as suas opiniões. Então eu enxergava a mim né, eu na minha infância, mesmo num ambiente limitado, podendo expressar as minhas opiniões e foi a partir desse momento que eu comecei a escrever também, então eu entendia que eu também podia escrever que a leitura não servia apenas como uma forma de terapia, como uma forma até de encontro, mas também como uma forma de escrever, de construir algo para além de mim, então na infância eu colocaria esse livro como bem marcante mesmo.

b) Na adolescência/juventude.

Na adolescência e na juventude, eu li vários livros que me fizeram assim chorar horrores né, tem aqueles clássicos né, eu nunca consegui superar Dom Casmurro, (risos), eu acho que ela traiu, porque eu tenho que me conformar que ela traiu, porque senão eu não vou superar, mas também tem a Menina que Roubava livros que me fez chorar bastante, esses livros que fazem eu chorar sempre era os que eu mais gostava. (risos). E também eu não posso deixar assim de citar a leitura da Bíblia mesmo, como um livro assim que mudou, então com 19 anos eu consegui ler a Bíblia toda, de Gêneses à Apocalipse, e aí eu entendi que havia muita coisa que não era pregada, e que tinha lá, e também meio que ampliou a minha visão também assim, em relação a religião em si, porque os pastores não pregavam tudo, talvez não por não terem lido, não sei né, mas então eu entendi que havia muito mais do que era só aquilo ministrado na igreja. E aquilo tava em meu alcance, até então eu não tinha lido toda, então eu comecei a

entender, despertar também para esse lado que eu tinha que ter a minha consciência também, não só a mediação dele enquanto líder da igreja, mas que eu enquanto leitora daquele livro, que eu também tinha acesso e isso mudou bastante a minha opinião em relação a diversas coisas.

c) Na vida profissional.

Na vida profissional, livros que marcaram a minha vida (pausa) os textos traumáticos do Chacon ne, (risos). Um dos livros que eu estou relendo de novo é Ecologia da Informação de Davenport é muito interessante, esses livros que são bem diferentes, eu gosto bastante.

ESQUEMA NORTEADOR 2: Memórias Leitoras: formação profissional

Disciplinas/projetos/pessoas que incentivaram na mediação ou na escolha profissional

Na prática de Contador de Histórias; no exercício como bibliotecário;

Na prática de contador de histórias foi a experiência realmente com o Grupo Convite de Contadores de Histórias, até então eu desconhecia que existia um espaço dentro do cenário acadêmico que propiciasse isso, compartilhar as histórias. Então esse primeiro contato com o grupo me fez enxergar que ali era o meu espaço, então eu me apaixonei não somente pela profissão, mas pela arte novamente. E quem incentivou isso na época foi a professora Lídia Eugênia que ministrava a disciplina Histórias dos Registros e do Conhecimento. Então no primeiro semestre eu me lembro que ela passou um trabalho que era pra encontrar uma biblioteca particular que tivesse 2.000 livros e todo mundo ficou louco de cabelos branco antes do tempo (risos), mas deu certo e na época eu tive a oportunidade de fazer um trabalho bacana na biblioteca do Dr Cide Saboia de Carvalho que tinha 40 mil livros em casa, então “correu um jurinho né”. Então quando a gente foi apresentar o trabalho eu recitei um verso e aí quando eu recitei esse verso ela me convidou pra fazer parte do grupo e quando ela convidou, aí eu “meu Deus, é aqui que eu vou ficar mesmo”, então eu me apaixonei. Então na prática, primeiro foi ela como professora e depois também teve a professora Laiana que também foi coordenadora do grupo que incentivou ainda mais porque trouxe assim uma nova energia, a gente se identificou pela questão de saber que tinha se formado a pouco tempo, mas que tinha toda aquela paixão no olhar que a gente necessitava ver, que tinha esperança pra causa (risos). Então no exercício como bibliotecário (pausa), eu tento manter a disciplina que aprendi no Grupo Convite, a questão dos ensaios, tem os momentos de descontração e tal, mas tem que ter aquela disciplina de ensaiar, o cuidado vocal que não pode deixar de ter, acompanhamento com fono, com otorrino, todas essas questões e também a questão de formar novos grupos. Na escola tem muito a questão de crianças hiperativas e crianças realmente que fazem acompanhamento com psicólogos, é incrível, mas a taxa é assustadora, inclusive jovens que tentaram cometer suicídio. Então como eu tento mantê-los ocupados, porque eles também vão para mim, lá é hospital nas horas vagas (risos), então eu tento mantê-los ocupados pra eles não pensarem nessas coisas. Então a estratégia foi criar grupos, então temos o grupo de dança, temos o grupo de contação de histórias e eu ensaio com eles e eles contam para os pequeninhos e assim eu não fico muda antes do tempo (risos).

Saindo do roteiro da entrevista, perguntei o que significou para ela a construção de grupos na faculdade, para agora neste momento profissional ela se engajar neste processo.

Percebi que na faculdade o grupo foi importante na questão mesmo de socializar com o outro e me enxergar como parte dessa construção simbólica, de entender que havia um significado maior de compartilhar as histórias e ao mesmo tempo para mim foi libertador, porque era um momento assim, com todo aquele stress acadêmico que acaba acarretando no dia a dia que

you tá assim, aquele é o momento que você desafoga, que você relaxa, mesmo estando cansada, mesmo de noite.

Essa vivência com o grupo convite e a questão do próprio caráter, eu acredito que na minha formação, o que definiu esse lado mais pro lúdico e até mais humano, eu ousar dizer que foi realmente o próprio grupo, se fosse só as disciplinas técnicas eu não sei se teria ficado assim, até o final. A participação no grupo fez com que eu enxergasse uma causa humanitária pela qual eu lutar, então não era só ter um certificado, não era só ter um diploma, mas aonde eu fosse fazia a diferença, de alguma maneira, na vida das pessoas e eu acredito que a contação de histórias tenha esse poder de tocar onde as outras artes não tocam.

E na questão profissional também foi isso, foi o momento de mostrar pra eles, ainda adolescentes, alguns ainda até crianças com esses stress tão precoces, com essas taxas de tentativa de suicídio e tudo, que havia um momento que eles podiam relaxar e podiam se divertir e que isso não era obrigatório, não valia nota, embora eles ganhem certificados (risos).

a) Papel da leitura /Valor da leitura na vida pessoal, na sua formação profissional e na prática. É uma questão assim, libertadora, bem poética né,(risos), mas na vida pessoal foi uma questão libertadora, então como eu cresci num ambiente de muita violência e muitas questões assim pessoais né, fortes, problemas de álcool, o meu pai bebia, batia na minha mãe...então, naquele momento da leitura eu entendia que, embora fosse ficção e a minha vida, tudo aquilo, fosse realidade, mas eu poderia fazer parte daquela ficção naquele momento. Então inicialmente isso era muito importante, agregava valor, me dava esperança. Todas aquelas questões dos contos de fadas e tudo. Então no primeiro contato seria libertação. Eu sai daquela minha realidade por um momento, ainda que utópico né. E aquilo me dava uma oxigenação pra poder voltar e suportar. Na formação profissional eu acredito que foi, eu ousaria dizer, que também foi uma oxigenação, porque quando você vai para o mercado de trabalho é um choque terrível de tudo, então você realmente descobre que assim como outras profissões, bibliotecário não é valorizado, mas que mesmo assim as pessoas esperam de você, é como se, mesmo não valorizando, a sociedade esperasse de você, então quando você olha pra aqueles alunos, eles lhe dizendo: “tia mas aqui a gente só pega e devolve livro”, eles querem mais, eles não sabem expressar em palavras, mas eles querem não somente o serviço técnico, eles querem projetos que mostrem pra eles, porque eles devem se apaixonar pela leitura. Então por isso que eu acho tão importante, essa questão é principalmente de estar numa biblioteca escolar que é o primeiro contato deles com a leitura, já que muitos não têm em casa. Então eu acredito que na formação profissional, é esse papel.

ESQUEMA NORTEADOR 3: Memórias Leitoras: Mediação da Leitura

1- De que maneira você realiza ações de mediação de leitura no campo de atuação profissional? Bem, eu trabalho numa biblioteca escolar, estou lá há quase 6 meses. Nós desenvolvemos projetos desde o infantil 1 até o pré-universitário. Então, separando por seguimento no infantil 1 fazemos o “Dia Lúdico”, que é uma vez por mês, o momento em que as crianças vão pra biblioteca, e ai senta no chão conta histórias. Nesse momento nós utilizamos os livros brinquedos, caixas mágicas, mais voltado realmente pra brincadeira, respeitando a faixa etária. No fundamental 1, que é do 2 ao 5 ano, nesse segmento eles são bem engajados com tecnologia, por incrível que pareça, e precocemente, então a maioria tem canais. Como partiu deles mesmos, nós descobrimos que eles tinham canais no YouTuber, que pegam livros na biblioteca e alguns até pediam, porque lá só pode pegar até três livros por semana, eles diziam: tia mas eu preciso de 5 livros (risos). Ai eu disse, mas porque você ler tantos livros, você ler de verdade? Eu vou começar a pedir pra resumir esses livros pra mim, “não tia, é porque eu tenho um canal”. Então, tendo em vista que temos muitos alunos que têm canais e que partiu

deles mesmo essa ideia, criamos o primeiro encontro de youtubers, onde eles contam as suas experiências leitoras. Eles contam porque escolhem os livros - eles mesmos escolhem os livros, eles não querem indicação - porque que eles se valem de uma mídia, ainda tão precocemente ne, do 2 a 5 ano, nessa faixa etária e pra contar suas histórias, suas experiências e dão indicações como se já fossem adultos né. Então ali eles encontram o palco deles pra contar as histórias deles. Então no infantil a gente trabalha de uma maneira em que somos os contadores, mas no fundamental I eles são os contadores, eles contam suas experiências e a gente só media o encontro, realmente.

Perguntei sobre o que tratavam os canais: são sobre livros, Mix de séries, mix de livros, tem um que conta também - que viaja muito pra outros países - aí conta das experiências de outros países, dos livros que compra. Mas são todos sobre leitura. Esses canais já existiam eu só oportunizei o encontro que eles pudessem trocar entre si as experiências, são um grupo de quase 10 alunos, que realmente são assíduos que tem canais e vão toda semana me dizer se tem mais inscritos ou não, (risos), porque eles têm a meta pra bater dos inscritos.

No fundamental II existe um projeto chamado “Giro Letras”, esse projeto já existia na escola, que é um projeto inspirado até numa escola de Minas Gerais. Esse projeto é do 6 ao 7 ano, a Biblioteca é responsável, por essas oito turmas que são 4 do 6 ano e 4 do 7 ano. O projeto de propõe a fazer um mapeamento de leitura dos alunos, mas não cumpre isso. Os alunos vão trocar livros, pegam, não leem os livros, não fazem um trabalho sobre os livros. A minha ideia foi criar uma biblioteca virtual, onde a cada final de etapa, no lugar deles só devolverem os livros e ganharem os prêmios por terem locados os livros, independente de terem lido ou não, eles pudessem produzir algo em relação a aqueles livros. Então nós fizemos um concurso literário, onde trabalhamos conto, então era livre, no mínimo três páginas, no máximo cinco páginas. Os professores de redação corrigiram e mandaram pra mim só os que ganharam e limitamos a 15, porque a Van só cabia 15 alunos (risos) e dividimos por várias turmas. E o passeio constituía numa Jornada da Memória, levamos pra algum lugar de memória de Fortaleza. Então fomos conhecer a exposição da UNIFOR, fomos pro Jornal O POVO. Isso foi no primeiro mês que eu estava lá, foi fortes emoções, (risos). Então transformamos num livro digital que está disponível no portal do aluno, tem um espaço de biblioteca e tem lá os e-books, então foram produzidos um no sul e outro na bezerra, aí agora vamos trabalhar poesia pra essa primeira etapa. Então no fundamental II foi esse projeto. Pro ensino médio, é algo mais delicado, porque eles têm uma carga horária muito complicada. Alguns entram 7 da manhã e saem 19h da noite, a escola funciona até 21h da noite. Então tem aluno que é a da turma ITA, que é da turma Medic, que dorme e vive lá dentro. Para alcançar esse público eu precisava deixá-los à vontade, já que eles são obrigados a fazer muita coisa. Então criamos um clube da leitura que trabalhamos de maneira lúdico-didático os autores que mais caem no ENEM. Como se dá esses encontros, eu abro inscrição e participa quem quer, aí nós outra vez limitamos a 15 alunos no máximo por encontro, por causa do transporte, porque o transporte ele já existe lá, então a escola não tem gasto com mais nada. Tem que ser sempre assim o transporte que já tenha lá, para um lugar que também não tenha gasto, normalmente, um lugar público, ou então uma exposição, porque nem eles querem pagar, nem a escola vai pagar, sempre no contra turno. Com o ensino médio eu trabalho o quê, “esse mês nós vamos trabalhar com Clarice Lispector”, então eu já me reúno com a equipe do teatro e eles já elaboram todo um repertório pra fazer tipo um impacto. Apresentam contos, contam algumas coisas, a gente vai deixando algumas pistas e os alunos que querem participar, a gente começa, passa o mês todinho lendo. Diferente do teatro, essa atividade eles não precisam pagar, é uma atividade que a biblioteca proporciona pra eles. Então a gente treina com eles, é uma atividade que acontece nos intervalos deles, é uma coisa mais flexível em que todo mês a gente se reúne uma vez. Aí o

momento que eles se apresentam é nos “astreamentos”, onde eles se revelam né (entusiasmo), adoram. E nesses momentos de ações culturais, começa do Clube da Leitura, então eles têm a oportunidade de abrir os eventos, aí eles se sentem muito importantes porque são estrelas, todo evento que tem eles que abrem. Mas com o ensino médio, essa questão do clube da leitura, a gente deixa assim à vontade, porque eles se sentem muito forçados: “tia a gente já ler muito, então a gente não quer ler nada obrigatório”. Então a gente abre uma eleição: quais os autores que vocês querem trabalhar? Então foi Machado, José e Clarice, aí eles disseram que queriam começar com Clarice, aí eu já contactei a turma do teatro pra fazer uma apresentação e montei uma bibliografia. Aí os livros que eles querem eles leem, aí eles tem que vim contar um pros outros o que foi que eles gostaram, porque escolheram aquele livro. Só que a gente faz isso fora da escola, porque eles estão cansados daquele ambiente. Então o maior desafio realmente, inicialmente, foi mostrar pra escola que eu precisava tirá-los da escola, porque eles não queriam, mas eu consegui, estou uma “topiqueira” (risos). Então normalmente a gente faz um piquenique, arruma o lugar, ou vai pra algum lugar público. Agora dia 17 de março a gente vai para a Seara da ciência na UFC, com outra turma também. Então todas essas atividades eles ganham certificados de uma Jornada da Memória. Aí nessa jornada da memória já vai ser outro trabalho “porque que a gente tá visitando esse lugar? Porque que é importante a gente tá aqui? Sempre trabalhando a questão do lúdico, porque o que eu notava bastante era o stress, a maioria tá ali no sistema integral, os pais trabalham e não tem tempo, então eles odeiam. E quando iam pra biblioteca, iam porque tinham feito alguma coisa errada, eles não fazem a tarefa, eles iam pra biblioteca, chegaram atrasados, eles iam pra biblioteca. Então eu precisava desmistificar esse espaço, mas ao mesmo tempo, leva-los para outros espaços, para eles entenderem que a leitura não era presa só à biblioteca, que eles podiam fazer leituras em outros lugares.

2 – Diante da atual conjuntura social, mediada por aparatos tecnológicos e mídias sociais, como você percebe as ações de mediação de leitura, sobretudo a contação de histórias, no cotidiano das crianças e jovens nesse novo contexto?

Essa questão da história oral, eu acredito que é algo que vai muito de oportunidade. Se você tem um encontro na faculdade, grupo, se você tem um encontro com amigos, mas a questão do contar histórias eu acredito que a tecnologia ela propicia, porque quando você vai pro facebook, querendo ou não, você está lendo as histórias da vida dos outros. Você está ouvindo todas aquelas histórias e as crianças ao mesmo tempo, elas me mostraram isso: “não tia a gente vinha aqui pegava o livro, mas a gente queria contar pros amigos”. Então eles não se reuniam na rodinha como antigamente, que sentavam ao redor de uma fogueira, toda uma questão tradicional, eles foram para uma outra fogueira, que era o Youtube né, a fogueira dos dias de hoje. (risos). Então eles iam pra lá e contavam, eles não deixavam de se valer da oralidade, ainda que usando um recurso midiático e lá eles contam, usando o livro realmente, pegam abrem o livro e vão contando a história.

3 – Você utiliza as Tecnologias da Informação e Comunicação no seu exercício de contador de histórias?

A questão das mídias... (pausa), tirando esse encontro com os youtubers que a biblioteca se utiliza das mídias não.

4 – Na prática enquanto contador de histórias que artifícios você utiliza para chamar a atenção dos ouvintes? Como se constitui a sua performance?

Dependendo do público, nós sempre trabalhamos livros brinquedos porque eles gostam muito, livros sonoros no caso do infantil, histórias cantadas, caixas, brinquedos e dança. Eles querem participar, então se eles não ficarem em pé e não dançarem, aí eles não querem, furta

totalmente a atenção. Já para os maiores nós tentamos trabalhar realmente a questão da imaginação, uma roupa mais elaborada, um figurino, tirar a farda, se for contar de farda eles nem olham pra gente. Então tem um vestidinho próprio para os astreamentos, que é a fardinha do astreamento, (risos).

Comente, narrativamente, se você possui alguma história que gosta muito de contar e se esta possui relação com sua vida pessoal.

Tem duas histórias, é um poema e uma história. O poema é “Motivo” de Cecília Meireles, que eu até brinco que vai tá na lápide do meu túmulo, porque eu nunca esqueço esse poema e eu decorei ele com 14 anos e nunca me esqueci realmente, esse daí é pra sempre. Ele fala muito sobre a questão da poesia, que ela não sabe se fica, se passa, mas ela canta e essa canção tem uma asa ritmada e um dia ela sabe que vai estar mudo, mais nada, mas enquanto ela tá ali dentro daquela poesia ela se mantém viva. Então é como se pra mim fosse assim, quando eu estou aqui na poesia, eu me mantenho viva, mesmo que depois eu vá morrer né. (risos) E a questão de um conto seria da Clarice Lispector, que é Felicidade Clandestina, que a professora Laiana apresentou pra gente na faculdade e eu fiquei apaixonada, eu me identifiquei totalmente com aquela história e eu sempre conto.

ANEXO C – Entrevista com a Contadora de Histórias Elisabeth

ESQUEMA NORTEADOR 1- Memórias Leitoras: experiências de leitura

Para iniciar nossos trabalhos, vamos conversar sobre leitura na vida pessoal e profissional do Bibliotecário Contador de Histórias. Assim, este primeiro momento de nossa entrevista é reservado para você colocar suas impressões gerais sobre esta prática social que é a leitura.

Revisite suas lembranças mais remotas (antes mesmo de ingressar na escola) e conte-nos sobre:

a) Como tudo começou: Vestígios de leitura/narrativas orais que marcaram sua vida e sua memória.

Bem eu lembro que quando criança eu detestava estudar, eu detestava ler qualquer coisa com livro. Eu lembro que a minha vó dizia assim: que se eu não estudasse eu ia ficar burra, então eu tinha que estudar. Eu lembro que era uma coisa muito difícil, que eu chorava, que eu não queria ir. E eu lembro que até os meus 13 ou 14 anos eu não gostava de ler, eu gostava de ouvir histórias. Eu acho que a grande marca assim na minha vida foi meu avô. Eu fui criada por avós né, então o meu avô ele pegava todo mundo, a gente ia a noite, era aquela ideia de roda mesmo, sentavam todos os netos e ele ia contar histórias. Tinha história que era do bicho folharal, essas lendas, “ixe” eu amava! Até hoje eu lembro, e aí eu ficava encantada, ele contava história do João de Barro, muitas histórias bacanas. Então foi acho que isso que marcou muito a minha infância, mas assim, a questão da leitura, a questão impressa mesmo eu não gostava. E aí eu lembro que no meu ensino fundamental eu só lia aquela coisa muito obrigatória. Quando eu cheguei no fundamental 2, eu tinha uma amiga que ela era de uma igreja e lá existia uma coleção chamada “Coleção da Cris” e também tinha depois a da Selena e ela começou a trazer. A gente via ela lendo e dizia: o que é isso? E ela começava a contar as histórias, eu sou muito curiosa e ela começou a emprestar pra gente. Ela pegava na igreja dela que tinha uma biblioteca e trazia pra gente. E aí ela começava a ler, eram histórias de adolescente, aquela coisa do cotidiano, ela falava sobre a questão da perda e eu lembro que eu perdi uma pessoa da família, então isso foi me identificando. E aí na escola tinha uma biblioteca e acabou os livros dela que era da igreja dela e eu olhei assim e disse: vamos olhar o que tem lá na biblioteca da escola né. E eu cheguei, eu lembro que eu vi assim Machado de Assis, José de Alencar, aí eu lembro que eu levei José de Alencar, aí eu disse assim: meu Deus, eu lembro que eu li várias vezes a mesma página, “meu Deus o que é que esse homem quer me dizer que eu não entendia” (risos). Sétima série na época você lia oh, e eu ficava, mas eu vou ler, ia lendo que eu me apaixonei eu ri muito com a Pata da Gazela, hoje é um dos meus favoritos do José de Alencar. Então eu sai lendo tudo, eu li Diva, A Pata da Gazela, Senhora só não li Iracema porque achei muito chata, aquela coisa assim muito descritiva dele, então eu acho que hoje eu ainda vou me desafiar a ler, porque eu fico barrada, eu li a adaptação, mas o original eu ainda não consegui. Mas eu lembro que, foi assim, o que me fez mesmo ingressar na leitura foram os clássicos e tipo, eu vejo hoje que a gente vai ao inverso né, a gente tenta pegar essas leituras limão com açúcar né, essa coisa assim, bem bestinha pra ver se traz esse gosto pela leitura e eu vejo que é um desafio muito grande. E comigo já foi diferente, apesar de eu ter começado com essa foi por minha conta que eu fui na biblioteca, eu nunca tive aquele incentivo, eu estudava em colégio público, então eles não incentivavam, era aquela coisa se você quisesse ir você ia, se não quiser tudo bem. E eu lembro que depois dessa coleção eu comecei a ler e trouxeram (pausa) “As crônicas de Narnia”, gente foi amor aquilo oh (grande entusiasmo), é sério, até hoje é o amor da minha vida, é “As crônicas de Narnia”. E eu lembro que tinha aqui cada um, hoje que veio lançar o volume 1, era o meu sonho comprar cada um, porque era um mais lindo do que o outro, as capas...e eu tinha visto aquele leão lindo no

cinema, na época eu nem ia pro cinema, coisa de rico ir pro cinema naquela época. Quando eu cheguei na escola que eu vi que era o mesmo homem do cinema, pronto, eu agora vou saber da história (risos). E tipo, me apaixonei, esse livro é incrível, acho que foi um dos livros que mais marcaram a minha vida.

Nesse momento perguntei sobre a formação dos avós da entrevistada:

Meu avô era semianalfabeto e a minha avó analfabeta, então só tinha mais a questão do incentivo, eles me diziam – que até hoje eu lembro- que a herança deles pra mim seria os estudos, o incentivo.

b) Seu primeiro contato com livros (como aconteceu)

Assim, de ler mesmo, de gostar, foi lá pela sétima série. Assim, eu comecei a ler na biblioteca os clássicos né, e aí chegou um momento que não tinha mais o que ler, porque na biblioteca não tinha. Aí eu comecei a conversar com uma secretária que ficava na biblioteca que dizia que a gente ia ter livros novos. E quando teve livros novos teve a primeira vez do sorteio de leitor, assim de tipo de parabenizar o leitor que mais leu durante o ano, e eu ganhei eu lembro um dicionário, vixe eu fiquei morta de feliz porque ela foi lá na sala e chamou o meu nome. (entusiasmo) Olha eu me senti naquele dia (risos)

c) Tipos de leitura que praticava na infância

(Não lembra, só histórias que o avô contava, lendas, etc)

Perguntei se esse dissabor com a leitura tinha relação com alguma dificuldade de aprendizagem da leitura em si?

Eu acho que tava mais voltado pra questão de taxar como chato, de não conhecer, então assim, quando a gente não conhece uma coisa a gente pensa, principalmente criança: não, isso eu não vou fazer porque é chato, como eu não vejo ninguém fazendo, então isso é chato. Em casa eu não via ninguém fazendo e na escola eu também não, então querendo ou não, essa minha amiga que começou a ler e eu via ela, há! Então eu acho que pode ser legal.

d) Quais suas experiências mais significativas com a leitura:

Na escola; Na Biblioteca – Acho que o Livro que mais marcou minha vida foi as Crônicas de Narnia, que foi na época da escola e foi lá na biblioteca da onde eu estudava. E eu lembro assim, que depois desse livro, acho assim que foi uma coisa ele me deu uma visão diferente entendeu. E eu achei legal porque tipo, ele pega um mundo fantasioso e cria uma história assim de uma forma que muda a gente. Eu lembro, eu nunca esqueci, eu tinha o que, na época eu tinha uns 14 ou 15 anos, que eu chorei numa parte que ele descreve que tem um menino que é o Gígaro, que ele vira um dragão por ser muito ambicioso, ele tenta roubar um dragão e por ele tentar roubar um dragão ele vira. E aí o Asno ele representava uma figura de como se fosse Jesus, então ele vem lá e purifica ele. Ele fica descrevendo, eu chorei. Sabe o que é pra uma adolescente você chorar, emocionada com as palavras que você tá lendo? Foi muito emocionante, eu nunca esqueci, foi uma coisa assim incrível na minha vida. Eu lembro que foi o primeiro livro que eu tive vontade de querer pra mim, de comprar e na época não tinha volume único e quando lançou ele era muito caro. Eu lembro que eu queria muito e minha vó dizia que não dava, não dava no nosso orçamento. Porque tipo, meu avô era que tinha dinheiro, mas ele sofreu um acidente muito grave e ele ficou impossibilitado de trabalhar, então a gente vivia por uma aposentadoria que nem era aposentadoria na época, ele tinha só um benefício por invalidez. Então era só prioridade.

Na Universidade (ou faculdade);

e) Como se constitui o seu cotidiano leitor?

Na verdade assim, eu acho que o livro infantil, foi escrito por um adulto ne? Então ele sempre tem uma mensagem, então tipo o pequeno Príncipe, apesar de ser um livro infantil, ele é um livro gente, maravilhoso. Ele traz uma mensagem muito linda, olha aquele livro cada vez que você ler você ver algo novo nele, uma mensagem nova e eu acho muito, muito legal, muito interessante. Eu tenho várias versões dele, eu ainda não tenho o pop-up, mas eu tenho ele em quadrinho, eu tenho ele na versão original eu tenho outra versão baseada na original (risos)

ESQUEMA NORTEADOR 2: Memórias Leitoras: formação profissional

Disciplinas/projetos/pessoas que incentivaram na mediação ou na escolha de atuação profissional

Na prática de Contador de Histórias; no exercício como bibliotecário;

Na vida, em geral.

Quando eu cheguei no curso, eu lembro que eu estava com febre, eu me escondi para não participar da brincadeira dos bichos. E aí convidaram uma tal de Laiana pra fazer uma apresentação (risos) e ela contou uma tal de Felicidade Clandestina e eu fiquei assim, valha Meu Deus o que é aquilo (ar de impressionada). Nunca esqueci, nunca...eu fiquei meu Deus que legal, eu fiquei assim encantada, aí tudo bem. Só que começou, aí veio o Chacon com aquelas loucuras dele, “meu Deus o que eu to fazendo aqui”. E eu confesso, que logo assim de cara, eu tive muitas disciplinas que não foram muito bem dadas no início[...] eu lembro que eu queria desistir do curso, só que aí eu tinha conhecido o Grupo Convite e a professora Lidia fez uma seleção e aí lá fui eu né. E assim, eu coloco muito que o grupo convite me despertou para continuar no curso, porque eu acho assim, que foi uma coisa que me incentivou, porque eu estava me sentindo meio perdida. E aí veio o projeto Ler para Crer que me apaixonei de uma forma assim sem igual, eu lembro que eu me sentia...era um prazer muito grande você ir praquelas comunidades ver o quão importante era, entendeu? E como fazia diferença na vida deles, olha naquela história do pendrive que os meninos diziam que não sabiam o que era um pendrive, eu fiquei assim: poxa o quanto que a Biblioteca mudou a realidade daquela comunidade, então foi uma coisa assim que eu vi a importância do meu trabalho, apesar das outras pessoas não reconhecerem. E eu lembro que a Teoria e Prática da leitura que eu amei, que foi com a Araripe, a Araripe foi muito gente boa muito, muito show e eu lembro que eu fiquei muito empolgado no segundo semestre. Então eu acho que assim, foram as duas disciplinas que fizeram eu despertar esse gosto, esse prazer e trazer essa referência do contador. Porém, eu ainda acho muito vago, enquanto profissional trazendo esse assunto, eu acho assim que a gente não tem tanto embasamento, porque assim a gente chega no mercado de trabalho a gente se sente ‘cego perdido em tiroteio’, porque assim, até mesmo quando você vai pra uma reunião que querem discutir algum tema relacionado a algum livro, você sente que você não tem embasamento pra discutir com propriedade, porque eu acho que deveria ter. Eu acho que deveria ser ofertado, pelo menos na carga horária opcional essa possibilidade de fazer um curso voltado pra literatura, pra gente conhecer. Porque assim, as vezes eu vou fazer um pedido de livro mas se eu não pedir um professor, ele pode depois me questionar porque que eu pedi a ele, eu não posso pedir só por mim, até porque eu não tenho embasamento pra isso. Por isso que eu vejo muitas instituições que trabalham essa questão cultural, essa questão pedagógica, eles veem a necessidade de ter um pedagogo ou até mesmo substituí-lo pelo bibliotecário escolar. Por isso que eu nunca questiono porque que tem um pedagogo numa biblioteca infantil, porque se a gente for olhar as necessidades dependendo do profissional, não vai suprir. Vai ser um profissional técnico que vai chegar na biblioteca infantil e vai querer catalogar o livro, que o livro esteja no lugar certo, então eu acho que deveria ter uma formação

complementar, porque se não tiver aptidão como nós temos fica aquele bibliotecário sem saber o que fazer, muitas vezes acomodado.

a) Você acredita que o curso de Biblioteconomia contribuiu para sua atuação enquanto mediador de leitura?

Sim, mas eu acho que o grupo convite em si proporciona. Eu acho que o curso em si, se a gente for olhar a nossa grade curricular, se você não tiver aptidão para isso, ele não vai. Até mesmo se você for perceber as pessoas que estão se formando hoje e o grupo convite está um pouco parado, você vai ver que a gente não tá tendo mais esse desenvolvimento voltado pra essa construção leitora entendeu. E até mesmo você ver essas pessoas chegando no mercado de trabalho – eu conheço algumas bibliotecárias que estão em bibliotecas escolares e que dependem de pedagogos pra desenvolver qualquer projeto. Quando eu cheguei na UEC [Unidade Edson Queiroz] que eu fui estagiária, foi um diferencial muito grande. Eu lembro que as meninas diziam que a biblioteca agora tinha vida, foi assim que definiram, a biblioteca agora tem vida, porque antes só era um amontoado de livros. E realmente, era um espaço cheio de livros, com um balcão e dois computadores e assim, eu tirava as mesas da biblioteca e colocava os meninos no chão pra gente contar histórias, já que a biblioteca não tem estrutura, então eu vou criar. E não é todo mundo que tá preparado ou que se dispõe a fazer isso, não é todo profissional.

b) Papel da leitura /Valor da leitura na vida pessoal, na sua formação profissional e na prática. *Eu lembro que quando eu cheguei no curso um colega me dizia que eu falava muito rápido e eu lembro que quando eu entrei no convite as pessoas passaram a não me dizer mais isso, (risos), coisa boa, eu comecei a pausar mais. E eu lembro que as meninas do grupo diziam: ‘Elisabeth respira, Elisabeth respira’. Então assim, eu acho que foi uma coisa que se você for olhar assim, que me mudou bastante. Mas em relação a leitura, eu acho que ela nos muda e a leitura pra mim sempre é um escape, em qualquer situação que eu esteja eu sempre to lendo. Agora eu estou apaixonada pelo “Lewi”, é meu companheiro agora, que eu levo 4 mil livros pra onde eu viajo. Então é assim, aonde eu estou eu estou lendo, é muito difícil eu não está, é uma coisa que faz parte de mim. Eu não saio se eu não tiver um livro, é uma coisa que faz parte da minha vida e do meu cotidiano e eu não me imagino sem estar lendo. Eu acho assim, que eu Elisabeth sem ler, não é Elisabeth, a leitura faz parte de mim. É uma coisa que eu estou fazendo todo dia. E eu acho interessante que as pessoas que convivem comigo não só percebem como eu vejo que eu incentivo indiretamente, eu não chego: Ah ler esse livro, eu começo a contar e aí as meninas ficam tão encantadas que pedem logo emprestado. Porque o prazer que a gente tem a gente transmite para outras pessoas, eu acho que além de mudar minha vida, a gente tá mudando quem está ao redor da gente, então é uma coisa assim muito importante.*

Na vida profissional, eu acho que foi o que teve maior importância, eu acho que eu não teria me formado. Porque se uma coisa não me cativa, se uma coisa não me dá mais prazer eu sou do tipo que eu deixo pra lá eu vou atrás de algo que me faça feliz, eu sempre fui muito disso. Então eu acho que se a leitura não tivesse entrado na minha vida, se eu não tivesse me apaixonado tanto pela área eu acho que eu poderia ter desistido, então eu acho que foi um quesito importante.

ESQUEMA NORTEADOR 3 - Memórias Leitoras: Mediação de Leitura

1- De que maneira você realiza ações de mediação de leitura no campo de atuação profissional? *A minha escola ela vai desde a educação infantil até o pre-universitário, então eu tenho alunos de diversas faixas etárias, de diversas necessidades e a gente tem muito essa questão da limitação do tempo. Porque as escolas, elas preenchem muito o currículo dos alunos então fica*

aquela coisa muito apertada, então tudo que eu tenho de disponível pra fazer com eles tem que ser na hora do intervalo. Então normalmente são atividades breves e que sejam mais lúdicas, porque assim eles são muitos saturados, eles têm muito conteúdo. Então se você for parar pra fazer alguma atividade mais profunda uma coisa assim que trabalhe mais a leitura a fundo, eles já não se interessam tanto, tem que ser uma coisa assim que chame mais a atenção. Então a gente fez uma atividade, que tava muito essa questão de “Eu me chamo Antônio”, essa coisa dos versos pela internet. Então a gente criou como se fosse um mural, eles chegavam e escreviam mensagens, uma coisa bem linda. **(Começou na internet e partiu para os livros).** Então a gente viu a participação porque eles gostavam, deixavam recado pro colega, mandava num sei quem ir olhar e ficava aquela troca. Então foi uma coisa assim como meio de comunicação entre eles. Eu faço atividade com os meninos do tempo integral, que a gente chama Jornada. Ai semanalmente eu faço com a educação infantil e de quinze em quinze dias com o fundamental 1. E eu trago atividades lúdicas, eu sempre levo um livro, a gente faz um trabalho lúdico com eles e é sempre muito diversificado, é porque eu tenho um contato muito grande, semana em semana eu estou fazendo com a educação infantil, então eu trago várias coisas. Tem vezes que eu levo histórias pra eles trabalharem, tem vezes que eu levo uma caixa, eles vão tirar alguma coisa de lá e fazer aquela brincadeira “eu conto a história”, então a gente muito aquela coisa lúdica pra atrair a atenção deles e pra trabalhar essa questão do gosto pela leitura. E eu lembro, uma atividade que a gente fez que eles gostaram muito foi uma atividade que eles iriam à campo e a gente ia fazer tipo uma caça ao tesouro do livro, e eles tinham que responder charadas dos livros pra achar um tesouro, que seria uma cesta de bombons. Então assim, eles gostam muito dessa coisa que desperte a curiosidade, se for aquela leitura sentar e pegar o livro eles não vão ficar. Então, normalmente, eu sempre tô postando, eu tô fantasiada, eu tô com alguma coisa pra chamar a atenção. Eu tenho uns bebês que são de 1 ano e pouco, se eu chegar lá só pra contar histórias eles não vão olhar só pra mim, então eu tenho que levar adereço, eu tenho que levar alguma coisa pra chamar a atenção, porque eles são muito crianças. Então assim, eu sempre fico tentando trazer coisas novas, pra despertar realmente esse prazer neles, essa história de prender a atenção deles. Só complementando, não sei se entra aqui, mas a gente tá fazendo um trabalho com a biblioteca e o marketing, que a gente tá divulgando os livros que tem na biblioteca, de uma forma de não trazer o resumo, mas trazer uma opinião sobre aquele livro, tipo contextualizar aquele livro, entendeu? Uma forma diferente, não só trazer o resumo que tem lá na contracapa. Então a gente tá tentando fazer isso e tem sido bem aceito nas redes sociais, a gente tem a página da biblioteca e da escola e ai eles divulgam e a gente linka pra página da biblioteca também. Além de divulgar isso eu divulgo as atividades que a gente tá fazendo, os concursos. A gente fez um concurso de que livro me representa, então você tinha que tirar uma foto, fazer o “selfie book” né, fazer o selfie do seu livro favorito e ai você dizer porque que aquele livro lhe representava, então foi super bacana. Eu estou desde 2012 como estagiária e a partir de 2015 como bibliotecária, então você começa a se perguntar qual a próxima coisa que vai fazer, tem que ver coisas novas (risos). Então a gente tem que tá sempre sendo criativo, pra está trazendo coisas novas, porque se eu repetir história eles sabem: “Tia tu já contou essa viu?” (risos). Gente é toda semana, quantas semanas que eu tenho no ano? Mas assim, é muito gratificante, quando as meninas tiram fotos eu adoro quando eles estão com as caras assim oh (Expressão de atento), quando eu to contando histórias, com aqueles olhinhos parecem que brilham, então assim, acho que é muito gratificante.

2 – 2 – Diante da atual conjuntura social, mediada por aparatos tecnológicos e mídias sociais, como você percebe as ações de mediação de leitura, sobretudo a contação de histórias, no cotidiano das crianças e jovens nesse novo contexto? **Existe uma certa dificuldade por conta da questão do celular, como você percebe isso?**

Em relação ao ouvir histórias, nessa questão de nós contadores de histórias, essa coisa de parar pra ouvir, eu acho que atrapalha. Porque você percebe que querendo ou não pra eles o celular é muito atrativo, as mídias sociais elas são muito atrativas e por não conhecer também essa outra visão, dessa questão do mundo mágico da leitura e da contação de histórias eu vejo que tem uma certa barreira. Então assim, eu acho que é aos poucos, por exemplo, porque a gente tem um momento diferente, todo evento que a gente tem voltado pra leitura eu trago um contador de histórias de fora, eu levei um espetáculo que é de fantoche, gente eu amei, e eu percebi assim que prendeu, então tem que ser uma pessoa que consiga prender, porque eu percebi que algumas vezes, em outras situações, eles ficavam de vez em quando pegando no telefone e nesse momento não, eu percebi que todo mundo que ficou muito encantado, então eu acho que tem a questão de prender e de encantar. Eu acho que você tem que trazer esse momento pra eles, que eles meio que esqueçam desse momento de mídias sociais e curtam aquele momento de contação de histórias.

3 – Você usa as Tecnologias da Informação e Comunicação no seu exercício de contador de histórias? **Na sua página pessoal, se você tem um canal, se tem um blog.**

No momento não, quando eu não estou na escola, eu to lendo e agora eu estou fazendo umas artes. Mas sempre que eu tenho tempo eu estou sempre postando tudo que eu faço na escola, tanto no facebook da escola como no meu pessoal, eu posto muito.

4 – Na prática enquanto contador de histórias que artifícios você utiliza para chamar a atenção dos ouvintes? Como se constitui a sua performance?

Normalmente, eu nunca consigo contar com o livro, porque eu acho assim, que se eu não olhar pra eles, eu não vou conseguir prender a atenção deles. Então as vezes eu levo o livro pra eles entenderem que a aquela história está naquele livro ali, aí eu começo meio que com o livro e quando eu vejo eu não estou mais com o livro, tá só eu e eles. Mas assim, eu tenho uma história que eu levo que é a história da Galinha Maricota, então eu levo um desenho de um pão, porque são vários adereços que ela vai montando o sanduíche e peço pra eles me ajudarem. Eu fiz a história da Maria vai com as outras, eles eram as ovelhas, eu levei uma ovelhinha pra cada, então eles iam pro lado, eles iam pro outro. Então tem que ser aquela coisa interagindo, participativa. Então eu acho que eu faço de tudo um pouco. Eu já fiz história com o livro, já fiz história com eles participando, já fiz história que eles iam contando a história.

Pedi para que ela explicasse como se dava a organização das atividades de mediação entre ela e outros convidados.

Porque assim, como acontece, a gente também tinha um projeto chamado pit stop literário, que aí os meninos tão na sala e para tudo, todo mundo desce, vai lá para a quadra que a gente vai contar histórias, e vai eu e uma professora. De tanto eles verem a gente, se eu levar eles lá pro auditório pra me ver, eles não querem me ver. Aí eu acabo trazendo gente de fora, senão fica sem graça. Além dos meninos, eu tenho reuniões mensais no conselho interno do colégio e toda vez o diretor pede pra eu contar histórias, “Elisabeth você vai trazer hoje uma mensagem pra gente, um texto” (risos) então é sagrado toda reunião tem que ter uma história minha.

Tendo por base o que você estudou e sua experiência de vida, você considera importante a inserção de disciplinas que fomentem o gosto pela leitura no currículo do curso de Biblioteconomia?

Comente, narrativamente, se você possui alguma história que gosta muito de contar e se esta possui relação com sua vida pessoal.

Tem uma história, que ela não tem muita relação com a vida pessoal, mas ela me marcou tanto, porque todo canto que eu conto – ela é infantil – as crianças sempre saem comentando dessa história, eles sempre riem. Que é a história sem fim né, que é a história mais longa do mundo, que é uma história que ela repete tanto que eles acham engraçado “e eu lembro, a primeira vez que eu contei ela foi lá na Biblioteca Pública e o TV UFC tava lá e aí eles filmaram e eu não tinha visto a opinião dos meninos e aí teve uma menina que disse assim “tia eram muitos gafanhotos, e veio outro gafanhoto e...” aí ela saiu contando a história e isso me marcou muito. Toda vez que eu conto é a mesma coisa “tia, mas tinha tanto gafanhoto assim pra sair?” Então é uma história engraçada infantil, que toda vez que eu tenho uma oportunidade é sempre ela que eu conto., porque ela tá pronta pra ser contada. Foi legal uma vez, como eu moro perto da UEC (Escola que ela trabalha), eu encontrava as vezes no lago Jacarey alguns dos alunos “olha a tia da história do gafanhoto” (risos). Então foi uma história que me marcou muito.

ANEXO D – Entrevista com a Contadora de Histórias Maria

ESQUEMA NORTEADOR 1: Memórias Leitoras: experiências de leitura

Para iniciar nossos trabalhos, vamos conversar sobre leitura na vida pessoal e profissional do Bibliotecário Contador de Histórias. Assim, este primeiro momento de nossa entrevista é reservado para você colocar suas impressões gerais sobre esta prática social que é a leitura.

Revisite suas lembranças mais remotas (antes mesmo de ingressar na escola) e conte-nos sobre:

a) Como tudo começou: Vestígios de leitura/narrativas orais que marcaram sua vida e sua memória.

É, quando criança, eu não tive, uma família leitora, os meus pais eles não tinham o hábito de ler em casa eu não tinha o hábito de ver eles com livros, jornais, revistas, essas coisas. A minha primeira relação com a leitura, foi com uma prima. Minha mãe trabalhava, meu pai também, e eu ficava com uma prima que veio do interior, e aí veio pra estudar e veio pra ficar comigo também né. Ela tava um pouco atrasada nas séries, nos estudos, ela já era uma mocinha, daí ela veio pra cuidar de mim, quando eu era criança e pra estudar. Então o primeiro contato que eu tive com a leitura, foi com gibis, através dela, né? Era as leituras mais fáceis que ela conseguia ler, que ela conseguia decifrar né, era os gibis e também aquelas cruzadinhas, que as próprias cruzadinhas traziam umas dicas, umas piadas, algumas coisas. Era o que eu via, o material que eu via mais quando era criança, mas assim, de ter uma família, que incentivava, que sempre me dava livros? Eu não tive isso, na minha infância.

b) Que momento de sua infância você considera como precursor de seu gosto e interesse pela leitura? Que sujeitos (mediadores) participaram deste momento?

Então como eu já falei né, como tudo começou em relação a leitura e o meu primeiro contato com os livros mesmo em si, aconteceu na escola, quando eu já fazia a quarta série, que o primeiro livro que eu li se chamava “magia das arvores”. Foi um livro paradidático indicado pela professora, ele era, era... foi a minha primeira leitura e aí logo de cara eu já gostei, eu li esse livro em uma noite, o livro inteiro, era a primeira vez que eu lia um livro todo então, eu fiquei, assim, muito, como eu que eu posso dizer? Maravilhada, com aquele livro, ele falava da questão da preservação ambiental, de preservar as arvores, né, o meio em si, mas de uma forma muito lúdica, de uma forma que tinha magia, que tinha uma ludicidade toda para encantar o leitor. Então esse foi o meu primeiro contato com a leitura que eu tenho lembrança.

c) Tipos de leitura que praticava na infância

Na minha infância os livros da leitura que eu tinha mais, é... mais proximidade era os gibis como eu já disse, e também na escola, os paradidáticos, não pela biblioteca, mas por paradidáticos mesmos indicados em sala de aula.

d) Quais suas experiências mais significativas com a leitura:

Na escola; Na Biblioteca

Na Universidade (ou faculdade);

Na minha primeira escola, na minha segunda escola, porque a primeira eu fiz educação infantil e não tinha biblioteca, na minha segunda escola tinha biblioteca, mas ela não era a biblioteca escolar ideal, não era aquela biblioteca escolar que a gente fala que traz incentivo à leitura, que é dinâmica, que é lúdica, a biblioteca da minha escola não era isso. Ela era um espaço onde havia alguns livros né, o rapaz que trabalhava lá, ele não era bibliotecário, na época, eu na verdade nem sabia que existia o profissional bibliotecário que era responsável pela biblioteca e tinha faculdade pra isso, né, na época eu não sabia. Eu sei que esse senhor que

trabalhava lá ele não era bibliotecário, a gente frequentava a escola, a biblioteca da escola muito pra fazer pesquisa no período da tarde, mas era aquela coisa bem supérflua, em enciclopédia, pra escrever em cartolina, essas coisas todas né. A biblioteca da escola era também muito utilizada para várias coisas. As vezes tinha exame médico para saber se era apto pra educação física, o médico ia atender na biblioteca, as vezes quando você chegava atrasado na aula, você ficava na biblioteca esperando a próxima aula começar, as vezes quando você era expulso de sala também você ficava na biblioteca esperando a próxima começar. Então assim, era usada para várias coisas que as vezes até chegava a afastar os próprios alunos da biblioteca porque, você ver aquele ambiente como lugar de castigo. Como você mereceu estar ali porque chegou atrasado, porque você mereceu estar ali porque foi expulso de sala, não é assim um local que você se agrada muito de estar né. E as vezes poderia ser até um incentivo do colégio, tipo, cheguei atrasada? Vou ter alguma leitura na biblioteca, vou ler na biblioteca, mas, isso não acontecia, a gente não era estimulada, não tinha uma pessoa que conversasse com a gente, que falasse: “ah você chegou atrasado? Mas tem livro tal que você pode ler você pode né, enquanto você não vai pra outra aula, vai lendo pra ver se você gosta” não tinha isso. Acabava mesmo sendo um local de “to ali porque fiz alguma coisa e não foi legal”

Na faculdade, né, por incrível que pareça, as minhas melhores lembranças são de histórias infantis, porque, eu participei de um grupo de contação de histórias na faculdade, e apesar de a gente não contar apenas histórias infantis, é... as histórias que eu mais me identificava eram as infantis, as que eu mais gostava de contar, as que eu mais gostava de ler, as que eu mais gostava de decorar eram as infantis. Então, durante a faculdade as minhas melhores lembranças de leitura são histórias infantis como: a Menina Bonita do Laço de Fita, Dona Baratinha, é... histórias em geral da Ana Maria Machado, Maria vai com as outras da Silvia Orthof, e outras histórias que Bia Bedran, enfim, histórias infantis foram as narrativas que mais marcaram a minha estadia na universidade

f) Como se constitui o seu cotidiano leitor?

Bem, hoje eu trabalho em uma biblioteca escolar né, então, os livros que mais tenho acesso hoje em dia são: livros didáticos que são propriamente em si da biblioteca né, livros: português, matemática, literatura. Livros de literatura infanto-juvenil que é o que hoje em dia eu mais tenho acesso, que eu tenho que estar por dentro, porque é o que a galera mais gosta. Autores como: Paulo Pimenta, Talita Rebouças, Bruna Vieira são autores mais “teens” né, até mesmo as blogueiras né, é assim uma leitura que eu não... bem, não é que eu não goste, não sou muito... como eu posso dizer? Não tenho tanta afinidade com essa leitura, mas, é uma leitura que eu tenho que estar por dentro, mesmo que eu não leia os livros, tenho que estar por dentro dos assuntos, que é pra eu tá podendo né, ajudar, indicar, enfim, pros meus leitores né, pros meus usuários. Mas no momento as leituras que eu mais gosto de ler, que eu tenho mais lido ultimamente, sem dúvida são textos acadêmicos, porque eu estou fazendo uma pós-graduação na área de biblioteconomia, então assim, as coisas que eu mais tenho lido agora são textos da área, justamente para construir o meu TCC, mas assim, as leituras por prazer mesmo, por hábito de leitura, o que eu mais tenho gostado de ler nesse momento são livros religiosos, engraçado, talvez pelo contexto de eu estar em uma escola católica, não sei se por isso, mas eu tenho me sentido atraída por isso, por esses livros de, de religião, essas reflexões né. Padre Fabio de Melo, também tenho me apaixonado demais pelos livros dele né, o último livro que eu li dele, chamava “Tempo de esperas” e era um livro muito lindo! Assim, não somente voltado para a religião, mas também pra vida mesmo sabe? Livro realmente de ensinamentos, então assim, são as leituras que mais ultimamente tem me atraído, são esses livros de religião, reflexão enfim.

Comente, narrativamente, sobre leituras de livros que marcaram sua vida pessoal e profissional:

a) Na infância.

Na infância, como já falei, esse livro “magia das arvores” que foi assim, o primeiro livro que me abriu as portas para leitura, então é um livro que marca muito meu período de infância.

b) Na adolescência/juventude.

Na adolescência, eu lembro de um livro que se chamava “Um pai para Vinicius” Não lembro o autor, mas ele era um livro, que falava sobre uma adolescente, que infelizmente tinha sofrido um estupro e tinha engravidado do estupro, e esse livro me chamou muita atenção porque na minha época de adolescente, esse não era um assunto que não tratado abertamente, né, os nossos pais eles não falavam abertamente de sexo, de estupro né, de como é que era a realidade, pelo menos na minha realidade não, assim, meus pais não conversavam isso comigo. Então foi um livro que me chamou muita atenção por que falava de uma história que nossa, ninguém comentava comigo, que era escondido, que era na surdina, que eu sabia que existia, mas que ninguém falava, que era preconceito, que era... enfim. Foi um livro que marcou muito a minha adolescência, que eu lembro.

c) Na vida profissional.

E na minha vida profissional, é... um livro que eu lembro agora, foi um livro do Paulo Freire: A importância do ato de ler, esse livro, eu usei muito na minha monografia, que foi sobre a leitura, sobre o incentivo a leitura e ele é um livro que nossa, fala da ludicidade da leitura, fala da importância da leitura para a sua vida escolar, sua vida pessoal, pra sua vida acadêmica, pra sua vida mesmo. Então assim, eu usei ele na minha monografia e eu indico demais assim, foi um livro que marcou muito assim o final da minha vida acadêmica que foi quando eu estava terminando a monografia e profissional também. E os livros que mais me incentivaram na minha vida profissional mesmo, me incentivaram não, me ajudaram na minha vida profissional foram os livros relacionados a área de biblioteconomia.

ESQUEMA NORTEADOR 2: Memórias Leitoras: formação profissional

Disciplinas/projetos/pessoas que incentivaram na mediação ou na escolha profissional

Na prática de Contador de Histórias; no exercício como bibliotecário;

Na vida, em geral.

a) Você acredita que o curso de Biblioteconomia contribuiu para sua atuação enquanto mediador de leitura?

Sim, com certeza, não há nem o que se questionar em relação a isso, o curso de biblioteconomia ele ... na verdade para ser bem sincera, eu só consegui me identificar de verdade no curso, depois que eu iniciei a atividade de mediação de leitura através da contação de histórias, até então eu não tinha me encontrado de verdade dentro do curso né, mas isso aconteceu bem no começo. Primeiro semestre eu já me interessei de cara pela contação de histórias e partir de então foi que tudo começou a fazer sentido estar dentro do curso, porque você vê vários seguimentos que você pode estar se engajando né, tem gente que se identifica mais com a área técnica do curso, pra estar fazendo o processamento técnico dos livros, do material em geral, tem gente que se identifica mais com a pesquisa, tem gente que se identifica mais com as normas técnicas e tem aquelas pessoas que se identificam mais com o social e com essa questão de incentivo à leitura, então foi pra mim assim o que fez me encontrar dentro do curso de

biblioteconomia realmente foi a mediação da leitura, a contação de histórias, então sim, com certeza ele fez toda a diferença pra essa minha atuação quanto mediadora

b) Papel da leitura /Valor da leitura na vida pessoal, na sua formação profissional e na prática.

Bem, a leitura ela tem um papel importantíssimo, acredito que na vida de todas as pessoas, não só eu como bibliotecária ou como profissional da educação, em todas as áreas e leitura ela é essencial, é através da leitura que a pessoa amplia o seu vocabulário, ela se expressa melhor, ela tem argumentos numa conversação, ela sabe se posicionar perante ao público, perante as pessoas, ela cria autonomia para ter suas próprias opiniões suas próprias ideias, formar seus próprios conceitos, então a leitura tem um papel essencial na vida profissional, na vida pessoal, na vida acadêmica de qualquer pessoa. Na minha formação profissional não poderia ter sido diferente principalmente porque o curso de biblioteconomia é um curso que exige muitas leituras, se você já estiver habituado com a leitura, você vai ter menos dificuldades, bem, dificuldades você sempre vai ter porque a linguagem é diferente, a linguagem técnica é diferente de uma linguagem que você lê literatura, mas, você vai ter menos dificuldades, e na vida profissional na minha formação profissional, eu acho que é como eu já disse né, principalmente porque eu trabalho em biblioteca, então eu tenho que estar sempre atenta mesmo que eu não leia todos os livros, mas eu tenho que estar sempre atenta com as notícias, as novas publicações, os autores que estão na mídia, os autores que os meninos estão gostando, enfim, é uma vida continua na leitura e na minha prática como bibliotecária também porque é como eu acabei de falar, eu preciso estar sempre atenta nas leituras, nos livros do momento, nos best-sellers e enfim, isso aí é um coisa que vai me acompanhar durante toda a minha vida como bibliotecária, eu espero que sim né.

ESQUEMA NORTEADOR 3 - Memórias Leitoras: Mediação de Leitura

1 - De que maneira você realiza ações de mediação de leitura no campo de atuação profissional?

Bem, atualmente eu trabalho em uma biblioteca escolar de instituição privada aqui de fortaleza e o meu seguimento é do sexto ano do fundamental, ao 3 ano do ensino médio, ou seja, aqueles jovens que estão saindo da infância, estão entrando na adolescência, e os adolescentes que estão saindo para buscar novos caminhos: universidade, vida profissional, enfim, é um público bem diversificado, é um público que tá saindo da infância e que tá saindo da adolescência, vamos dizer assim né, então assim, são mediações diferentes para cada um dos dois públicos, mas a gente pode estar tentando mesclar pode estar tentando juntar e conseguir fazer um trabalho legal, pela minha experiência como bibliotecária eu ainda não trabalhei com biblioteca infantil, mas pelo que eu vejo aqui no colégio onde trabalho, essas crianças que estão saindo do quinto ano e vindo para o sexto eles não são mais crianças, eles tem aquele assunto mais do momento, aqueles livros que estão mais em alta e os mais velhos também né, do ensino médio, então assim, vamos dar aqui um exemplo de uma mediação a leitura legal que consegue atingir esses dois públicos. Por exemplo: uma roda de leitura, um clube de leitura, que fale dos best-seller do momento, livros que viraram filmes por exemplo. Então a gente já fez essa atividade aqui na escola, pegou alguns alunos né, fizeram as inscrições, porque também não dava pra abranger todos os alunos, pegamos aqueles que se interessavam mais e fizemos aquele momento de roda de leitura e eles puderam trazer aqueles livros que eles mais gostaram que já tinham virado filme. A gente conversava sobre o livro, conversava sobre o filme, a gente via o que tinha de diferente no livro e no filme, se tinha gostado mais do livro ou do filme, se aquela história tinha alguma relação com a vida pessoal dele, se era por isso

que eles gostavam tanto, então é uma maneira de medir a leitura, mas num assunto mais jovem né, mais do momento o que realmente é o que eles gostam. Outra forma de medir a leitura que ainda não apliquei, mas estou pensando em aplicar é alguma forma de fazer isso pelas redes sociais, eu ainda estou estudando aqui a questão da divulgação das páginas nas redes sociais do pessoal da escola pra ver como a gente pode mediar isso, mas eu acho que é muito bom porque é o que eles usam hoje em dia, não tem como a gente fugir das tecnologias. Então assim, na verdade estou falando da mediação da leitura que contação que histórias não deixa de ser uma mediação, mas falando aqui da mediação né, não vamos pular as partes (risos) eu acho que é uma boa né, você usar rede social para divulgar livro, para colocar assim algum trecho de livro e os alunos completarem, sei lá: “fulano de tal diz tal coisa, o que pessoa tal respondeu em seguida?” ai eles vão lá e comentam, na rede social, enfim. A gente tá pensando ainda em como desenvolver isso.

2 – Diante da atual conjuntura social, mediada por aparatos tecnológicos e mídias sociais, como você percebe as ações de mediação de leitura, sobretudo a contação de histórias, no cotidiano das crianças e jovens nesse novo contexto?

Eu acho que hoje, os grupos de contação de histórias estão em alta, quando a gente faz uma pesquisa na internet sobre grupo de contação de histórias, existem vários do tipo que conta pra criança, que conta pra adulto, que conta pros dois públicos, grupos que fazem a contação com o próprio livro, outros grupos que não utilizam o livro, utilizam a memória, utilizam fantoche, fantasias, aparatos, então enfim, eu não acho que esse tempo de contação de histórias tenha ficado para trás com os aparatos tecnológicos, eu acho que inclusive eles podem ajudar, você tá fazendo uma contação de histórias e de repente você coloca um vídeo que tenha a ver com aquela história, um vídeo no data show, já coloca uma música durante a contação, enfim eu não considero que a contação tenha ficado para trás, eu acho que as narrativas orais ela tem que sofrer uma alteração, elas sofrem uma alteração por conta das mídias, os contadores de histórias eles precisam acompanhar o crescimento, até porque as crianças de 20 anos atrás não são as mesmas de hoje, as de hoje são bem mais antenadas, já nascem sabendo o que é um celular, já nascem sabendo usar as redes sociais, já nascem sabendo pesquisar os vídeos, enfim. A gente realmente tem que estar se atualizando e introduzindo eles nas histórias e eu não acho que fique para trás em relação a isso não.

3 – Você usa as Tecnologias da Informação e Comunicação no seu exercício de contador de histórias?

Bem no trabalho eu não tinha contado histórias com ludicidade como antes porque eu não ando trabalhando com outros os tipos de público, eu já fiz algumas atividades de contação de histórias fora do trabalho atividades particulares mesmo e até agora nas minhas contações eu ainda não tenho utilizado aparatos tecnológicos não. Em relação a multimeios, mas acho uma ideia muito interessante, que pode ser estudada e a minha mediação da leitura com a tecnologia como eu já tinha comentado antes a questão de usar as redes para tá mediando de alguma forma

3 – Na prática enquanto contador de histórias que artifícios você utiliza para chamar a atenção dos ouvintes? Como se constitui a sua performance?

Na minha pratica como contadora de histórias, eu utilizo as memorias e as narrativas orais, as histórias geralmente eu decoro elas, mas eu não conto elas tal qual está no livro, as vezes eu improviso algumas partes, incluo algumas falas diferentes e que fazem sentido na história,

principalmente se for história infantil, se for alguma história, tipo poema né, uma história para um público mais adulto a gente gosta de ser mais fiel ao conteúdo, as palavras que o autor usa, mas se for história infantil não, a gente improvisa né, mas sempre com a história memorizada e principalmente se for pra criança é muito importante que tenha apetrechos, fantoches, um véu, chapéu, balão, o que tiver a ver com a história, eu não uso muito a caracterização, por exemplo, as vezes você põe uma asinha, você põe umas anteninhas, você põe assim algum apetrecho que deixe você parecida com algum personagem que você tá contando na história, mas a caracterização total que seria vestido, que seria capa, roupa total, eu ainda não utilizei na contação de histórias

Tendo por base o que você estudou e sua experiência de vida, você considera importante a inserção de disciplinas que fomentem o gosto pela leitura no currículo do curso de Biblioteconomia?

Completamente importante, completamente, geralmente quem é da biblioteconomia já tem uma aptidão pela leitura, mas isso não é uma regra, pode acontecer de pessoas que caem no curso de paraquedas, de pessoas que caem no curso, mas não tem o hábito de ler, o gosto o prazer de ler. Então assim, é completamente importante, e também é muito importante assim nos períodos iniciais, porque a pessoa já vai saber se aquilo ali dá pra você e se realmente aquilo ali é algo que você gosta. Porque assim, um bibliotecário tem que ser um leitor, existe bibliotecário técnico que é aquele que mais faz trabalho técnico, cataloga, classifica, mas mesmo assim ele é indiretamente um leitor porque ele precisa saber o que aquele livro tá falando ele precisa fazer um resumo na hora da catalogação, ele precisa ter uma base, então, tudo isso precisa de leitura, então eu acho primordial disciplinas que fomentem o gosto pela leitura, principalmente porque depois de formado como bibliotecário, um dos principais papéis dele é fomentar o gosto pela leitura nas outras pessoas nos usuários, nos alunos, nos pacientes se ele trabalhar em hospital, enfim. É primordial, eu acho muito importante.